

Revista
Brasileira de
Linguística
Antropológica

Volume especial, Julho (2020)



Revista
Brasileira de
Linguística
Antropológica

Volume especial, Julho (2020)



UnB



Universidade de Brasília

Reitora

Márcia Abrahão Moura

Vice-Reitor

Enrique Huelva Unternbäumen

Decano de Pesquisa e Pós-Graduação

Adalene Moreira Silva

Diretora do Instituto de Letras

Rozana Reigota Naves

Descrição da capa: Aritana Yawalapíti e Tapí YAwalapíti, Aldeia Yawalapíti, Alto Xingu (2019). Foto: Gisele Gianello

Cover description: Aritana Yawalapíti and Tapí YAwalapíti, Aldeia Yawalapíti, Alto Xingu (2019). Photo: Gisele Gianello

R454 Revista Brasileira de Linguística Antropológica / Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, Editora – v. especial (julho de 2020) – Brasília: Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2020

Semestral
ISSN 2176-834X

1. Linguística antropológica. 2. Línguas e culturas indígenas – Américas. 3. Linguística histórica. 4. Tipologia linguística. I. Cabral, Ana Suelly Arruda Câmara.

CDU 81'27

Conselho Editorial

EDITORA
editor •

Ana Suelly Arruda Câmara Cabral
(Universidade de Brasília)

DIRETORES
managers •

Ana Suelly Arruda Câmara Cabral
(Universidade de Brasília)

Jorge Domingues Lopes
(Universidade Federal do Pará)

Marci Fileti Martins
Museu Nacional, (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

ORGANIZADORES DE EDIÇÃO
assistant managers •

Ana Suelly Arruda Câmara Cabral
(Universidade de Brasília)

Beatriz Carretta Corrêa da Silva
(Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas, Universidade de Brasília)

Rozana Reigota Naves
(Universidade de Brasília)

EDITORAÇÃO
desktop publishing •

Mateus Seabra
(LALLI, UnB)

CAPA
cover •

Rudá Cabral e Mateus Seabra
(LALLI, UnB)

Conselho Científico

IN MEMORIAM

Aryon Dall'Igna Rodrigues

(Universidade de Brasília)

Bartomé Melià

(Centro de Estudios Paraguayos)

Eric Hamp

(University of Chicago)

Francisco Mauro Salzano

(Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

MEMBROS HONORÁRIOS

honorary members •

Lyle Richard Campbell

(University of Hawai'i at Mānoa)

Rodolfo Cerrón Palomino

(Pontificia Universidad Católica del Perú)

Sarah Grey Thomason

(University of Michigan at Ann Arbor)

Terrence Kaufman

(University of Pittsburgh)

MEMBROS NO EXTERIOR

members abroad •

Willem Adelaar

(Universiteit Leiden)

William Poser

(University of British Columbia)

Marianne Mithun

(University of California at Santa Barbara)

Marie-Claude Mattei-Muller

(Universidad Central de Venezuela)

Elena Ruzickova

(California States University Los Angeles)

María Emilia Montes Rodriguez

(Universidad Nacional de Colombia)

Jon Landaburo

(Ministerio de Cultura de Colombia)

Verónica M. Grondona

(Eastern Michigan University)

Daniel Leonard Everett

(State University of Illinois)

Wolf Dietrich

(Universität Münster)

Robert Brooke Allen

(Independent researcher)

MEMBROS NO BRASIL
members in Brazil •

Susan Berk-Selligson

(Vanderbilt University)

Pilar Valenzuela

(Chapman University)t

Pablo Diener

(Universidade Federal do Mato Grosso)

Enrique Huelva Unternbäumen

(Universidade de Brasília)

Maria Luiza Ortíz Alvaréz

(Universidade de Brasília)

Marci Fileti Martins

(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Rozana Reigota Naves

(Universidade de Brasília)

Betty Mindlin

(Instituto de Estudos Avançado, Universidade de São Paulo)

Julio Cezar Melatti

(Universidade de Brasília)

Thereza Maher

(Universidade Estadual de Campinas)

Roque de Barros Laraia

(Universidade de Brasília)

Sanderson Castro Soares de Oliveira

(Universidade Federal do Amazonas)

Abdelhak Razky

(Universidade Federal do Pará)

Carmen Sylvia Junqueira

(Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)

Priscila Faulhaber

(Museu de Astronomia, Rio de Janeiro)

Fábio Bonfim Duarte

(Universidade Federal de Minas Gerais)

Francisco Silva Noelli

(Universidade Estadual de Maringá)

Apresentação

Sendo a língua um dos principais constituintes das culturas humanas, os estudos linguísticos, tanto sincrônicos quanto diacrônicos, devem estar associados, naturalmente, não só ao conhecimento dos diversos aspectos dessas culturas, como organização social, conhecimento do respectivo meio ambiente, cultura material e tecnológica, práticas artísticas e lúdicas e tradições históricas, mas também aos fatores biológicos e psicológicos dos falantes, e ao meio físico e social em que vivem.

É essa concepção da língua como envolvendo todo esse conjunto de propriedades das sociedades humanas que nos motiva a lançar a Revista Brasileira de Linguística Antropológica para ser um fórum aberto a contribuições não só de linguistas, mas também de antropólogos, arqueólogos, biólogos, psicólogos, e outros especialistas no aprofundamento dos conhecimentos sobre os seres humanos, neste caso, sobre os indígenas das Américas e, mais particularmente, os sul-americanos.

A Revista Brasileira de Linguística Antropológica é constituída das seguintes seções:

- Espaço do Editor
- Artigos
- Do passado e do presente (traduções)
- Relembrando
- Recensões
- Notícias

Presentation

As language is one of the main constituents of human cultures, the linguistic studies, either synchronic or diachronic, should be naturally associated not only to the knowledge of the several aspects of those cultures, such as their social organization, natural environment, material and technological culture, ludic and artistic practices, and historical traditions, but also to the biological and psychological factors of the speakers as well as to their physical and social environments.

It is this concept of language as involving this whole set of properties of human societies which motivate us to inaugurate the *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, as a forum to contributions not only by linguists, but also by anthropologists, archeologists, biologists, psychologists, and other scholars interested in the deepening of the knowledge on human beings, in this case, on American natives, the South American native peoples

Revista Brasileira de Linguística Antropológica consists of the following sections:

- Editors's corner
- Articles
- Past and present (translations)
- Remembering
- Reviews
- News

Objetivo e Política Editorial

A Revista Brasileira de Linguística Antropológica (RBLA) é uma revista aberta, de publicação contínua e publicação de números especiais, publicada pelo Laboratório de Línguas Indígenas, Instituto de Letras da Universidade de Brasília. Fundada em 2009 por Aryon Dall’Igna Rodrigues e Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, a revista visa ser um fórum frutífero para os estudos acadêmicos sobre as línguas e culturas dos povos nativos das Américas, com foco especial no continente sul-americano. Seus principais interesses são artigos, relatórios de pesquisa, diários de campo, ensaios bibliográficos e resenhas de estudos linguísticos que enfatizem a interface entre língua e cultura em uma perspectiva descritiva ou histórica. A revista publica estudos sobre línguas e culturas nativas, entre os quais, léxico, fonologia, gramática, sistemas e campos semânticos, classificações culturais de plantas e animais, etnografia, etno-história, onomástica, sistemas de parentesco, pré-história linguística e cultural, genética humana, contato de línguas, processos de obsolescência e de revitalização linguística, análises de texto e de discurso, artes verbais, linguagem ritual e expressões linguísticas de distinções de gênero. Estudos sobre interpretações e discussões de material de arquivo, documentos históricos editados e contribuições à história do campo da linguística antropológica são também bem-vindos.

Aim and editorial policy

- Objetivo y Política Editorial • Objectif et Politique Éditoriale

Revista Brasileira de Linguística Antropológica (RBLA) is a Brazilian open access journal operating on a continuous publication basis and also publishing special issues, published by the Laboratório de Línguas Indígenas, University of Brasília. Founded in 2009 by Aryon Dall'Igna Rodrigues and Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, the journal aims to contribute as a fruitful forum for scholarly studies on the languages and cultures of native peoples of the Americas, with special focus on the South American continent. Its main concerns are articles, research reports, and bibliographical essays and reviews of linguistic studies highlighting the interface between language and culture in descriptive or historical perspectives. It publishes studies on a variety of aspects of the native languages and cultures, among which lexicon, phonology, grammar, semantic systems and fields, cultural classifications of plants and animals, ethnogeography, ethnohistory, onomastics, kinship, linguistic and cultural prehistory, human genetics, language contact, language obsolescence and language revitalization processes, text and discourse analyses, verbal arts, ritual language, and linguistic expressions of gender distinctions. Studies on interpretations and discussion of archival material and edited historical documents, ethnohistorical studies and contributions to the history of the field are as well welcome.

La Revista Brasileira de Linguística Antropológica es una revista brasileña de acceso abierto que opera en forma continua y también publica números especiales. Tiene como objetivo promover y difundir estudios científicos en las áreas de intersección de la lingüística sincrónica y diacrónica con las investigaciones sobre las culturas en el presente y en el pasado de los pueblos nativos de las Américas, con los estudios sobre las afinidades genéticas entre esos pueblos y las investigaciones sobre el medio ambiente en que se desarrollan. Así la revista incentiva la colaboración no sólo de lingüistas, sino también de antropólogos, arqueólogos, biólogos y otros investigadores que traigan contribuciones para mejor comprender la multiplicidad de lenguas que caracteriza nuestro continente.

Revista Brasileira de Linguística Antropológica est une revue brésilienne en libre accès opérant sur une base de publication continue et publiant également des numéros spéciaux, qui a pour but de promouvoir et divulguer des études scientifiques dans les domaines d'intersection entre la linguistique synchronique et diachronique et la recherche sur les cultures actuelles et anciennes des peuples indigènes des Amériques et sur les affinités génétiques entre ces peuples, aussi bien que celles sur l'ambiance naturelle dans laquelle ils se sont développés. Cette publication veut stimuler la collaboration non seulement de la part des linguistes, mais aussi des anthropologues, des archéologues, des biologistes et d'autres chercheurs qui puissent apporter des contributions pour mieux comprendre la multiplicité de langues qui caractérise notre continent.

Sumário

Table of Contents •

13	Esta edição Ana Suelly Arruda Câmara Cabral Beatriz Carretta Corrêa da Silva
	Tradução : Translation
25	Capítulo 1 Algumas crenças sobre a aprendizagem de uma língua
31	Capítulo 2 Revisão da filosofia e do método
45	Capítulo 3 O que você pode esperar aprender
49	Capítulo 4 Uma aula típica
53	Capítulo 5 Uma amostra para iniciantes
72	Capítulo 6 Seguindo em frente com a aprendizagem
79	Capítulo 7 Desenvolvendo vocabulário

88	Capítulo 8 A estrutura da língua: aprendendo gramática
93	Capítulo 9 Aprendizagem em níveis intermediário e avançado
100	Capítulo 10 Aprendendo histórias
105	Capítulo 11 Mais sobre a escrita
111	Capítulo 12 Problemas e estabilização da aprendizagem
117	Apêndice A Como desenvolver um programa em sua comunidade
135	Apêndice B Aplicando os princípios mestre e aprendiz à sala de aula
142	Apêndice C Desenhos
149	Leituras complementares
151	Sobre os autores

NOTA SOBRE A EDIÇÃO BRASILEIRA

A presente edição deste livro consiste na tradução para a língua portuguesa do texto original de *How to keep your language alive*, da grande linguista e indigenista norte-americana, Leanne Hinton, Professora emérita da Universidade da Califórnia em Berkeley. Trata-se de um livro de orientação prática, com muito bom senso, dirigido especialmente aos próprios indígenas que anseiam evitar que se interrompa a transmissão de sua língua para as novas gerações.

Algumas adaptações tiveram de ser empreendidas devido às necessárias alusões a situações práticas, que nas comunidades indígenas da América do Norte são em parte diferentes das situações familiares aos povos indígenas do Brasil. Pela mesma razão, foi efetuada substituição dos desenhos indígenas da edição original.

A presente tradução deveria ter sido publicada, em 2007, como volume da Coleção “Educação para Todos”, lançada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e Ministério da Educação (MEC), com a finalidade de promover o debate sobre a educação para todos. O acordo para a publicação foi consolidado entre o Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas (LALLI) do Instituto de Letras, da Universidade de Brasília e o Setor de Educação Indígena da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), com anuência da Profa. Leanne Hinton que, gentilmente, nos cedeu os direitos para a publicação da tradução da obra. Entretanto, os responsáveis pelo setor da SECAD, na época, não cumpriram com o acordo, dificultando o acesso à obra a povos indígenas e outros pesquisadores que trabalham com revitalização linguística.

Espera-se que esta versão brasileira, publicada pelo Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, produza junto às comunidades indígenas brasileiras os mesmos e virtuosos efeitos que a metodologia Mestre e Aprendiz de Leanne Hinton tem obtido.

*Aryon Dall’Igna Rodrigues
Ana Suelly Arruda Câmara Cabral
Beatriz Carretta Corrêa da Silva
Rozana Reigota Naves*

Agradecimentos

Este manual registra algumas informações importantes que os professores e as equipes assimilaram durante o Programa Mestre e Aprendiz de Aprendizagem de Língua da Califórnia, administrado pelos *Advocates for Indigenous California Language Survival* (AICLS – Defensores da Sobrevivência das Línguas Indígenas da Califórnia). O Programa Mestre e Aprendiz de Ensino de Língua da Califórnia foi concebido e desenvolvido em 1992, na primeira conferência sobre línguas para indígenas da Califórnia, e apresentada pela *Native California Network* (NCN – Rede Indígena da Califórnia). Durante a conferência, Leanne Hinton narrou uma conversa que mantivera algumas semanas antes com Julian Lang, a primeira pessoa a levantar a ideia de dar apoio financeiro a equipes formadas por um falante nativo de uma língua ameaçada e um membro mais jovem da comunidade para que eles pudessem trabalhar juntos de forma individualizada. Um *brainstorming* entre os participantes da conferência levou à estrutura básica do programa e, algumas semanas depois, a Diretora-Executiva da NCN, Mary Bates, e Leanne Hinton escreveram a primeira proposta de apoio financeiro ao programa. Naquele momento, os AICLS¹ estavam organizados como um comitê da NCN; eles administravam e continuaram a desenvolver e estruturar o programa. A NCN ficou encarregada de levantar fundos, contratar funcionários e trabalhar com os AICLS para aprimorar o programa. Com o passar dos anos, várias pessoas – Nancy Steele, Carol Korb Lewis, Darlene Franco e Audrey Osborne – trabalharam como funcionários do programa. A dedicação e a criatividade dessas pessoas ajudaram o programa a evoluir.

Cada equipe do Programa Mestre e Aprendiz também contribuiu para este livro. Seus êxitos ou dificuldades ajudaram-nos a aprender mais sobre o ensino e a aprendizagem de línguas. Agnes Vera e seu filho Matt Vera (já falecido – e nós sentimos muito a sua falta) estão entre os participantes do programa que guiaram o desenvolvimento das ideias contidas neste livro. Matt escreveu parte da primeira versão antes de seu prematuro falecimento; o grande talento de Agnes para o ensino foi especialmente útil para o programa. Professores do *California Foreign Language Project* (Projeto

¹ Os AICLS são atualmente afiliados ao *Seventh Generation Fund* (Fundo Sétima Geração) e estão intimamente associados ao *California Council for the Humanities* (Conselho da Califórnia para as Humanidades).

de Línguas Estrangeiras da Califórnia) organizaram oficinas excelentes que ajudaram a desenvolver nossas ideias. Recentemente, oferecemos treinamento a programas Mestre e Aprendiz em todo o país, e essas comunidades – cada uma com seus próprios recursos, ideias e limitações – também nos ajudaram.

L. Frank Manriquez, membro do conselho desde o início, foi fonte constante de encorajamento e inspiração. Muito agradecemos ao Prof. Stephen Krashen, que leu a versão preliminar deste manual e deu muitas sugestões para melhorá-lo. Nossos agradecimentos especiais a Malcolm Margolin, que deu apoio constante aos objetivos dos AICLS. Também somos gratos à Fundação Lannan pela assistência generosa tanto para a publicação deste livro, quanto para a preservação das línguas indígenas da Califórnia em geral. Este programa é o resultado dos esforços e da inspiração de uma grande equipe.

Como usar este manual

Neste manual você encontrará um método básico de aprendizagem de língua por meio da imersão individualizada. Os Capítulos 1 e 2 explicam a filosofia e o método do Programa Mestre e Aprendiz. Uma vez entendido o método, você poderá criar seu próprio programa. Mestre e aprendiz juntos devem decidir o que fazer, o que ensinar e o que aprender. Contudo, você precisará de alguma estrutura para suas atividades e este manual pretende ajudar você a desenvolvê-la.

Mais adiante, apresentamos amostra de duas semanas de aula para iniciantes, bem como lições de planejamento de aula e prática. Você pode seguir essa sequência de duas semanas ou apenas usar as lições como inspiração para desenvolver suas próprias ideias. Você pode introduzir mais conteúdo durante uma semana do que é apresentado nessas lições, mas elas o ajudarão a ensinar e aprender de forma efetiva. Essas lições são apresentadas em sequência lógica, mas você também pode seguir outra ordem, se achar apropriado. Sinta-se à vontade para experimentar e fazer as coisas à sua maneira ou apenas seguir o manual.

Para algumas equipes, certas lições ou atividades não serão possíveis por uma ou outra razão. Você pode tentar entender os objetivos de determinada atividade e desenvolver outra forma de atingir os mesmos objetivos. Nós incluímos capítulos que tratam de jogos, atividades e desenvolvimento de vocabulário para ajudá-lo a desenvolver e implementar efetivamente a aprendizagem.

Ainda que este livro seja escrito tanto para mestre como para aprendiz, ele é fortemente orientado para as ações do aprendiz. É o aprendiz que deve assumir a responsabilidade de aprender. Este livro não apresenta situações de sala de aula tradicional, com um professor treinado que decide o que o aluno deve aprender. O trabalho mestre-aprendiz é um trabalho em equipe e tanto um quanto o outro terão ideias próprias sobre o que deve ser aprendido e como aprender. Em muitos casos, porém, o aprendiz tomará a liderança no processo de transmissão da língua. Portanto, quando dizemos “você”, muitas vezes estamos querendo dizer “o aprendiz”, mas você verá que também temos muitas coisas a dizer ao mestre.

Ao longo de todo o livro, usamos os termos “professor”, “mentor”, “falante” e “mestre” indiscriminadamente para o membro da equipe que ensina a língua. O aprendiz é também chamado de “aluno” e “estudante”. Juntos, mestre e aprendiz formam uma “equipe” ou são “parceiros”. Levamos muito tempo tentando decidir como chamar a língua que está sendo aprendida. Na

literatura sobre aprendizagem de segunda língua, chama-se “língua alvo”, mas esse termo parece muito impessoal. Seria mais preciso chamar de “língua herdada”, uma vez que se trata da língua de seus ancestrais. Entretanto, alguns ativistas das línguas indígenas criticaram o termo, dizendo que se refere à língua dos imigrantes e não às línguas nativas. Ainda assim, nós usaremos tanto “língua herdada” quanto “língua de herança” em algumas situações; na maior parte do tempo, porém, nós chamaremos simplesmente de “sua língua”. Apesar de não ser a primeira língua que você aprende, ela é certamente a língua do seu coração.

Como manter sua língua viva: uma abordagem da aprendizagem individualizada baseada no bom senso

Dedicado à memória de Matt Vera

Introdução

Existem quase sete mil línguas no mundo. Menos de uma centena é ensinada em cursos de língua estrangeira; aproximadamente 40 línguas vivas são ensinadas nos cursos de língua na Universidade de Berkeley, Califórnia (junto com outras 20 línguas clássicas, como o latim e o grego clássico). Mas temos boas notícias: povos indígenas e imigrantes de todo o mundo que não tiveram a oportunidade de aprender a língua de seus avós podem aprendê-las sem o benefício de um curso regular. E é disso que trata este livro.

O Método Mestre e Aprendiz de Aprendizagem de Língua é um método de ensino de língua monitorado, criado para pessoas que não têm acesso a cursos de língua, mas têm acesso a um falante nativo. Esse programa foi originalmente desenvolvido na Califórnia para suas línguas indígenas ameaçadas de extinção. Existem 50 línguas indígenas na Califórnia que ainda possuem falantes nativos, mas nenhuma delas é aprendida em casa pelas crianças. Muitas dessas línguas possuem menos de uma dúzia de falantes, todos idosos. Esse programa foi desenvolvido para comunidades em que existem idosos que ainda sabem suas línguas, mas que raramente têm a oportunidade de usá-las. Ele foi projetado para comunidades que querem preservar suas línguas nativas e trazê-las de volta ao uso, de forma que os adultos possam aprender suas línguas de herança e passá-las adiante por meio do programa em casa, na escola ou na comunidade. Também foi desenvolvido para membros individuais das comunidades que queiram aprender suas línguas só porque as amam.

Na maior parte do mundo, há muito pouco ou nenhum apoio para famílias indígenas ou imigrantes que queiram manter suas línguas ativas. Os Estados Unidos agora oferecem apoio nominal à manutenção de línguas indígenas e fornecem relutantes serviços a falantes de línguas de imigração. Mas essas línguas foram com frequência suprimidas pelos governos (incluindo o governo dos Estados Unidos no passado e, em menor medida, ainda hoje), que tentam caracterizar seu uso como antipatriótico. O motivo pelo qual comunidades minoritárias trabalham para trazer suas línguas de volta ao uso não é necessariamente o desafio à língua nacional, mas o mero reconhecimento de sua herança e o desejo de retenção de laços de consanguinidade. Ao mesmo tempo, é um esforço admirável manter uma identidade separada, especialmente para os grupos indígenas que foram involuntariamente absorvidos às nações que reivindicaram seus territórios. Numa época em que a imprensa deplora o declínio das línguas minoritárias em todo o mundo, é inspirador ver a energia positiva, a paixão e a sensação de satisfação das pessoas que estão tentando salvar suas línguas de herança.

O Programa Mestre e Aprendiz surgiu dos esforços e da inspiração de muitos desses casos individuais.

Este livro pode servir tanto a povos imigrantes quanto indígenas, estejam suas línguas ameaçadas de extinção ou não. Quando cursos e livros estão à disposição, o método Mestre e Aprendiz pode ser usado de forma complementar para melhorar as habilidades de conversação. Para outras línguas de imigração que não têm acesso a cursos e livros, o método Mestre e Aprendiz pode ser o único meio de aprender uma língua. Não importa se a língua é o Mojave, o Hmong, o Espanhol ou o Cantonês, este método “faça-você-mesmo” pode ser utilizado para aprender qualquer língua.

O Programa Mestre e Aprendiz foi desenvolvido de forma que uma equipe altamente motivada constituída de um falante e um aprendiz possa ensinar/aprender uma língua sem a ajuda de especialistas. O ensino/aprendizagem se realiza por meio da imersão: os membros da equipe se comprometem a passar de dez a vinte horas por semana juntos, falando primordialmente a sua língua.

O modelo usado aqui combina abordagens de diferentes teorias. Adotamos a hipótese do *input* de Stephen Krashen (1985), que diz que aprendemos uma língua simplesmente ao entender o que é dito naquela língua. Mas como é que entendemos se não conhecemos realmente a língua? Entendemos porque a língua é falada no contexto das ações, que tornam claro o seu significado. Se alguém pega uma flor e diz, “*Viya tavsa*”, provavelmente entendemos que a pessoa está dizendo que se trata de uma flor. Se alguém segura uma xícara, aponta para um bule cheio de café e pergunta, “*Gomthe mithiiyii?*”, podemos entender que a pessoa está perguntando se queremos café². Simplesmente ao escutarmos uma língua de uma forma inteligível, dia após dia, nós podemos aprendê-la.

Como as pessoas podem passar horas todas as semanas fazendo-se compreender sem o uso do Português? O modelo incorpora alguns métodos da resposta física total (TPR), como explicado por J. Archer em *Learning Another Language Through Actions: The Complete Teacher's Guidebook*³ (1994). De acordo com o método TPR, a língua é combinada com a ação, e isso é especialmente útil nos estágios iniciais da aprendizagem de uma

2 Os dois exemplos citados aqui são na língua Havasupai, língua Yuma falada na região do Grand Canyon, Arizona. Utilizo como exemplo neste manual várias línguas. Algumas dessas línguas estão ameaçadas de extinção, algumas já não têm mais nenhum falante e outras – como o Havasupai – são abençoadas por terem crianças que ainda a aprendem em casa como primeira língua.

3 Aprender uma língua por meio de ações: guia completo para professores, tradução livre do título do livro de J. Archer, não publicado no Brasil.

língua. Por exemplo, o falante dá ordens (“Levante-se!” “Sente-se.” “Toque seu joelho.”) acompanhadas por gestos, e o aprendiz obedece. Ao combinar a língua com a ação, o aprendiz focaliza o **conteúdo** da mensagem e não as palavras em si. É assim que a aprendizagem da língua realmente acontece.

No entanto, o falante na equipe mestre-aprendiz raramente possui treinamento no ensino de línguas, por isso consideramos que o aprendiz é normalmente a pessoa mais capacitada para guiar o processo de aprendizagem. Dessa forma, queremos que o aprendiz entenda as técnicas de imersão descritas aqui e que seja capaz de levar o falante a usá-las. Também ensinamos ao aprendiz como fazer **elicitação linguística** – isto é, como perguntar ao professor as frases que o aprendiz deseja saber. O aprendiz faz o que os linguistas chamam de **elicitação monolíngue** – ele faz perguntas na própria **língua**, tais como “O que é isso?” ou “O que eu estou fazendo?”.

Partimos de um princípio da hipótese de Krashen, que diz que a prática efetiva da fala pelo aprendiz não é necessária para a aprendizagem de uma língua. Contudo, encorajamos fortemente o aprendiz a começar a falar a língua assim que se sinta em condições de fazê-lo. Isso porque o falante (o mestre na equipe mestre-aprendiz) não é professor profissional e muito provavelmente já não tem mais o hábito de falar sua língua há anos. O próprio falante precisa receber *input* de forma a retomar o hábito de falar em sua língua de herança, e não há ninguém além do aprendiz para dar esse *input*. O aprendiz de uma língua ameaçada de extinção tem uma tarefa muito maior do que simplesmente aprender uma língua: ele também está trabalhando com o falante para recriar uma comunidade de fala. Além disso, espera-se que o aprendiz de uma língua ameaçada se torne por sua vez professor da língua e possa, de fato, estar em situação de ensinar a língua ao mesmo tempo em que aprende.

Este método também utiliza uma forma modificada do modelo de competência comunicativa (ver, por exemplo, Lee e Van Patten, 1995), em que o mestre e o aprendiz enfatizam a aprendizagem da comunicação adequada em diferentes situações. O aprendiz aprende a agir e responder de maneira apropriada a cumprimentos, convites, perguntas, desculpas etc. Ele deve aprender a contar histórias, o comportamento cerimonial e outros atos de comunicação apropriados à cultura. É importante para a equipe passar tanto tempo quanto possível desenvolvendo atividades tradicionais num ambiente tradicional. Na Califórnia, as equipes podem passar algum tempo coletando plantas silvestres, fazendo cestos ou ferramentas tradicionais, tecendo indumentária tradicional, ou aprendendo canções. No meio-oeste dos Estados Unidos, pode-se enfatizar a canoagem ou acampamentos de verão.

Sejam quais forem as atividades tradicionais e os ambientes disponíveis, as equipes devem dedicar-se a eles.

Contudo, em relação às línguas ameaçadas, existem duas dificuldades principais no desenvolvimento da competência comunicativa: alguns atos tradicionais de comunicação podem não ser mais realizados ou o próprio mestre pode não os conhecer. Além disso, existem situações modernas de comunicação que não existiam quando a língua era falada ativamente.

Quanto aos atos de comunicação que o mestre desconhece (como histórias ou canções), a equipe pode tentar pedir ajuda aos idosos ou outros membros da comunidade. Se ninguém possuir o conhecimento necessário, a equipe pode encontrar registros na literatura etnográfica coletada por antropólogos. Os arquivos da Universidade de Berkeley, Califórnia, por exemplo, são frequentemente visitados por indígenas californianos em busca textos de orações ou músicas usadas em cerimônias. Esses registros são inestimáveis para povos que queiram recriar as funções tradicionais de suas línguas.

A equipe mestre-aprendiz pode usar a criatividade para contornar dificuldades em situações modernas de comunicação. Os membros da equipe passam algumas horas de seus dias juntos. A vida cotidiana geralmente envolve conversas em automóveis, lojas e outros ambientes modernos, além da necessidade de desempenhar atividades não tradicionais, como ir a uma lavanderia ou cozinhar em fogão elétrico. As conversas podem incluir temas como esportes, política e outros tópicos correntes nas modernas sociedades ocidentais. Se a língua ameaçada vai se tornar funcional outra vez, é essencial que ela seja falada nessas situações e que envolva esses tópicos. Dessa forma, os membros da equipe são forçados a se tornarem pioneiros linguísticos – criando novos atos de fala e talvez mesmo vocabulário novo.

Resumindo, nosso modelo Mestre e Aprendiz combina abordagens e teorias do método TPR, da hipótese do *input*, da competência comunicativa, da elicitación linguística, da pesquisa etnográfica, da nossa própria imaginação, além de boa dose de bom senso. Conforme você for avançando na leitura, verá que estamos tentando fornecer às equipes as ferramentas necessárias para que elas inventem seus próprios meios de falar uma língua e trazê-la de volta ao uso.

Para línguas ameaçadas, um programa de aprendizagem monitorado como este é um passo em direção ao que deveria ser – ou deve tornar-se – um programa multifacetado. É parte do esforço de reverter o declínio das línguas, esforço esse que deve incluir o ensino da língua e seu uso em casa e na comunidade.

Em algumas comunidades, esses esforços podem não ser possíveis neste momento, e pode até parecer demasiado pensar sobre isso, especialmente se só houver uma equipe formada. Nesses casos, você, aprendiz, deve assumir apenas uma responsabilidade além de aprender a língua: **ensinar tudo o que você aprender para outra pessoa!** Darrell Kipp, educador da língua Blackfeet, estimula os aprendizes a não esperarem até que saibam bem a língua antes de tentar ensiná-la. Se você aprendeu duas palavras hoje, diz ele, bata à porta de seu vizinho e diga: “Desligue a televisão! Chame as crianças! Aprendi duas palavras novas!”

Capítulo 1

Algumas crenças sobre a aprendizagem de uma língua

Crença: é necessário sala de aula, livros e professor com treinamento profissional para aprender uma segunda língua.

Pode ser reconfortante ter um professor profissional e bons materiais didáticos para ajudar a aprender uma língua, mas esse não é o único modo. Na realidade, de certa forma, é melhor aprender a sua língua fora do ambiente artificial de sala de aula – ao contrário, aprenda-a da maneira como você quer usá-la, na sua vida quotidiana, de forma a usar a língua para a comunicação real. Você pode aprender sua língua apenas estando perto dela todos os dias, ouvindo-a, aprendendo a entender o que você ouve e falando-a. Este programa vai mostrar como aprender uma língua apenas desenvolvendo as atividades do dia-a-dia, mas fazendo isso na língua que você está aprendendo e não em português. Você não precisa ser professor profissional para ensinar sua língua; você não precisa ter um professor profissional para aprendê-la.

Crença: é melhor aprender uma língua por meio da escrita.

Muitas pessoas acreditam que não é possível ensinar ou aprender uma língua quando não há material escrito disponível, ou talvez exista algum material, mas as pessoas não conhecem o sistema de escrita. Mas isto está errado! **Se você quer aprender a falar uma língua e entender as pessoas que a falam, você deve aprender falando e ouvindo e não lendo e escrevendo.** Isso é verdadeiro, quer a língua tenha ou não sistema oficial de escrita.

Muitas línguas indígenas não possuem sistemas oficiais de escrita. Algumas pessoas pensam que se querem ensinar ou aprender uma língua sem sistema de escrita, elas precisam desenvolver um sistema de escrita, fazer um dicionário e uma gramática antes de começar. Errado! É possível (e muito divertido) trabalhar no desenvolvimento de um sistema de escrita para sua própria língua, mas pense nisso como um projeto distinto da aprendizagem da língua. Um sistema de escrita será útil para registrar o que você está aprendendo, mas não é necessário.

Quando se aprende uma língua, geralmente se escreve as palavras para ajudar a lembrar, mas se você tentar pronunciar uma palavra olhando para ela, é possível que você pronuncie errado. Pode acontecer de você terminar com grande número de papéis com palavras anotadas, das quais você não consegue se lembrar e que não sabe pronunciar direito. Você precisa **escutar e falar** as palavras para aprendê-las. As palavras que você vai aprender devem ser registradas na sua mente pelo **som** e não pelo sistema visual.

Quando eu estava aprendendo francês, eu costumava fazer dois tipos de registros diferentes: lendo uma passagem em voz alta e tentando falar em

coral com uma gravação da mesma passagem – isto é, falando ao mesmo tempo que um falante nativo de francês. A diferença era impressionante! Na passagem que eu lia, eu tinha um sotaque tão forte que me arrepiava, mas quando eu lia em coral com a gravação, eu tinha uma pronúncia muito mais aproximada do francês de verdade.

Exemplos desse tipo mostram que a pronúncia é mais precisa quando a gente repete depois que outra pessoa fala. A leitura prejudica a pronúncia do aluno iniciante porque sua pronúncia é baseada numa fórmula de como as letras soam – e essa fórmula é geralmente baseada no conhecimento do português. A leitura pode ajudar quando você está tentando aprender a **ler** uma língua, mas pode prejudicar quando você está aprendendo a **falar** uma língua.

A escrita pode se tornar uma muleta quando se está aprendendo uma língua, se ficamos com medo de esquecer uma palavra e tentamos agarrá-la pela escrita. Mas aí ela está só no papel, não em nossas cabeças. Tente se livrar dessa muleta. No início, a melhor maneira de trabalhar com seu professor é pedir que ele diga alguma coisa repetindo algumas vezes; se você se sentir confortável, repita o que foi dito junto com o professor e, depois, pode ser preciso repetir uma frase ou uma palavra uma dúzia ou uma centena de vezes antes que ela se torne automática. Então, tente atividades diferentes que permitam a você escutar e utilizar as mesmas palavras e frases repetidamente. Mas se uma palavra está simplesmente repousando numa folha de papel, ela **nunca** vai se tornar parte do seu conhecimento verdadeiro da língua.

Crença: a gramática precisa ser explicada antes de poder aprender uma língua.

Se há descrições gramaticais disponíveis para a sua língua, use-as à vontade. Elas podem ajudar você a entender por que o mestre diz as coisas de uma maneira e não de outra. Mas, de novo, você não aprende uma língua com a explicação da gramática. Uma vez que a gramática da sua língua é tão diferente da do português, você pode pensar, como normalmente as pessoas pensam, que é preciso primeiro aprender a gramática para depois aprender a língua. Porém, os detalhes da estrutura gramatical são, em sua maioria, conhecimentos inconscientes para os falantes nativos e você pode aprendê-los de forma inconsciente também. Não é preciso dizer a uma criança que aprende português como língua materna que o sujeito vem antes do verbo e o objeto, depois dele. Ela aprende a criar frases corretamente sem nunca sequer ter ouvido falar em “sujeitos”, “objetos” e “verbos”. De fato,

para se comunicar em uma língua, a gramática **deve** ser aprendida de forma automática – você não pode decifrar conscientemente a estrutura da oração cada vez que quiser dizer alguma coisa.

A melhor maneira de aprender a sua língua com seu professor é começar sem nenhum preconceito. Ela não será como o português, então não se preocupe em ajustá-la ao português. Seja apenas uma esponja que absorve o conhecimento; não se preocupe em determinar onde está o sujeito, ou entender por que uma palavra não está no plural quando deveria estar em português, ou em decifrar todas aquelas terminações esquisitas nos verbos. Apenas repita e tente lembrar-se do que você ouve, com o tempo você lentamente começará a entender como a língua funciona. Mais tarde, você tomará consciência de algumas diferenças entre o português e a sua língua e, aí, você poderá tratar essas diferenças em detalhe.

Crença: a tradução é essencial para ensinar uma língua.

Uma das principais armadilhas no ensino de línguas é a crença de que é preciso traduzir tudo. Muito pelo contrário! Se tudo for traduzido, a aprendizagem da língua será mais lenta ou nula. Além disso, a língua será aprendida como mero reflexo do português. A sua equipe deve ter como objetivo último a imersão completa na língua, e isso significa: **NÃO USAR O PORTUGUÊS!** No início, você precisará utilizar o português apenas para discutir como vocês irão desenvolver as atividades, mas deve evitar ensinar vocabulário e frases por meio de tradução. Em vez de dizer “*Vasuwa* quer dizer azul” (o que não é verdade – essa palavra Havasupai se refere à parte do espectro de cores que vai do azul ao verde), caminhe pela sala tocando tudo aquilo cuja cor for representada pela palavra “*vasuwa*” e repita a palavra a cada vez (de preferência contextualizada em frases, assim ao apontar para um vestido azul, diga “*Viya heevij vasuwa vju*”).

Desta forma, o aluno irá enfatizar a compreensão do significado da palavra – o que ajuda no processo de aprendizagem – e também escutará a palavra diversas vezes. Além disso, ao invés de associar a palavra na língua à palavra em português, ele aprenderá a associar a palavra à sua gama de cores e ao seu verdadeiro significado.

Crença: adultos não conseguem aprender uma língua.

Quando a criança tem quatro ou cinco anos de idade, ela fala sua língua fluentemente, ainda que seus pensamentos sejam relativamente pouco sofisticados e existam muitas coisas que ela não consegue expressar

corretamente. As crianças absorvem as línguas rapidamente e sem esforço, enquanto para os adultos essa parece tarefa difícil e demorada. Mas se você for exposto a uma língua por quatro ou cinco anos – como uma criança é exposta à sua língua materna – você falará essa língua pelo menos tão bem quanto uma criança de cinco anos. E uma vez que você tem muito mais experiência, você estará linguisticamente mais adiantado que uma criança de cinco anos em praticamente tudo. Um aluno adulto provavelmente manterá para sempre seu sotaque, no entanto, é primordialmente a inibição do adulto e seu desejo de perfeição que farão com que aprender uma língua seja tão difícil. Meu neto de 18 meses está encantado consigo mesmo por ser capaz de nomear objetos e pessoas (“tetê” para a mamadeira, “mama” para mamãe). Se você for capaz de se encantar com pequenas e simples realizações como um bebê, a aprendizagem da língua será muito mais fácil.

O professor deve lembrar-se de que o aprendiz deve ser tratado com a mesma paciência que uma criancinha que está aprendendo sua língua materna. Você nunca diria a uma criança de dois anos, “Como você não consegue lembrar dessa palavra? Eu a ensinei na semana passada!”. Então não diga isso a seu aluno! Lembre-se de que o aprendiz deve escutar uma frase uma dúzia de vezes em diversas situações diferentes antes de aprendê-la. A impaciência do professor com o aluno e a impaciência do aluno consigo próprio são os maiores obstáculos à aprendizagem de língua por um adulto. Traga de volta o prazer e a confiança infantil, e aprender uma língua será tão fácil para um adulto como para uma criança.

Lembre-se, ainda, de como as crianças aprendem sua língua materna. Elas aprendem sem esforço, porque estão **imersas** na língua. Ao abandonar o português e contextualizar as atividades de ensino e aprendizagem, você estará recriando a situação de aprendizagem da infância. Os adultos podem aprender língua como uma criança, se eles aprenderem a língua da mesma forma que uma criança.

Crença: você precisa de dinheiro para aprender e ensinar uma língua.

No Programa Mestre e Aprendiz da Califórnia nós damos bolsas de estudos aos mestres e aos aprendizes: aos mestres para honrá-los por seus conhecimentos e trabalho árduo, e aos aprendizes para ajudá-los a diminuir suas horas de trabalho para que possam dedicar tempo ao estudo da língua. Entretanto, com duas pessoas dedicadas, o ensino/aprendizagem da língua pode ocorrer sem dinheiro algum. Se o aprendiz demonstrar apreço por seu mestre de alguma outra forma – como, por exemplo, trazendo-lhe frutas ou plantas de seu jardim, ou cortando lenha ou ajudando com a limpeza da casa

(atividades que podem tornar-se lições de língua também) – então o ensino/aprendizagem pode acontecer.

Daryl Baldwin, do povo Miami⁴, aprendeu sua língua, ensinou-a à sua família, transformou-a na língua usada em sua casa e ainda a ensinou em cursos de língua e acampamentos sem qualquer pagamento. Ele diz que tem medo de pedir bolsa ou solicitar financiamento, pois eles causam tantos problemas quanto resolvem. Eles causam inveja e dissidências, o que termina levando as pessoas erradas a fazerem o trabalho linguístico, enquanto as famílias tentam garantir que seus amigos ou parentes tenham benefícios financeiros.

Você tem de fazer aquilo que funciona no seu caso. Bolsas de estudos para indivíduos aprenderem suas línguas são muito mais difíceis de conseguir do que financiamentos de programas completos (ver Apêndice A, Como desenvolver um programa em sua comunidade). De qualquer forma, se você realmente quer aprender a sua língua, não espere pelo dinheiro, comece agora!

Crença: você precisa de apoio da comunidade para aprender sua língua.

O Programa Mestre e Aprendiz é concebido de tal forma que um único aluno e um só professor podem trabalhar juntos, sem o apoio da comunidade. Os grupos indígenas norte-americanos, conselhos tribais e outros membros do grupo geralmente não têm interesse na língua e não estão dispostos a comprometer recursos para sua revitalização. Mas a revitalização da língua pode começar com a visão e o compromisso de um único indivíduo. Você provavelmente vai perceber que seu exemplo vai despertar o interesse de outras pessoas e seus esforços podem significar o início de algo.

⁴ Miami é uma língua da família Algonquina falada nos estados norte-americanos de Indiana e Oklahoma (neste último devido à remoção forçada da maior parte do povo Miami do estado de Indiana). Daryl não podia aprender sua língua com o Programa Mestre e Aprendiz porque o último falante da língua havia falecido em 1962. Ele aprendeu sua língua fazendo um mestrado em linguística para que pudesse compreender o material que existia sobre sua língua. Seu êxito impressionante foi o princípio da revitalização da língua Miami.

Capítulo 2

Revisão da filosofia e do método

O Programa Mestre e Aprendiz de Aprendizagem de Línguas baseia-se na teoria de que adultos podem aprender línguas informalmente, ouvindo, falando e elicitando frases de um falante nativo e, principalmente, desenvolvendo atividades conjuntas em que a língua seja utilizada.

Esse processo é chamado de imersão linguística. Não há nada novo na imersão: é assim que as crianças sempre aprenderam sua primeira língua ao longo da História. As crianças aprendem porque as pessoas à volta delas utilizam a língua no contexto de suas atividades, permitindo que a criança compreenda os significados das palavras ou frases que elas nunca escutaram antes. Os pais podem dar um ursinho de pelúcia para seu bebê e dizer, “Olhe seu ursinho!”. Então, talvez a criança fique exultante e abrace o ursinho, e os pais dirão, “Oh, você gostou do ursinho. Que lindo esse ursinho!”. Neste intercâmbio, a criança compreenderá que o objeto que está sendo abraçado se chama “ursinho”, ainda que ela não possa dizer essa palavra por enquanto. Por meio dos padrões de entonação e das várias atitudes associadas à fala dos pais, a criança também começa a aprender palavras como “gostar” e “lindo”, sem falar nas regras da língua e no uso da interjeição, como “oh”.

Enfim, assim é que aprendemos nossa primeira língua – ou nossas duas ou três primeiras línguas para aqueles criados em ambientes multilíngues. Depois disso, no entanto, a aprendizagem de língua muda. Se iniciamos um curso de língua estrangeira na escola, a língua geralmente é ensinada por meio da leitura e da escrita tanto quanto ou mais do que da fala. A língua também é ensinada por meio da tradução do português para a nova língua. E nós conscientemente aprendemos a gramática da língua, usando termos como “advérbio” e “pronome” – palavras que nunca escutamos em nossos primeiros anos de aprendizagem. Estranhamente, a maioria dos que frequentam esses cursos de língua em escolas nunca aprendem realmente a falar a língua estudada. Por quê? Porque esses métodos não são eficientes para ensinar alguém a falar e entender uma nova língua e, talvez ainda mais importante, não oferecem o grau necessário de exposição à língua.

Quando adultos, nós ainda somos capazes de aprender línguas da forma que as crianças aprendem. Mas há algumas questões que nos impedem – especialmente questões sociais e psicológicas (além do fato de que já não abraçamos ursinhos de pelúcia em público). Uma vez que já conhecemos pelo menos uma língua, nós temos a tendência a pensar naquela língua e aplicar o conhecimento daquela língua à língua nova. Além disso, as crianças mais velhas e os adultos também se mostram conscientes do fato de cometerem erros e isso os intimida. Crianças pequenas são perfeitamente felizes ao brincar com a língua e dizer coisas ainda que não tenham comando total das regras da gramática. Os adultos temem os erros e empenham todos

os esforços para evitá-los – esforços como tomar notas de tudo, recusar-se a fazer frases novas e até mesmo recusar-se a falar na nova língua.

Os cientistas vêm há muito tentando decidir se há uma idade limite em que alguma mudança que possa dificultar a aprendizagem de uma nova língua realmente acontece no cérebro. Talvez exista realmente, mas sua importância é relativamente pequena se comparada às barreiras sociais e psicológicas que nos atrapalham. De fato, os adultos são perfeitamente capazes de aprender novas línguas, e o conhecimento de outras línguas pode mesmo ajudar a aprendizagem. É possível aprender uma nova língua sem sala de aula e sem livros; temos apenas que saber como fazê-lo.

Criando uma situação de imersão

Para aprender ou ensinar uma língua de herança é preciso desvencilhar-se do português durante o trabalho em conjunto da equipe (ver Capítulo 5, Atividades 2a, 2b e 2c). A ideia central é que as pessoas aprendem melhor quando estão envolvidas pela língua, quando não escutam nada em português e não traduzem do português para a língua. Em vez disso, aprendemos ao escutar a língua de forma que possamos entender o significado geral pelo contexto, pelos gestos e pelas atividades. Também aprendemos ao escutar a mesma palavra diversas vezes e ao tentar dizê-la nós mesmos. Muitas horas de imersão são necessárias para aprender uma língua.

A aprendizagem também ocorre com menos esforço no contexto de uma atividade. Se os membros da equipe fazem coisas juntos e falam sobre o que estão fazendo, então o aprendiz automaticamente entende e é, ao mesmo tempo, absorvido pela atividade em si e não pelo esforço consciente de aprender a língua. É ao ser absorvido pela atividade que a aprendizagem realmente acontece.

No Programa Mestre e Aprendiz a ideia central é que o aluno deve ter várias horas de exposição à língua por semana. O principal desafio é encontrar uma forma de ser exposto à língua. Você não pode ir até a comunidade que fala a língua se essa comunidade não existe. **Você deve, ao contrário, criar as situações de imersão.** Hoje, até mesmo para falantes fluentes, o hábito de falar na língua tradicional já está restrito a poucas ocasiões. Mesmo falantes fluentes da mesma língua indígena tendem a utilizar o português na comunicação diária um com o outro. O Programa Mestre e Aprendiz exige que tanto o mestre quanto o aprendiz desenvolvam o hábito de falar na língua de herança de maneira a criar a situação de imersão necessária.

Um aluno modelo

Um modelo para o Programa Mestre e Aprendiz é Loren Bommelyn, educador Tolowa⁵, dançarino, fazedor de cestos e com força criadora total. Quando eu o encontrei pela primeira vez, em 1982, eu disse alguma coisa como “Prazer em conhecê-lo”. Loren respondeu com uma frase em Tolowa e depois falou em inglês:

“Como você vai?”

“Nossa, o que foi que você disse antes?” – perguntei.

Loren falou em Tolowa mais uma vez e explicou, “Estou aprendendo a falar Tolowa, então, tento dizer tudo em Tolowa primeiro. Se não consigo, pergunto a um dos velhos da próxima vez que os encontro”.

Loren conversou, dessa forma, com seus amigos, familiares e inclusive desconhecidos, durante muitos anos. Hoje ele fala Tolowa fluentemente. Uma das razões pelas quais sua técnica de autodidatismo é tão engenhosa é que ele criou sua própria situação de imersão. Percebendo que não havia outra maneira de imergir na língua, Loren criou para si mesmo uma comunidade de fala fantasiosa, traduzindo tudo o que as pessoas lhe diziam para o Tolowa. Ele viveu na língua fazendo a língua viver nele.

Deixando o português de lado

O desejo de falar uma língua de mútua compreensão pode ser arrebatador, e tentar deixar o português de lado enquanto desenvolve o hábito de falar na sua língua de herança é seu maior desafio.

Agnes Vera disse-me certa vez que nos primeiros seis meses de trabalho com seu filho e aprendiz, Matt, ela precisava lembrar-se dúzias de vezes por dia de falar em Yowlumni e não em inglês⁶. Era tão difícil que ela tinha dores de cabeça. De repente, um dia, ela percebeu que estava falando apenas em Yowlumni sem pensar sobre isso. Ela havia conseguido! De fato, a partir daquele dia, Yowlumni passou a ser a língua que lhe vinha naturalmente, e ela teria de se lembrar de falar em inglês, quando a situação assim o exigisse. Esse é o objetivo que o mestre deve almejar.

⁵ Tolowa é uma língua Atabasca falada na parte nordeste da Califórnia e no sudoeste do Oregon.

⁶ Yowlumni é uma língua Penute falada no centro da Califórnia. Havia muito poucos falantes da língua, todos muito velhos. Os mestres Agnes Vera e Jane Flippo treinaram três aprendizes com muito sucesso. Matt Vera, filho de Agnes, foi seu primeiro aprendiz. Ele faleceu num acidente de automóvel há alguns anos, o que foi uma grande perda pessoal para amigos e familiares e uma tragédia para a revitalização da língua.

Mestres e aprendizes devem tentar desenvolver o hábito de falar uns com os outros na sua língua sempre que estão juntos. Vocês irão se envolver em muitas atividades em que a língua pode ser usada facilmente, da mesma forma haverá atividades em que a língua nunca foi falada antes; assim, vocês se tornarão inovadores linguísticos. Façam quaisquer atividades que queiram juntos, seja sentar-se para conversar, dar uma caminhada, cozinhar, fazer compras, ir à lavanderia, arrumar o carro, assistir a uma cerimônia, coletar frutos silvestres ou qualquer outra coisa. **Apenas tenham em mente que, seja qual for a atividade, vocês devem falar na sua língua.**

O aprendiz não precisa tentar dizer as palavras ou frases novas imediatamente, ao contrário, deve primeiro tentar entender o que está sendo dito. No princípio, será principalmente o mestre quem falará, enquanto o aluno ficará escutando. Com o passar do tempo, o aprendiz estará em condições de falar mais e mais. Muitas crianças pequenas que imigram para os Estados Unidos se sentam em uma sala de aula sem falar uma palavra por seis meses e, depois, começam a falar bastante bem. Você não precisa esperar seis meses antes de falar! Mas, ainda que você não consiga dizer nada agora, você pode reconhecer e entender algumas palavras – e essa é uma parte importante da aprendizagem. A fala virá depois. Os mestres também precisam entender isso. Sejam pacientes com seus alunos, se eles ainda não sabem dizer nada, lembrem-se de que a compreensão precede a fala.

Dez dicas para aprender bem uma língua

Dica 1: deixem o português de lado

Durante as 10 ou 20 horas semanais em que mestres e aprendizes estão juntos (ou tantas horas quanto possível), tentem comunicar-se **apenas** na sua língua. No início haverá alguma dificuldade, porque o aprendiz não saberá entender ou comunicar-se. Você pode melhorar a comunicação com mímica, gestos, ações e expressão facial, objetos e desenhos, fornecendo contexto e dizendo de outra forma (ver Dica 2).

Talvez, devido à falta de prática, mesmo o mestre não consiga falar somente na língua sem o apoio do português. Se for esse o caso, comece com períodos de cinco minutos de imersão completa a cada hora, usando o tempo antes e depois do período de imersão para discutir o que será falado, trabalhando vocabulário, frases etc. (ver Capítulo 3). Na segunda semana, aumente o período de imersão para dez minutos a cada hora, e assim por diante. Mas lembre-se de que o objetivo é abandonar o português completamente, ao ponto de planejar a próxima aula na sua própria língua, sem o apoio do português.

Perguntas básicas. Logo de início, o aprendiz deve aprender como perguntar coisas na língua, tais como “O que é isso?” ou “O que é aquilo?” (Em algumas línguas haverá várias traduções possíveis para “isso” ou “aquilo”, dependendo da distância, da visibilidade, do tipo de objeto). Ou perguntar “Como se diz X?”, por exemplo, se você estiver aprendendo Karuk⁷, você pode dizer simplesmente, “*Piipi* ‘mesa’” (traduzindo seria: ‘diga mesa’). Outras perguntas que devem ser aprendidas são “O que você está fazendo?” ou “O que eu estou/ele está fazendo?” ou ainda “Conte-me uma história” (ver também Dica 5).

Perguntas para aprender o nome das coisas:

- O que é isso?
- O que é aquilo?

Pergunta para aprender palavras ou frases:

- Como se diz ___?

Perguntas para aprender palavras de ação (verbos):

- O que estou fazendo?
- O que você está fazendo?
- O que ___ está fazendo?
- O que eles estão fazendo?
- O que devo fazer agora?

Lembrem-se: Talvez um problema ainda maior do que a falta de fluência do aprendiz seja que o mestre, um falante nativo, pode estar tão acostumado a falar português que seja difícil para ele parar de fazê-lo. Logo de início, pode ser uma boa ideia que o aluno aprenda a dizer algo como “Agora diga isso na nossa língua”. Sempre que um de vocês disser alguma coisa em português, o outro deve pedir para que repita na língua. Lembrem-se de que mesmo um falante nativo às vezes acha difícil falar em sua própria língua, porque já não está mais habituado a fazê-lo. Os alunos devem aprender a dizer coisas na língua que estimulem o mestre a falar o mais possível na língua.

⁷ Karuk é uma língua Hoka falada no norte da Califórnia por cerca de uma dúzia de falantes nativos, todos velhos. No entanto, eles foram muito ativos no ensino e na revitalização da língua e treinaram 15 pessoas que aprenderam Karuk como segunda língua no Programa Mestre e Aprendiz.

Frases para incentivar alguém a falar mais:

Agora diga isso na nossa língua.
Por favor, fale comigo na nossa língua.
Conte-me uma história.
Diga-me o que você vê neste desenho.
Conte-me como foi a sua infância.
Conte-me alguma coisa que aconteceu a você.

O aprendiz pode ajudar a estimular o mestre a falar na língua aprendendo como dar *feedback* apropriado. Em português, quando alguém está falando, demonstramos que estamos prestando atenção olhando para a pessoa que fala, balançando a cabeça ocasionalmente, dizendo coisas como “ãh-hãh” e “é”. Línguas diferentes têm formas diferentes de demonstrar a atenção do ouvinte. Aprenda as formas da sua língua de dar *feedback* e utilize-as.

Se vocês caírem no português, voltem rapidamente para sua língua. Pensem no português como uma mania que é preciso perder. Os vigilantes do peso dizem, “Se você sair do programa e engordar, não pense que você é feio, não decida que não pode ir adiante e não desista – deixe o passado para lá e volte ao programa”. Façam a mesma coisa com a sua língua. A imersão é tão difícil no início que vocês vão cair no português repetidamente, mas não desistam. Voltem para a sua língua e tentem outra vez.

Dica 2: utilizem comunicação não verbal

Ações. Demonstrem por meio de ações o que vocês estão tentando dizer. Se você for o professor, seu aluno lhe entenderá melhor; se você for o aluno, poderá ajudar seu professor a entender o que você está tentando dizer mesmo que você não conheça as palavras. Além disso, a pesquisa mostra que aprendemos melhor, se aprendemos as palavras incrustadas nas ações. Façam mímica, representações. Ou apenas realizem atividades como cozinhar ou fazer alguma coisa, conversando a respeito do que estão fazendo.

Exemplos: (1) Imagine uma aula de confecção de cestaria. Toda a aula pode ser conduzida sem que se recorra ao português. Ensine as palavras relacionadas aos materiais utilizados, apontando para eles enquanto diz o nome de cada um. Uma aula como esta pode também ser usada para ensinar comandos como “Sente-se”, “Pegue a palha”, “Junte a palha assim, em um feixe”. Ao trançar a palha, expressões como “Por baixo” e “Por cima” podem ser ensinadas; o professor pode repetir frases como “Trance a palha por cima e por baixo...” (tudo na língua).

(2) O aprendiz também pode fazer mímica para que o mestre compreenda algo que ele ainda não sabe dizer. Temos um vídeo de um aprendiz de Hupa⁸ que não sabia a palavra Hupa para nadar e imitou os movimentos de uma pessoa nadando para que o mestre entendesse o que ele estava perguntando. Levou um tempo até que o professor entendesse, mas eles permaneceram falando apenas na língua, o que é o principal.

(3) O mestre pode sugerir ações para que o aprendiz o entenda, por exemplo, o professor pode dizer “Venha aqui” e ir até o aluno, pegá-lo pelo braço e levá-lo ao lugar onde queria que ele fosse. Ou o mestre pode dizer “Sente-se” e mostrar uma cadeira ao aprendiz.

Gestos e expressões faciais. Apontem para as coisas sobre as quais estão falando e usem expressões faciais que ilustrem o pensamento. Lembrem-se de que os gestos apropriados diferem de uma língua para outra, e os próprios gestos podem ser o objeto de estudo em uma aula de língua. Em Karuk, por exemplo, é considerado falta de educação apontar com o dedo – aponta-se com toda a mão, com a palma para cima. Em Havasupai, não se usa a mão de forma alguma, em vez disso, aponta-se com os lábios cerrados.

Desenhos e objetos. Usem as coisas que estiverem ao alcance para ajudar a transmitir significado. E utilizem imagens de livros e revistas como tema para discussão.

Exemplos: (1) Matt e Agnes Vera contaram-nos que costumavam assistir televisão sem o som e conversavam em Yowlumni sobre as imagens que viam na tv.

(2) Pegue uma foto do álbum de família e converse com seu aluno sobre seus parentes, ou abra o caderno de desenhos das crianças e utilize as imagens para criar uma história junto com seu aprendiz.

Dica 3: ensine com frases completas

Ainda que você normalmente esteja enfatizando palavras específicas, as verdadeiras lições vêm do uso das palavras nas frases completas e da conversação na língua.

Exemplo: se você estiver tentando ensinar a palavra “porta”, não diga apenas “porta” nem utilize o português para traduzir ou explicar a palavra. Em vez disso, utilize a sua língua para dizer coisas como “Isto é uma porta”, “Onde está a porta?”, “Agora vou abrir a porta”, “Agora vou fechar a porta”, “Estou batendo na porta”. Usando gestos para ajudar na comunicação, diga

⁸ Hupa é uma língua Atabasca falada no norte da Califórnia. Há apenas uma dúzia de falantes nativos, mas há pelo menos três jovens adultos que aprenderam a língua por meio do Programa Mestre e Aprendiz e que agora ensinam aos outros.

“Está quente aqui, vamos abrir a porta”. Ou diga para seu aluno, “Saia e feche a porta”, “Bata na porta”, e quando ele bater, diga “Entre”.

É muito importante para o aprendiz escutar uma palavra ou frase muitas vezes para aprender a reconhecê-la e dizê-la. Com frases variadas, incluindo comandos, e os gestos que acompanham os comandos, o aprendiz escuta uma palavra (neste caso, “porta”) muitas vezes em contextos diferentes. Ele terá condições de distinguir a palavra no futuro quando a escutar e, mais tarde, ele poderá usá-la. As equipes devem lembrar-se do adágio usado por professores de língua: **a compreensão precede a produção**. Em outras palavras, o aprendiz deve concentrar-se na aprendizagem para reconhecer e compreender palavras e frases. A capacidade de dizer as palavras e frases virá naturalmente, em seguida.

Dica 4: tenham como objetivo a comunicação real na língua de herança

Tenham como objetivo fazer tudo na sua língua. Uma vez que o aprendiz possa usar algumas palavras básicas, não comece os encontros dizendo em português “O que vamos fazer hoje?”. Diga na própria língua. Se você precisar fazer uma pausa, diga “Vamos tomar um café” na sua língua, não em português. Se vocês se cansarem um do outro, fiquem bravos na sua língua, não em português. Não pensem na língua como algo que vocês utilizam somente na hora da aula, mas como a língua de comunicação entre vocês os dois, assim como com outras pessoas da comunidade que conhecem a língua ou estão tentando aprendê-la.

Dica 5: língua também é cultura

Sua língua não é apenas uma tradução do português. Aprender uma língua de herança também significa aprender costumes, valores e comportamentos. Por exemplo, eu falei antes em usar gestos para a comunicação; por que não aprender a usar os gestos na cultura de herança?

Dissemos antes que o aprendiz deve aprender como fazer várias perguntas, como “O que é isso?” ou “O que você está fazendo?”. Mas essas perguntas podem demonstrar falta de educação na língua de herança; você precisa aprender com seu professor qual a maneira educada de dizer o que quer. Contar histórias é uma boa maneira de aprender e ensinar a língua, muitas histórias não devem ser contadas na estação seca ou de chuvas. Aprenda também sobre as histórias e as restrições que as afetam.

Há uma grande quantidade de vocabulário nas formas tradicionais de vida. Participar de atividades tradicionais – como de cerimônias ou da preparação tradicional de comida ou da manufatura de objetos, tais como casas tradicionais, armas, ferramentas e utensílios de cozinha – será importante para a aprendizagem da língua. Em alguns casos, o mestre e o aprendiz podem não saber como fazer essas coisas; se esse for o caso, talvez seja possível pedir ajuda a outras pessoas. Ou talvez ninguém saiba mais sobre essas atividades tradicionais. Neste caso, a leitura de etnografias pode ser útil para aprender vocabulário e práticas culturais tradicionais.

Dica 6: enfatizem a audição e a fala

Se a sua língua tem sistema de escrita e a equipe o conhece, você pode utilizar a escrita para manter registros do que você está aprendendo e para ajudar na prática. Entretanto, como vimos antes, você não deve enfatizar a escrita para aprender a falar a língua. A aprendizagem de uma língua em sala de aula muitas vezes enfatiza a escrita e a gramática, mas as pessoas raramente aprendem a falar uma língua fluentemente dessa forma. Assim, enfatizamos que você se concentre na audição e na fala.

Lembrem-se: o aprendiz pode aprender a gramática da língua inconscientemente, simplesmente ao ouvir e utilizar a língua. Você não precisa necessariamente aprender muita terminologia gramatical. Você não precisa saber o que é uma “oração relativa”.

Ainda que escrever ajude a manter registros, você apenas aprende palavras ouvindo-as diversas vezes – de preferência em todos os tipos de contextos – e, depois, usando-as. A escrita prejudica a pronúncia. Ajuda mais a memória gravar em arquivos de áudio as palavras e frases que você está aprendendo (ver Dica 8).

A escrita pode fazer com que o português atrapalhe o processo de aprendizagem, porque há grande chance de anotar a tradução das palavras e frases ao lado da língua de herança. Além disso, introduzir a escrita em uma comunidade que antes era apenas oral pode produzir algumas mudanças indesejáveis na língua. Comunidades que utilizaram a escrita como parte do ensino da língua por longo período na escola confirmam que a língua escrita pelas crianças é bastante diferente, influenciada em grande medida pelo português. Mesmo falantes fluentes de uma língua recém-escrita muitas vezes percebem que primeiro pensa em português e depois traduz para a sua língua. Esse é o tipo de hábito que estamos tentando evitar!

Entretanto, não estamos afirmando que se deve abandonar **toda** forma de escrita e análise gramatical. A análise gramatical pode ser muito útil; as

línguas podem ter construções especiais e afixos são difíceis de aprender, e você pode querer estudar isso de modo sério e consciente. Ademais, muitas comunidades já têm sistemas de escrita, e tornar-se competente na sua língua pode incluir competência na leitura e na escrita. Escrever uma língua – desde que não seja atrelado à tradução do português – pode ser algo que você queira desenvolver como nova forma de uso linguístico de sua comunidade. Você pode querer usar a escrita para registrar antigas histórias, escrever cartas ou poesias. Mas lembre-se, para aprender a **falar** uma língua fluentemente, ouvir e falar é mais importante do que a escrita e a gramática.

Dica 7: aprender e ensinar a língua por meio de atividades

Uma pergunta que as pessoas sempre fazem é: “O que fazemos para aprender/ ensinar a língua quando estamos juntos”? Aqui apresentamos algumas das coisas mais importantes que vocês podem fazer juntos.

Viver a vida cotidiana juntos. Não pensem nesse tempo junto como algo fora dos padrões normais de vida. Você precisa ir à lavanderia? Vá junto com seu professor e converse sobre o que você está fazendo na sua língua. Você pode arrumar o carro, ir a uma loja, cuidar do jardim, pintar a casa, cozinhar. Mas faça isso tudo na sua língua.

Façam atividades tradicionais (ver Dica 5).

Encenações. Representem cenas e situações utilizando a língua. Façam teatro de marionetes para narrar uma história tradicional. Este tipo de atividade é mais fácil para mestres e aprendizes que estejam envolvidos em programas de ensino de língua para criança, e você pode justificar essas atividades infantis pensando, “Bem, estamos preparando isso para as crianças”.

Exemplos: Ray Baldi e Melodie Carpenter fizeram um vídeo em Hupa, encenando uma garçonete e um cliente em um restaurante. Em uma oficina de treinamento, Sylvia Arteaga e Claude Lewis representaram uma refeição em Mojave⁹. Claude também ensinou um de seus aprendizes a fazer arco e flecha, sempre falando em Mojave. Terry Supahan narra e encena a história do roubo do fogo em Karuk para seus alunos e Sara Supahan conta a história de “Cachinhos Dourados e os Três Ursos”.

Situações de comunicação. Pense em situações de comunicação que você gostaria de aprender (falar sobre o tempo, contar uma história etc.). Pense em conjuntos de palavras que você gostaria de aprender. Mas se você pensar apenas em termos de vocabulário, rapidamente você vai ficar sem

⁹ Mojave é uma língua Yuma, falada ao longo do rio Colorado, que tem ainda algumas dezenas de falantes. Sylvia Arteaga, aprendiz, aprendeu bem a língua e a ensina a crianças depois da escola há muitos anos.

ideias. Uma das reclamações com relação às aulas de língua é que as pessoas aprendem os números, as cores, as partes do corpo, as roupas e os nomes dos animais repetidas vezes. Em vez disso, pense em situações. Seja o que for que você estiver fazendo, como você falaria sobre isso? Se você está lendo um livro em português, como você descreveria, na sua língua, esse livro? Se você está jogando futebol, como você falaria com os outros jogadores na sua língua? Utilize essas ideias para planejar as aulas junto com seu professor e aprender a falar a sua língua.

Trabalhem com objetos e desenhos. Por exemplo, retire livros de imagens e fotografias na biblioteca e ensine o vocabulário oferecido pelas imagens. Se você for ensinar as partes do corpo, ensine-as como uma série de comandos ou perguntas indicando as partes do corpo e apontando para elas.

Em cursos de treinamento, Nancy Steele faz demonstrações de como ensinar as partes do corpo. Primeiro ela aponta para cada uma delas e diz em Karuk: “Esta é minha cabeça”, “Este é meu ombro”, “Este é meu joelho”. Em seguida ela pergunta: “Este é meu joelho?”, “*Puuhara*”, respondem os alunos – “Não! Este é o meu ombro?”, “*Hãã* – sim!”. Ela também dá algumas ordens: “Toque no ombro”, “Toque no joelho”, “Sacuda a cabeça”. Ao final da aula, os alunos conseguem reconhecer (mas não necessariamente dizer) os três termos referentes às partes do corpo que ela ensinou e ainda conseguem dizer “sim” e “não”.

Visitem outros falantes. Tentem reunir um grupo. Isso pode ser relativamente fácil em comunidades com mais de uma equipe mestre-aprendiz. Os mestres podem conversar, o que será para eles um alívio – será uma oportunidade de falar livremente e ser entendido. Escutando, os aprendizes serão expostos à língua. Muitas das atividades mencionadas acima também podem ser desenvolvidas em grupo.

Ensine o que você aprende. Como aprendiz, uma forma de aumentar o seu conhecimento da língua é ensinar o que você aprendeu a outra pessoa. Ensine a seus filhos ou outro parente ou amigo. Talvez você já dê aulas em escolas, programas de verão ou cursos noturnos; aplique o que você aprendeu a esses cursos. Isso também o ajudará a descobrir o que você quer aprender em uma aula com o mestre – você vai querer aprender o que você quer ensinar.

Organizem “encontros de imersão”. Alguns grupos indígenas organizam acampamentos de imersão, nos quais as famílias se reúnem em um lugar bonito e todas as atividades são conduzidas na língua de herança. Ou você pode organizar reuniões, nas quais outras equipes mestre-aprendiz, se houver alguma, ou outros falantes ou pessoas interessadas, se reúnem para uma noite ou para um final de semana em algum lugar.

Dica 8: registrem em vídeo e áudio

Registro em áudio e vídeo pode ser ajuda importante na aprendizagem da língua.

Se a pessoa com quem você trabalha tiver alguma objeção em ficar repetindo as coisas seguidamente, você pode recorrer à gravação. Mesmo que seu professor não se importe em repetir várias vezes, você ainda pode se beneficiar de um registro extra.

O mestre pode registrar todo o tipo de coisas, incluindo histórias e canções que o aprendiz pode escutar e os dois juntos podem estudar o vocabulário e a gramática.

O aprendiz também pode gravar vídeos como estudo, com a vantagem de que todos os gestos e ações podem ficar registrados.

O registro em áudio e vídeo pode ser usado para aulas formais (o vídeo Hupa mencionado anteriormente é um bom exemplo disso).

As gravações de áudio e vídeo que você fizer serão extremamente valiosas para sua família e comunidade como registro da língua como ela era falada pelos mais velhos.

Dica 9: seja um aprendiz ativo

O mestre não precisa ter que decidir sempre o que, como e quando ensinar. Ele é o especialista que conhece a língua e possui vasto conhecimento da cultura, mas em muitos casos o aprendiz pode saber mais sobre **ensinar**. O aprendiz deve sentir-se livre para guiar sua própria aprendizagem no âmbito de seu relacionamento com o mestre e do programa.

Como aprendiz, você pode orientar o ensino perguntando ao mestre coisas sobre a língua, sugerindo atividades, criando situações de encenação ou pedindo ao mestre que conte histórias ou outras coisas, como por exemplo o que tem feito. Seu mestre pode ter muitas ideias também, mas pode precisar de estímulo e encorajamento. Como aluno ativo, você deve tentar entender o que o mestre acha que é importante. Quem vai orientar a aprendizagem irá depender da equipe, mas tente fazer da experiência de aprendizagem uma verdadeira parceria.

Dica 10: sejam sensíveis às necessidades do outro; sejam pacientes e tenham orgulho de vocês mesmos e um do outro

O êxito no Programa Mestre e Aprendiz depende fortemente de que os dois membros da equipe desenvolvam um relacionamento caloroso de confiança e amizade. Diferenças culturais e de personalidade desempenham papel importante no desenvolvimento da equipe. Pode haver choque de gerações entre vocês. O entendimento entre vocês dois e o respeito pela filosofia de vida, valores e necessidades de cada um é parte importante da parceria.

Lembrem-se de que ensinar e aprender a língua pode produzir frustrações ao longo do caminho para os dois membros da equipe. Se você se sentir frustrado, faça algo para aliviar a tensão – converse sobre isso, mude de atividade ou faça uma pausa.

O mestre precisa ter em mente que o processo de aprendizagem da língua é lento e deve ser paciente quando o aprendiz não aprende alguma coisa tão rápido quanto o mestre acha que deveria. Ser extremamente crítico ou implicante em relação aos erros irá desencorajar o aprendiz a usar a língua. Aprenda a mostrar o uso correto da língua sem juízo de valor. Corrija os erros simplesmente repetindo a frase corretamente. Pense em uma mãe interagindo com seu bebê: a criança pode dizer “Papai ido no carro” e a mãe responderá sorridente “Sim, papai foi trabalhar de carro”. Ela está ao mesmo tempo mostrando o uso correto da língua, acrescentando informações para estimular a aprendizagem pela criança e demonstrando orgulho no uso da linguagem de seu filho.

O aprendiz precisa entender que **qualquer coisa** que o mestre quiser ensinar será de grande valor, mesmo que não seja o que ele tinha em mente naquele momento. Aprenda o que deixa o mestre frustrado no processo de ensino/aprendizagem da língua e tente encontrar formas de aliviar a situação. Por exemplo, como foi sugerido anteriormente, se o mestre ficar bravo de ter de repetir alguma coisa diversas vezes, registre em um arquivo de vídeo ou de áudio.

Se vocês se desencorajarem, lembrem-se sempre de que estão fazendo o melhor que podem e que merecem estar orgulhosos. Vocês estão fazendo um esforço heroico por uma causa maravilhosa ao trabalharem juntos para trazerem a sua língua de volta ao seu verdadeiro lugar.

Capítulo 3

O que você pode esperar aprender

Definir objetivos

O Programa Mestre e Aprendiz foi desenvolvido com base na ideia de que você quer aprender uma língua que possa usar efetivamente – o que chamamos de língua funcional. Antes de iniciar o programa, você deve pensar nos objetivos para o uso da língua. Você gostaria de ter condições de utilizar sua língua na comunicação diária com outras pessoas, sejam falantes nativos ou outros aprendizes? Você gostaria de ensinar a língua à sua família e usá-la como língua familiar? Você gostaria de aprendê-la para saber rezar em sua língua, cantar cantos tradicionais, participar dos aspectos verbais de cerimônias ou narrar contos tradicionais? Uma vez decididos seus objetivos, organize as aulas junto com seu mestre, tendo sempre seus objetivos em mente.

Ao planejar as aulas, não enfatize as listas de vocabulário, mas as situações de comunicação e os tópicos para conversa. Se um de seus objetivos for usar a língua na comunicação diária, pense em situações e conversas típicas e aprenda como falar sobre essas coisas. Por exemplo, com frequência comentamos sobre o tempo: “Está quente hoje” ou “Parece que vai chover”. Programe algumas aulas com seu mestre para aprender a falar sobre todos os tipos de clima na sua língua (os Capítulos 6 e 7 tratam com mais detalhe o planejamento visando aspectos da comunicação diária).

Quanto você pode esperar aprender depende principalmente de quanto tempo e energia você poderá despendar na aprendizagem e uso da língua. Você deve pensar em dedicar de 10 a 20 horas por semana aos encontros com seu professor. Mesmo quando você não está com o falante, você pode continuar praticando sempre que possível. Você pode escutar áudios gravados na língua ou falar sozinho enquanto está dirigindo, caminhando ou em casa. Cada vez que você disser alguma coisa em português, você pode pensar como se diria isso na língua e sempre que estiver falando com alguém que conheça a sua língua, deve falar na língua.

Abaixo apresentamos uma lista aproximada do que o aprendiz pode esperar aprender ao final de três anos no Programa Mestre e Aprendiz. Mas lembre-se, as pessoas aprendem em velocidades diferentes, assim você pode ir mais rápido ou mais devagar do que o sugerido pela lista.

Primeiro ano

Durante o primeiro ano, você irá enfatizar a repetição de palavras, comandos básicos e frases simples. O objetivo principal do primeiro ano é tornar confortáveis os princípios da imersão na língua, de aprender a língua

por meio de atividades e do uso de muita repetição. Ao final do primeiro ano, você poderá:

Ter um vocabulário relativamente grande;

Engajar-se em conversas básicas sobre diversos assuntos, compreender a ideia geral do assunto que está sendo tratado;

Cumprimentar as pessoas na língua;

Apresentar-se e apresentar seu mestre na língua;

Perguntar e responder perguntas como:

Qual o seu nome?

Onde você mora?

O que você está fazendo?

O que você fez ontem?

O que você fará amanhã?

Descrever brevemente uma fotografia;

Dizer alguma coisa sobre seus objetivos com a aprendizagem da língua (cantos, histórias, rituais);

Fazer um discurso de um minuto ou mais na língua, sobre algum assunto que tenha sido trabalhado com seu professor para mostrar seu progresso a outras pessoas.

Segundo ano

Ao final do segundo ano você poderá:

Compreender a maior parte do que seu professor diz;

Conversar brevemente sobre a maior parte dos assuntos;

Falar frases simples sem erros de gramática;

Fazer pequenos discursos de um minuto ou mais sem a ajuda de seu professor (ainda que com alguns erros de gramática);

Engajar-se em conversas longas.

Terceiro ano

Ao final do terceiro ano você poderá:

Compreender a maior parte do que seu professor e outros falantes nativos dizem;

Falar extensivamente na língua, contar histórias, fazer discursos sobre determinados tópicos e falar frases longas corretamente;

Desenvolver projetos de ensinar a língua a outras pessoas.

Depois do terceiro ano

Depois dos três primeiros anos de treinamento, você poderá:

Manter a interação com falantes nativos de forma regular;

Deixar sua aprendizagem seguir infinitamente;

Usar a língua tanto quanto queira;'

Ir a lugares onde você poderá falar na língua e estar cercado de pessoas que falam a língua;

Ensinar a língua a outras pessoas, a seus familiares, para poder utilizá-la em casa, ou ensinar na escola;

Organizar aulas familiares e atividades comunitárias que estimulem o uso da língua;

Ajudar a comunidade a desenvolver projetos para a reativação da língua como sistema funcional de comunicação.

Capítulo 4

Uma aula típica

Nancy Steele foi central no desenvolvimento do Programa Mestre e Aprendiz da Califórnia e nossa instrutora mais inspirada. Mas foi somente há alguns anos que ela decidiu tornar-se aprendiz. Ela considera sua aprendizagem como um presente para ela mesma, uma oportunidade para se dedicar a tornar-se fluente em sua língua de herança (Karuk) e permitiu que desenvolvesse um relacionamento caloroso e eficaz com seu mestre. A experiência também a levou a ter algumas ideias muito concretas sobre como tornar a aula mais produtiva. Veja abaixo alguns conselhos seus sobre como estruturar uma aula típica.

Chamada telefônica. Você pode querer fazer uma chamada telefônica para confirmar a primeira aula. Nas primeiras aulas, aprenda a dar esse telefonema em sua própria língua.

Cumprimentos. Quando mestre e aprendiz se encontrarem para a aula, comecem cumprimentando-se e falando sempre na língua.

Pequenos rituais. Durante as aulas, crie pequenos rituais, como fazer café ou conversar sobre o tempo ou indagar sobre a saúde um do outro. Aprenda a fazer essas coisas na sua língua.

Planejamento da imersão. Em alguns momentos o uso do português será realmente necessário, pelo menos até que o aprendiz esteja num estágio mais avançado. Mas o tempo de uso do português deve ser limitado ao planejamento da atividade de imersão. Quer dizer, enquanto vocês conversam sobre a atividade de imersão ou sobre a próxima atividade a ser desenvolvida, pois parte deste planejamento será feito no final da aula. Vocês discutirão vocabulário e frases e decidirão como prosseguir.

Lembrem-se: se o português for utilizado **no lugar** da sua língua, o processo será prejudicado. Mas se o português for utilizado para preparar o uso da sua língua, isso será importante para o desenvolvimento do processo de aprendizagem.

Exemplos: (1) Suponha que você esteja tentando aprender a fazer aquela primeira chamada telefônica na sua língua. Você pode começar perguntando ao seu mestre em português, “Como eu pergunto se nós podemos nos encontrar agora?”. Você pode pedir ao mestre que repita essa frase algumas vezes e pode tentar repeti-la; também seria um bom momento para gravar seu mestre dizendo essa frase. Então, você pode perguntar quais seriam as possíveis respostas, como “Sim” ou “Pode ser hoje de tarde?” ou ainda “É melhor deixar para outro dia, eu não estou me sentindo bem hoje”. Como seriam na sua língua frases como essas? Depois que você tiver algumas frases, é possível começar o exercício real de imersão.

(2) Talvez vocês tenham decidido fazer batatas fritas juntos. O aprendiz e o professor provavelmente vão querer planejar um pouco em português

antes de começar a atividade. O aprendiz pode pedir ao mestre para lhe ensinar os nomes dos ingredientes e materiais necessários (frigideira, batata, óleo, faca) e, depois, pedir que lhe ensine o que fazer, passo a passo. O aluno também pode pedir que o professor lhe ensine algum vocabulário que será usado na aula, como “Acenda o fogo” etc.

Conforme o aprendiz for se tornando mais avançado, o planejamento pode ir gradualmente sendo feito na própria língua. E algumas vezes o português nem será necessário. Essas sessões de planejamento serão cada vez menos necessárias com o avanço do trabalho.

Imersão. Quando o planejamento estiver terminado, a imersão real deve começar. A sessão de imersão pode ser curta (dez minutos) ou pode ser muito longa, como no exercício de fazer batatas fritas. O importante é que, uma vez começada a imersão, o português não deve mais ser utilizado. Se o aprendiz não entender alguma coisa, a equipe deve trabalhar em conjunto com gestos e ações para esclarecer as dúvidas, em vez de recorrer ao português.

Exemplos: (1) Para a chamada telefônica, a imersão pode consistir na repetição de algumas possíveis conversas diferentes. No estágio inicial da aprendizagem, o aprendiz pode não conseguir falar nada. Neste caso, o mestre pode fazer os dois papéis para que o aprendiz escute as palavras diversas vezes. Ou pode fazer no estilo “karaokê”, em que o mestre diz as palavras e o aluno interpreta a cena e apenas move a boca, murmurando as palavras. Pode levar algumas semanas até que o aprendiz consiga falar por si próprio.

(2) Para fazer batatas fritas, vocês irão realmente fritas as batatas juntos, com o mestre dizendo ao aprendiz o que fazer e o aprendiz fazendo perguntas ou conversando. Se o aprendiz for iniciante, poderá perguntar na sua língua “O que é isso?” ou “O que estou fazendo?”.

Post-mortem. Depois da imersão, você pode querer conversar sobre o que foi feito. Pode ser que o aprendiz não tenha entendido alguma coisa ou que o mestre não tenha podido dizer alguma coisa. Você pode também querer falar sobre seus progressos durante a sessão de imersão.

Depois de terminar a imersão e o *post-mortem*, vocês podem fazer uma pausa, que deve contar como um “pequeno ritual”. Se você for tomar um café ou for ao banheiro, tente fazer essas coisas usando a sua língua, não o português. Se você não souber fazer alguma coisa na sua língua, faça disso o tema de seu próximo planejamento e de sua próxima sessão de imersão. Depois da pausa, comece a planejar a próxima sessão de imersão. Ela pode ser uma repetição do que vocês fizeram antes ou você pode começar uma atividade nova. Esse processo pode ser repetido diversas vezes durante uma aula, dependendo do tempo de aula e da sessão de imersão.

Imersão desestruturada. Vocês também precisam de algum tempo para relaxar juntos e conversar na sua língua sobre qualquer assunto. Este pode ser o momento para cada um falar sobre o que fez desde a última aula ou comentar as últimas notícias ou a fofoca do momento. Um aprendiz iniciante não poderá falar muito, mas esta atividade deverá ir aumentando gradativamente com o progresso do aluno. O iniciante poderá perguntar ao mestre o que ele tem feito e escutá-lo falar na língua – ainda que não entenda nada. Esta é a comunicação **real**, e não uma encenação e, uma vez que utilizar a língua para comunicação é o objetivo final, esta é uma atividade extremamente importante. O aprendiz também pode utilizar esta oportunidade para praticar o que ele já sabe e pedir ajuda com as palavras que desconhece.

Por exemplo, se você quiser falar sobre seus óculos novos e já conhecer os termos para as partes do corpo ou para os sentidos, mas não conhecer a palavra para “óculos” (ou talvez não exista essa palavra na sua língua), você pode fazer mímica ou dizer a palavra para “olhos” ou para “visão” e mostrar seus óculos para seu professor. Talvez essa seja toda a contribuição que você possa dar a essa conversa, mas seu professor poderá ajudar dizendo na língua algo como, “Ah, você está de óculos novos, são bonitos”. Você poderá responder “Sim” na língua. Conforme o aprendiz for conhecendo a língua, ele poderá conversar mais.

Esse tipo de imersão desestruturada pode ocorrer a qualquer momento durante a aula, pode-se dedicar um tempo no início da aula e, depois, mais um pouco ao final.

Planejando a próxima aula. Algumas coisas – como determinar a data, o horário e o local da próxima aula – podem ser planejadas na língua assim que o aprendiz aprender a dizer essas coisas. Porém, algumas coisas mais complicadas – como discutir que atividades serão realizadas ou que materiais de apoio devem ser levados para a aula – talvez tenham que ser planejadas em português até que o aprendiz atinja um nível mais avançado.

Despedida. Finalmente, o aprendiz e o mestre vão se separar e essas últimas palavras de despedida devem ser na língua.

Entre uma aula e outra. Vocês podem se encontrar quando não estão em aula e nesses momentos vocês devem tentar falar o máximo possível na língua. O aprendiz também deve praticar o que aprendeu e escutar áudios e vídeos gravados pelo professor entre as aulas. Tanto o aprendiz quanto o mestre podem pensar sobre novas coisas para ensinar e aprender; uma maneira de fazer isso é pensar como você falaria sobre o que você está fazendo, seja lá qual for a atividade, na sua língua.

Capítulo 5

Uma amostra para iniciantes

Abaixo é apresentada uma amostra de atividades de aprendizagem para as primeiras duas semanas de trabalho conjunto. Não é preciso seguir o modelo à risca; se vocês preferirem, podem substituir por outras atividades. Sintam-se à vontade, também, para repetir as atividades de que gostarem. A repetição é parte importante do aprendizado da língua. Desde que vocês estejam se divertindo, repitam uma atividade em várias aulas até dominar o conteúdo linguístico. Mas também introduzam novas atividades para que as aulas sejam sempre um novo desafio.

Mantenham um diário

O principal benefício de um diário é ter controle sobre o trabalho, de forma que vocês possam revisar suas notas mais tarde. O aprendiz deve fazer anotações detalhadas no diário todos os dias. Este é um dos poucos momentos em que a tradução é permitida. Por exemplo, você pode escrever a tradução para o português das palavras ou frases que foram trabalhadas. Em vez de escrever simplesmente “Comandos aprendidos”, escreva “Comandos: ‘levante-se’, ‘sente-se’, ‘sorria’, ‘aponte seu nariz’”. Se for sua primeira semana de aula, você pode não ter aprendido a dizer esses comandos. Porém, mais tarde, durante o período de revisão, você pode ler o diário para lembrar o que foi estudado e perguntar ao mestre como dizer os comandos anotados. Tente manter o diário o mais específico possível para que possa utilizá-lo como material de estudo. Um Programa Mestre e Aprendiz formal exige o diário como registro do trabalho conjunto realizado, de forma que os funcionários do programa possam ver o trabalho, identificar problemas e ajudar a resolvê-los (ver Apêndice A).

Primeira semana

Anotei oito atividades para a Primeira Semana, assumindo que vocês desenvolverão um trabalho de cerca de 10 horas semanais. Se você já conhece um pouco a língua ou se trabalharem rápido, talvez seja preciso aumentar o número de atividades. Talvez vocês gostem tanto de determinada atividade que decidam repeti-la diversas vezes durante a semana.

Digamos que vocês dividam as 10 horas de trabalho em cinco encontros de duas horas cada. Vocês podem desenvolver três ou quatro atividades por aula; também irão repetir ou revisar as atividades em outras aulas. Por exemplo, a Atividade 1 é “Cumprimentar”. Vocês irão utilizar os cumprimentos em todas as aulas seguintes. A Atividade 2 inclui comandos de diversos tipos. Em cada aula revisem alguns desses comandos juntos, de forma que o aprendiz os entenda e possa utilizá-los. A Atividade 3 ensina a perguntar “O que é isso?” na sua língua. Em todas as aulas seguintes o aluno

fará essa pergunta com relação a vários objetos, figuras, animais etc. Dessa forma, vocês desenvolvem as atividades durante a primeira semana, mas também devem incorporá-las regularmente às próximas aulas.

Atividade 1: cumprimentar

Muitas pessoas sabem como fazer algum tipo de cumprimento na sua língua de herança, mesmo que não saibam dizer mais nada. Um aluno iniciante deve começar aprendendo algumas frases úteis – incluindo formas de cumprimento – que possam ser utilizadas todos os dias.

Em algumas línguas, pessoas que se veem todos os dias não se cumprimentam, mas podem fazer uma pergunta. Por exemplo, em Havasupai, se duas pessoas que se conhecem se encontram no caminho, elas não podem dizer “olá”; em vez disso, uma deve perguntar “Aonde você vai?” e a outra responderá. Em algumas línguas, as pessoas se cumprimentam perguntando “O que você está fazendo?” – uma das perguntas básicas que todo iniciante deve aprender.

O mestre e o aprendiz devem discutir como as pessoas se cumprimentam na língua. O aluno deve aprender apenas um ou dois cumprimentos simples. Se houver muitas formas possíveis de cumprimentar, tente escolher uma ou duas que sirvam para um iniciante. Assegure-se de aprender/ensinar a **responder** a um cumprimento. Façam algumas sessões de imersão para cumprimentarem-se um ao outro. A partir dessa aula, sempre se cumprimentem na sua língua.

Atividade 2a: exercícios para fugir do português

Faça um conjunto de fichas – ou melhor ainda, peça a alguém que faça as fichas para você, assim você não saberá o que está escrito. Cada ficha deve conter uma tarefa, que não poderá ser realizada em português. Abaixo apresento uma lista de coisas que podem aparecer nas fichas (que devem ser escritas em português):

Peça a seu colega que coloque o casaco.

Peça a seu colega que pegue e beba um copo d’água.

Peça a seu colega que tire os sapatos.

Peça a seu colega para desenhar você.

Peça a seu colega para dar um pulo.

Peça a seu colega para lhe dar uma moeda.

Quando as fichas estiverem prontas, coloque-as sobre uma mesa com a parte escrita voltada para baixo e se alternem pegando uma ficha e tentando comunicar a seu parceiro o que ele deve fazer. A ideia é tentar se comunicar sem utilizar o português. Se você for o aprendiz, você talvez tenha que se comunicar inteiramente sem palavras, apenas com gestos e ações. Se você for o mestre, você deve falar na sua língua, mas se o aluno não puder entendê-lo (se for iniciante), você também deverá utilizar gestos e ações.

Por exemplo, para a ficha “Peça a seu colega que coloque o casaco”, você pode pegar o casaco e entregar a ele e, então, fazer gestos imitando uma pessoa colocando um casaco. Se ele não entender, continue fazendo gestos e procurando formas distintas de fazê-lo entender. Já a ficha “Peça a seu colega para lhe dar uma moeda” é mais difícil (e parte do princípio de que seu companheiro tem algum dinheiro). Você pode pegar sua carteira, tirar o dinheiro de dentro e mostrar que está vazia, fazendo uma cara triste. Depois você pode fazer alguns gestos, como estender a mão como alguém que pede esmolas, fazer com o dedo o número “um” e fazer mímica mostrando alguém colocando dinheiro na carteira.

Qual é a ideia por trás deste exercício? Antes de mais nada, convencê-los de que a comunicação é possível sem o uso do português, apenas com comunicação não verbal. Depois, começar a acostamá-los a não usar o português. No entanto, o objetivo real aqui é a transmissão e o uso da língua. Dessa forma, o mestre deve falar a língua ao mesmo tempo em que utiliza gestos e ações e o aprendiz deve também utilizar todas as palavras e recursos da língua que conheça. Se o aprendiz já conhecer a palavra para “casaco”, ele pode dizê-la ao gesticular pedindo ao mestre que vista o casaco, ainda que todo o resto tenha que ser comunicado com ações.

Atividade 2b: gestos de comando

Vocês estão tentando não utilizar o português, mas com frequência vocês terão dificuldade para se fazer entender. Como mestre, seu aprendiz pode não conhecer as palavras que você está dizendo; como aprendiz, você pode não saber dizer o que você quer na língua. Assim, vocês dois precisarão depender de gestos para se fazer entender. Esse exercício irá ajudá-los a se acostumarem a usar gestos.

Passem alguns minutos **sem utilizar palavra alguma um com o outro**. Um de cada vez, tente comunicar os comandos abaixo usando apenas gestos. Você saberá se a outra pessoa compreendeu sua ordem se ela **obedecer**. Tanto o mestre quanto o aprendiz devem praticar esses comandos em silêncio.

Venha aqui! (use o dedo indicador)

Sente-se! (puxe uma cadeira e sente-se)

Levante-se! (levante-se ou levante os braços em movimento ascendente)

Caminhe! (caminhe e indique ao outro para fazer o mesmo)

Pule! (pule)

Corra!

Beba café! (sirva uma xícara de café e ofereça ao outro)

Coma! (ofereça um prato de comida ou se já houver um prato de comida diante do outro, indique com mímica e gestos o ato de comer)

Toque o nariz!

Toque a boca!

Toque a mão!

Toque o pé!

Toque o joelho!

Coloque a língua para fora!

Levante as sobrancelhas!

Franza o cenho!

Sorria!

Mostre os dentes!

Levante os braços!

Abaixe os braços!

Levante uma perna!

Abaixe a perna!

Levante a outra perna!

Abaixe-a!

Junte! (livro, folha ou qualquer coisa que estiver por perto – repita esse comando diversas vezes: pegue um objeto, coloque-o no chão e depois gesticule pedindo que o outro o junte do chão)

Atividade 2c (muito importante): comandos falados

Nesta atividade, o mestre deve dar as mesmas ordens da Atividade 2b, porém desta vez **falando os comandos**. O mestre deve utilizar gestos e falar ao mesmo tempo na sua língua. Não use o português! Se o aprendiz não puder entender depois de algumas tentativas, pule para o próximo comando (se o mestre não conseguir encontrar uma maneira de dizer um comando, deve passar para o próximo).

Este exercício é um modelo para muitos dos trabalhos que serão desenvolvidos em conjunto mais tarde. Volte a ele depois.

Atividade 3: como se diz?

Seu objetivo como aprendiz deve ser chegar, o mais rápido possível, ao ponto de não precisar utilizar o português durante o trabalho com o mestre. Uma das primeiras coisas que você deve aprender é perguntar como se diz alguma coisa, usando sua própria língua de herança. Há várias perguntas que você pode aprender na sua língua e você pode utilizar essa atividade para aprendê-las.

O que é isso? Faça a pergunta ao mesmo tempo em que aponta para o objeto cujo nome você quer saber, por exemplo, em Kumeyaay¹⁰, você perguntaria “*Peyaa maalich?*”

Em português, dependendo da localização do objeto para o qual você aponta, se está perto de você, perto da pessoa com quem você está falando ou longe dos dois, você pergunta “O que é isto?”, “O que é isso?” ou “O que é aquilo?”. A maior parte das línguas faz alguma distinção desse tipo, mas em algumas línguas ela pode se tornar muito complexo.

Em Havasupai, por exemplo, existem sete palavras diferentes para “isto”, “isso” e “aquilo”, dependendo da **localização** do objeto. Se você é um aluno iniciante, talvez você não esteja ainda preparado para lidar com um sistema tão complexo, mas prepare-se para fazê-lo no futuro.

Outra complicação que pode surgir é que perguntas como “O que é isso?” podem depender da **forma** do objeto sobre o qual você está perguntando. Pode-se utilizar uma pergunta para objetos redondos, outra para objetos longos e flexíveis, outra para objetos longos e rígidos, outra para seres vivos etc. Se você encontrar algo desse tipo em sua língua e isso deixar você

¹⁰ Kumeyaay é uma língua Yuma falada no sul da Califórnia (Distrito de San Diego) e na Baixa Califórnia. Todos os falantes da língua são idosos e atualmente não está sendo desenvolvido o Programa Mestre e Aprendiz entre os Kumeyaay, mas há forte interesse na documentação e no ensino da língua em algumas comunidades.

confuso, você pode começar usando uma segunda pergunta: “Como se diz ___?”.

“O que é isso?” normalmente é usado para elicitare substantivos (palavras para objetos, pessoas, animais e lugares). Em outra aula você vai aprender a elicitare verbos (palavras de ação).

Como se diz ___? Nesse exercício, você diz a palavra ou frase em português no espaço em branco, mas diz o resto da frase na sua língua. Se você está aprendendo espanhol e quer saber como se diz “caixa” em espanhol, você pergunta “¿Como se dice ‘caixa’ en español?”. Você diz uma palavra em português na frase, mas ela está no contexto do espanhol, assim você não troca realmente para o português para fazer a pergunta. Converse com seu professor e veja qual seria a melhor forma de expressar essa ideia na sua língua.

Essa pergunta é útil para aprender outras partes do discurso além de substantivos. Você pode perguntar como se diz palavras como “velho”, “pensar” etc., que não são realmente objetos para os quais você pode apontar. Você também pode aprender a dizer frases inteiras dessa forma.

Exercício para Atividade 3:

Discuta com seu mestre uma forma fácil de fazer perguntas do tipo “O que é isso?” e “Como se diz ___?”. Há muitas possibilidades e seu professor deve ajudá-lo a encontrar a forma mais apropriada de fazer esse tipo de pergunta.

Depois de aprender “O que é isso?” na sua língua, caminhe pela sala (ou onde vocês estiverem), apontando para as coisas e perguntando o que elas são. Pode ser que haja alguma forma especial de indicar as coisas na sua cultura – por exemplo, em algumas culturas é considerado falta de educação apontar e há outras formas de indicar um objeto. O mestre dirá o nome de cada coisa que você perguntar. Você pode perguntar por cada objeto várias vezes, e não apenas uma. Não espere aprender tudo ao escutar pela primeira vez! Tente repetir o nome do objeto algumas vezes. Se você estiver gravando, você também pode escutar a gravação mais tarde e repetir o nome das coisas. Eu ouvi dizer que é preciso ouvir e repetir uma palavra vinte vezes em vinte contextos diferentes – isso dá 400 repetições – até conseguir dominar o vocabulário. Essa regra é chamada “20-20”. Por enquanto, o principal é aprender como fazer a pergunta. Se você conseguir gravar isso, é porque você está indo muito bem!

Depois de aprender “Como se diz ___?”, pergunte ao professor como dizer várias palavras e frases. Mais uma vez, não espere lembrar-se de todas as

palavras que seu professor disser. Você pode gravar essa conversa e depois escutar a gravação e repetir as palavras.

Nota especial ao mestre: tenha a regra 20-20 em mente, de forma que não se sinta frustrado se seu aluno não se lembrar de uma palavra que você ensinou na última aula. Apenas diga a palavra ou a frase mais uma vez. Ele vai terminar aprendendo.

Quando o aprendiz fizer um erro, você deve dizer a palavra ou frase corretamente para dar-lhe um modelo. Mas não se preocupe se o aprendiz não puder dizer de forma correta imediatamente; ele terminará aprendendo a forma correta algum outro dia. Também não se preocupe se o aprendiz fizer o mesmo erro novamente outro dia. Leva-se muito tempo para aprender, e o aprendiz fará o mesmo erro muitas e muitas vezes. Continue apenas fornecendo o modelo e usando a palavra muitas vezes, em várias aulas, em contextos variados. Seja paciente e persistente, e algum dia seu aprendiz começará a falar corretamente.

Abaixo apresento exemplo de uma conversação em Havasupai em que o mestre corrige o aprendiz:

Aprendiz: “*Nyithaj kathad*” (‘Isso é uma cesta’) [frase gramaticalmente incorreta]

Mestre: “*E’e, Nyitha kathad-ju*” (‘Sim, isso é uma cesta’) [frase gramaticalmente correta]

Isso é tudo o que você tem de fazer.

Num dia em que você esteja com sua família e seus amigos, tente parar alguns minutos a cada hora ou a cada duas horas e anotar o que você esteve conversando e fazendo nesse tempo. Cada tópico de conversa e cada atividade que você conseguir anotar pode fornecer ideias para a aprendizagem da língua.

Por exemplo, enquanto escrevo isto, meu marido Gary e eu estamos em nossa casa do Distrito de Mendocino e é noite. Gary estava lendo e agora está tirando uma soneca no sofá. Logo, eu irei acordá-lo e sugerir que nos deitemos. Antes de me sentar para escrever isto, escovei meus dentes e lavei meu rosto e minhas mãos. Antes disso, lavei a louça e coloquei os restos do jantar no lixo. Antes ainda, joguei dominó com Gary e, antes disso, nós jantamos e conversamos sobre uma viagem que ele fez recentemente e sobre as pessoas que ele encontrou. Gary é geólogo e falou-me sobre as rochas e os vestígios de lagos grandes e rasos no lugar que visitou.

Abaixo estão listados alguns tópicos que surgiram dessas últimas duas horas:

Fato/tópico	Palavras e expressões úteis
Escovar os dentes	Escovei meus dentes Lavei meu rosto/minhas mãos/etc.
Lavar o rosto	Lave seu rosto! Meu marido ainda não se lavou.
Ler	Há uma palavra para “livro” na sua língua? Para “ler”? Como você descreveria o assunto/tema do livro?
Deitar-se	Vamos para a cama! Vamos nos deitar! Vá para a cama! Deite-se! Tenha bons sonhos! (ou seja, lá o que for que se deva dizer na sua língua)
Lavar a louça	Palavras para prato, talher, copo etc. Lave a louça! Eu lavei a louça. Eu vou lavar a louça. Meu filho vai lavar a louça.
Comer	Palavras para vários tipos de comida Como oferecer comida a alguém à mesa Como pedir alguma coisa à mesa Como dizer ao cozinheiro que a comida estava boa
Jogar dominó	Números Como dois jogadores falam sobre o jogo? (por ex., “Anote aí”; “Eu ganhei”) Quais são os jogos tradicionais?
Geologia	Palavra para rocha Tipos de rochas Palavra para lago; e para descrever um lago (raso, grande, fundo etc.)
Pessoas que Gary encontrou	Como falar sobre pessoas que você encontrou, descrever suas características (engraçadas, nervosas, inteligentes etc.)

Cada um desses itens é uma aula ou várias aulas! Faça sua própria lista de atividades e tópicos de conversação e escolha um ou dois para discutir na próxima aula. Escreva perguntas que você queira fazer e pense em formas para os dois trabalharem esse material juntos.

Essas são dicas de deveres de casa para o aprendiz, mas o mestre também pode ajudar. O mestre pode, se quiser, fazer sua própria lista e basear-se nelas para preparar suas aulas. Isso seria fantástico!

Atividade 4: dominó

Nota: mesmo que você não saiba jogar dominó, leia esta atividade para ter ideias sobre como adaptar as sugestões abaixo a outros jogos que você conheça, como jogos de carta ou de tabuleiro.

Façamos de conta que eu sou o aprendiz e, a partir da lista de coisas que fiz, escolhi o dominó como tema da próxima aula. Isso quer dizer que eu devo levar o jogo de dominó para meu encontro com o mestre. Se ele souber jogar dominó, nós jogaremos algumas partidas. Mesmo que ele não saiba jogar eu posso aprender como dizer as coisas que quero saber. Cada dominó (caso você não saiba) é dividido em duas metades, e cada metade tem de 0 a 6 pontos desenhados. Vou começar perguntando as palavras para os números de um a seis, além da palavra para “nada”, para os dominós que não têm nenhum ponto. No jogo de dominó que eu jogo, você ganha pontos se a soma dos números finais em uma linha de dominós der um múltiplo de cinco. Então, eu talvez pergunte também ao mestre como dizer frases como “Dois números cinco!” ou como eu pediria para anotar os meus pontos. Como eu diria “Ganhei” ou “Você ganhou”? Ou ainda, se alguém fizer um erro de cálculo ou colocar um dominó que não combina com o anterior, como eu diria “Isso está errado”? Se meu professor jogar dominó, podemos jogar uma partida e tentar falar apenas na língua. Se eu esquecer as palavras que perguntei antes (e eu esquecerei!), vou usar meu “Como se diz ___?” ou vou apontar para um número em um dominó e dizer “O que é isso?”, para que ele repita o número mais uma vez. Talvez o mestre diga coisas novas durante o jogo; se eu escutar alguma coisa nova, provavelmente vou entender o significado porque está no contexto do jogo. Eu posso tentar repetir o que o mestre disse para tentar aprender a expressão nova. Se o mestre trocar para o português, vou pedir a ele para repetir o que disse na nossa língua.

Eu não vou lembrar-me de muitas das coisas que falamos durante o jogo de dominó, mas se nos divertirmos, trarei o dominó uma vez por semana e poderemos jogar outras vezes. Ao final de alguns meses, vou saber jogar dominó na língua que estou aprendendo.

Atividade 5: nomes das coisas

Normalmente, a maior parte do trabalho da equipe será ensinar e aprender os nomes das coisas que estiverem à sua volta.

Para o mestre: adquira o hábito de dizer ao aprendiz os nomes dos objetos à sua volta, esteja onde estiver. Aponte para eles e diga os nomes na sua língua. Não use o português. Use o máximo possível frases completas (porém simples) – em vez de dizer “mesa”, diga “Isto é uma mesa” ou “Isto se chama mesa”, ou frases desse tipo. Você pode **ênfatizar** a palavra “mesa”, uma vez que essa é a palavra principal que você quer que o aprendiz aprenda. Mas ele também tem que se acostumar a escutar as palavras no contexto de frases completas – e isso é muito importante.

Para o aprendiz: na Atividade 3 você aprendeu a perguntar os nomes das coisas. Use aquelas frases agora para perguntar os nomes de coisas que você não conhece. Você não conseguirá lembrar da maioria das palavras que aprender; você terá de ouvi-las muitas e muitas vezes antes de gravar na memória. Há duas maneiras disso acontecer. Ou você pergunta os nomes das coisas a cada vez que as vir até saber de cor; ou você grava um áudio ou um vídeo de seu mestre dizendo essas palavras e escuta muitas vezes para praticar. No início, não se preocupe em lembrar de tudo o que escuta. (Os métodos de gravação são discutidos mais adiante). Você se lembrará naturalmente das palavras depois de ter sido exposto a elas tempo suficiente.

Exercício para Atividade 5:

Onde você está agora? Em uma sala de estar, talvez? Seja lá onde for, é hora de começar a aprender/ensinar os nomes das coisas à sua volta. Este exercício se divide em duas partes; você pode alternar entre uma parte e outra, se quiser. Faça um pouco deste exercício **todos os dias!**

Parte 1: primeiro, o mestre é quem manda. O mestre deve caminhar pela sala (ou onde vocês estiverem) e dizer, na sua língua, os nomes dos objetos que vê. Use frases como “Isto é uma flor”, “Isto é uma folha” etc. Seria bom repetir a palavra-chave algumas vezes: “Isto é uma flor. Flor. Flor.” No papel de aprendiz tente repetir a palavra que escuta, caso se sinta apto a fazê-lo. Se você for principiante e achar que sua boca não consegue pronunciar essas palavras ainda, tudo bem, apenas escute – ou talvez tente murmurar as palavras para você mesmo.

Parte 2: agora, é o aprendiz que vai assumir sua aprendizagem perguntando, na sua língua, os nomes das coisas. Você pode perguntar palavras que o mestre já ensinou ou pode perguntar o nome de coisas novas.

Às vezes, você vai perguntar alguma coisa e o mestre terá que dar como resposta uma frase muito longa; nesse caso, sorria e volte a perguntar a mesma coisa alguns meses mais tarde! Você também pode, eventualmente, perguntar o nome de alguma coisa que não existe na sua língua; nesse caso, o mestre dirá apenas, na sua língua, que não existe uma palavra para esse objeto na língua. Gestos, como balançar ou coçar a cabeça, ajudarão você a entender que essa palavra não existe na sua língua.

Existem muitos objetos cujos nomes nas línguas indígenas são empréstimos do português. Se os falantes nativos usam palavras emprestadas, elas devem ser consideradas como uma palavra que pertence à língua indígena, como qualquer outra palavra nativa. Ela pode soar um pouco diferente do português original; quando você estiver praticando a pronúncia, tente fazer com que o empréstimo soe como na sua língua e não em português.

Atividade 6: clima

Como foi dito anteriormente, o clima é um tópico frequente de conversa. Assim, é bom que o aluno aprenda a falar sobre ele na sua língua. O aprendiz pode começar perguntando “Como se diz __?” (Atividade 3). Quando o mestre ensinar como se faz essa pergunta na língua, o aprendiz pode perguntar como se diz “Está calor”. Seja lá qual for o clima no momento, aprenda a falar sobre ele. Depois, pergunte ao mestre sobre diferentes tipos de clima. Como se diria na sua língua que está chovendo, frio, nublado, ventando, que tem neblina, que o céu está limpo etc.? Vocês também podem levar fotos ou desenhos que representam diferentes tipos de climas¹¹ e conversar sobre essas imagens, o mestre indicando cada tipo de clima na sua língua.

A partir daí, todas as vezes que vocês se encontrarem, falem brevemente sobre o clima. O aprendiz pode dizer na sua língua “Está quente” (ou fazer qualquer outro comentário), como parte do processo de cumprimentos. Se ele não souber a palavra apropriada, pode perguntar ao mestre. Você não aprenderá todos os termos referentes ao clima imediatamente, mas depois de dizer “Está quente” todos os dias durante o verão ou “Está chovendo” durante toda a estação de chuvas, você saberá esses termos de cor!

Atividade 7: lanche

Se o tempo e o lugar onde vocês estiverem permitir, seria bom levar um lanche e bebidas para os encontros. O lanche será uma aula de língua. O

¹¹ Existem calendários climáticos com boas imagens, ou pode haver livros sobre clima na biblioteca.

aprendiz pode perguntar os nomes das comidas e das bebidas e tentar usar esse vocabulário. O mestre pode falar sobre qualquer outra coisa na sua língua durante o lanche. Imagine que o mestre tenha trazido beiju para o lanche. Ele pode perguntar na língua “Você quer beiju?”. Ou se o aprendiz trouxe beiju para o lanche, ele pode perguntar ao mestre como se diz beiju na sua língua de herança e como se oferece beiju a alguém e praticar, oferecendo beiju ao mestre.

Em português a gente diz “Você quer beiju?”, em Kumeyaay se diz “*Miyally mara?*”. “*Mara*” significa “Você quer...?”; um aluno de Kumeyaay pode, a partir desse momento, perguntar “*_____mara?*”, quando aprender qualquer outra palavra para alguma comida ou bebida. Se você quiser dizer alguma coisa, como “Você quer mais um pouco?” ou “Estou satisfeito.”, pergunte ao mestre como se diz na sua língua e comece a praticar na hora do lanche.

Como eu disse anteriormente, escutar e dizer uma palavra uma única vez não é o suficiente para aprender, mas se vocês fizerem um lanche juntos todas as aulas, não vai demorar muito até que você aprenda a falar sobre comida na sua língua.

Atividade 8: caminhada

Saiam para dar uma caminhada juntos esta semana (se o clima permitir). Enquanto vocês caminham, o mestre deve falar sobre qualquer coisa que lhe ocorra. Pode falar sobre as coisas que vê, ou contar alguma lenda de que se lembre ou narrar alguma história. Mas lembrem-se, nada de português! Fale apenas na sua língua. O aprendiz pode não entender uma única palavra, mas estará aprendendo como a língua soa realmente quando é falada com fluência. Estará ouvindo o ritmo, a entonação e a pronúncia; estará “banhando-se” nos sons da língua. O aprendiz deve escutar tranquilamente; não lute para tentar entender, apenas escute como se fosse uma música. Seria bom se a cada semana você pudesse escutar a língua falada dessa forma. Se o aprendiz quiser, também pode praticar perguntando ao mestre “O que é isso?”, enquanto caminham. Conforme você for aprendendo perguntas mais complexas, você pode perguntar “Para que se usa isso?” ou “O que você sabe sobre isso?”

Segunda semana

Durante esta semana, além de aprender/ensinar vocabulário, assegurem-se de estarem utilizando as novas palavras aprendidas na semana anterior. Faça as seguintes atividades (qualquer ordem serve):

Atividade 9: cumprimentos e despedidas

Na semana passada, você aprendeu como cumprimentar e ser cumprimentado na sua língua. Esta semana, você deve aprender como se despedir na sua língua. Em português, se diz “Tchau” ou “Até mais”. Em Havasupai, se diz “*Yaam ’yu*” (‘Eu vou indo agora’) e a outra pessoa responde “*Meyaama*” (‘Vai’).

Vocês podem conversar sobre como se despedir na sua língua. Da mesma forma que com os cumprimentos, depois de aprender como se despedir na sua língua, sempre se despeça assim – não apenas quando estiver se despedindo de seu mestre, mas de qualquer pessoa! Algumas pessoas cumprimentam e se despedem na sua língua até mesmo no recado que deixam gravado da secretária eletrônica, ainda que o resto da mensagem seja em português.

Atividade 10: nomes das coisas

Revisem parte do vocabulário trabalhado na semana anterior. Imaginem que vocês estão utilizando as palavras para “flor”, “folha”, “menino”, “menina”, entre outras. Levem para a revisão desenhos e figuras em que apareçam as coisas representadas por essas palavras. O mestre deve apontar para a figura e dizer “Isto é uma flor” etc.

Agora, o mestre deve ensinar o aprendiz a dizer “sim” e “não”. Ele aponta para a flor e diz “Isto é uma folha?”, então ele balança a cabeça e diz “Não” na sua língua e incentiva, com gestos, o aprendiz a repetir “Não”. “Isto é um menino?” (“Não”) “Isto é uma menina?” (“Sim”). Depois de um pouco de prática, o aprendiz saberá dizer “sim” e “não” sem que o mestre tenha que dizer primeiro. Ao final desse exercício, o aprendiz pode não saber ainda os nomes dos objetos, mas ele certamente saberá dizer “sim” e “não”.

Exercício para atividade 10:

A sua equipe também deve aprender/ensinar algum vocabulário novo esta semana, usando as técnicas aprendidas na Primeira Semana (Ver no Capítulo 7 uma lista de ideias e palavras).

Em muitas línguas, as palavras **mudam** dependendo de como elas são utilizadas nas frases. Principiantes geralmente ficam confusos com isso, ou acham que o professor está sendo inconsistente ou está ensinando errado, mas não é isso! Em Yowlumni, por exemplo, a palavra para “água” é “*ilik*”, mas se você disser “Você quer água?” a palavra para “água” será “*ilka*”. Matt e Agnes Vera, uma equipe de Yowlumni, passaram a utilizar os termos “forma básica” e “forma modificada” da palavra. Por enquanto, aprendiz, se

você começar a ver as palavras que você achava que conhecia aparecerem de repente com uma forma diferente, apenas dê um sorriso amarelo e aguentel! Com o tempo, as formas modificadas serão naturais para você.

Atividade 11: comandos

Revisem a Atividade 2c e escolham quatro comandos da Atividade 2b (ou algum outro se preferirem). O mestre deve repetir cada uma das quatro ordens pelo menos dez vezes e o aprendiz deve obedecer a ordem dada todas as vezes. Primeiro, o mestre deverá usar gestos para ajudar o aprendiz a entender os comandos. Porém, depois de repetir uma ordem quatro ou cinco vezes, pare de usar gestos e veja se o aprendiz é capaz de obedecer ao seu comando. Se ele não entender, volte a usar gestos mais algumas vezes e depois pare. Você pode dizer os comandos em qualquer ordem, trocando a ordem é muito mais divertido. Trabalhem os comandos lentamente hoje, o objetivo é que o aprendiz consiga entendê-los.

Exercício para Atividade 11:

Na próxima aula, revisem os quatro comandos da Atividade 11 e trabalhem com eles algumas vezes. Se o aprendiz puder obedecer aos comandos sem a ajuda de gestos, passe para a próxima parte. Se ele ainda não puder compreender as ordens, trabalhem mais um tempo esses comandos e sigam para a próxima parte deste exercício no final da aula ou na próxima aula.

Se o aprendiz estiver pronto, o mestre pode tentar fazer o aprendiz **dar** as ordens. O mestre deve começar dizendo os comandos e esperando que o aprendiz os repita. Então, o aprendiz pode tentar dizer os comandos ao mestre. O mestre pode corrigir gentilmente quaisquer erros de pronúncia do aprendiz, simplesmente repetindo as palavras corretamente, se o aprendiz fizer algum erro. O aprendiz deve praticar dar as ordens diversas vezes. Isso se torna mais divertido se você praticar com várias pessoas – elas podem alternar-se dando as ordens e transformar o exercício em brincadeira.

Você pode introduzir outro comando aos quatro anteriores, seguindo o exemplo no início deste exercício.

Nota: em algumas línguas, uma ordem direta pode soar incrivelmente rude! Se esse for o caso na sua língua, o mestre deve substituir um comando direto por formas que sejam consideradas educadas na língua. Vocês podem discutir as formas mais apropriadas de dar uma ordem na língua antes de começar o exercício.

Atividade 12: o jogo do objeto

Para esse jogo, o mestre e o aprendiz devem reunir alguns objetos – boneco, marionete, pote com tampa, bola, ou quaisquer objetos que queiram. Agora, o mestre deve ver o que e quanto ele pode ensinar ao aprendiz ao manipular esses três ou quatro objetos, **sem nenhuma explicação em português**. Abaixo apresento uma lista de algumas coisas que podem ser ensinadas com os objetos acima:

Os nomes dos objetos (usando as técnicas descritas na Atividade 3).

As cores, texturas e materiais dos objetos.

Diversas ações, como “andar” (usando a boneca ou a marionete para ilustrar), “tapar” o pote com a tampa, “atirar” a bola ou “quicar”.

Localização, colocando a boneca “dentro” do pote, “sobre” o pote, “na frente” ou “atrás” dele.

Comandos, como dizendo ao aprendiz “pegue a boneca” ou “coloque a boneca dentro do pote”.

Narrativas, o mestre pode inventar pequenas histórias com os objetos, narrando a história, mas expressando os significados ao manipular os objetos.

Mestre, lembre-se de usar ações e gestos para expressar suas ideias. Tente fazer isso com alegria e diversão. Uma vez que esta é apenas a segunda semana de aprendizagem do aprendiz, ele não irá aprender todas as coisas que estão sendo ensinadas, mas começará a familiarizar-se com as novas palavras e frases. Guarde essas palavras e frases na memória e procure outras oportunidades para revisá-las mais tarde.

Atividade 13: gravações em áudio

Um gravador de áudio (no PC ou celular) é uma ferramenta excelente na aprendizagem de língua. Nós recomendamos que você use as gravações em áudio em vez da escrita. Grave o mestre falando palavras e frases na sua língua (nada em português), e então escreva as traduções para o português em uma folha de papel que você deverá guardar com o registro, como se fosse uma espécie de índice¹². Peça ao mestre que pronuncie as palavras com

¹² Você não precisará do português para seu trabalho em particular, mas como essas gravações podem vir a ser úteis para a comunidade, é importante manter o registro das traduções para não falantes da língua.

clareza e deixe um espaço de silêncio depois de cada palavra ou frase para que você tenha chance de repeti-las quando estiver estudando sozinho.

Hoje, entregue ao mestre uma lista das traduções ao português de todas as palavras e frases que você lembrar de ter trabalhado nas aulas passadas. Ou, se forem muitas, escolha aquelas que você precisa praticar mais. Peça ao mestre para dizer cada palavra ou frase duas vezes, deixando um espaço de silêncio depois de cada repetição. Leve esse áudio com você aonde você for e repita as palavras e frases em voz alta. Você pode fazer isso dirigindo seu carro, quando estiver deitado à noite, ou durante os intervalos de outras atividades.

Notas sobre técnicas de gravação, etiquetagem e armazenamento:

Qualquer arquivo de áudio ou CD que seu mestre gravar será de extremo valor para as gerações futuras, de forma que é muito importante que você se assegure de que os registros sejam etiquetados e guardados com cuidado. Aqui vão algumas dicas:

1. Utilize CD de boa qualidade, caso contrário você poderá se arrepender disso daqui a vinte anos.
2. Se estiver gravando em celular, assegure-se de que a bateria está carregada. É melhor perder tempo antes recarregando do que ter de parar o trabalho no meio da gravação.
3. Faça um teste antes de gravar. Peça ao mestre para dizer algumas palavras, então escute a gravação para ver se o volume e os graves e agudos estão bons.
4. Se realizar as gravações em celular, certifique-se de enviar os arquivos de áudio para seu computador assim que puder, por segurança.
5. Coloque uma etiqueta no CD e outra na caixa. Escreva o nome do mestre, a(s) data(s) e a língua em cada CD. Identifique igualmente os arquivos de áudio salvos em seu computador ou HD externo.
6. Faça um índice na capa do CD ou em uma folha de papel que possa ser guardada dentro da caixa do CD. Se for o caso, essa folha de papel também pode ter um índice. Por exemplo, se você registrou um conjunto de histórias, escreva um título ou tópico para cada história.
- 7; Mantenha um lugar específico para armazenamento de todos os CDs de forma organizada. Esse lugar deve ser fresco e seco.
8. Faça uma cópia de segurança do CD assim que puder. Utilize a cópia para estudar, de forma que o original fique guardado e protegido. Guarde o original e a cópia em lugares diferentes para sua maior segurança.
9. Mantenha cópia de segurança dos arquivos de áudio em seu PC e também em *pendrive* ou HD externo, ambos devidamente identificados.

Atividade 14: objetos usados para comer

Voltando à lista de atividades decorrente do registro de todas as minhas atividades num período de duas horas (ver Exercício para Atividade 3), lembrei-me de que Gary e eu jantamos juntos. Um jantar envolve diversas atividades e eu escolhi para este exercício trabalhar com os objetos utilizados para comer. Mestre e aprendiz podem pegar os pratos, os garfos, as facas, as colheres, os copos e trabalhar com eles. Isso pode funcionar da seguinte forma: coloque todos os objetos em um lugar. O mestre indica cada objeto e diz ao aprendiz o que é (“Isto é um prato” etc.). Se o aprendiz quiser, pode repetir as palavras depois do mestre ou pedir ao mestre que as repita. O mestre, então, ensina o aprendiz dizendo “Coloque este prato no jirau!”. Depois pegue outro prato e diga “Coloque este prato em cima do banco!”, e assim por diante.

Se o mestre não estiver falando o suficiente, o aprendiz pode encorajá-lo a falar perguntando, na sua língua, “O que eu faço agora?”. O aprendiz pode criar situações para utilizar mais a língua fazendo pequenas brincadeiras; por exemplo, ele pode colocar o copo de cabeça para baixo e esperar que o mestre lhe diga (na língua) para corrigir o erro. Matt Vera costumava fazer esse tipo de coisa com sua professora, Agnes, para grande diversão de ambos.

É lógico que, depois de aula, é a hora de comer! (Ver Atividade 7).

Atividade 15: fazer farinha

Dissemos antes que você pode fazer das atividades diárias verdadeiras aulas de língua. Vamos, então, fazer farinha. Imagine que você está no lugar de fazer farinha de seu mestre e ele está colocando a mandioca de molho. Se vocês planejarem com antecedência, poderão fazer farinha juntos. Pode-se aprender muitas coisas assim.

Nomes dos instrumentos: a equipe pode ensinar/aprender os nomes de vários instrumentos usados para fazer farinha, tipiti, peneira, ralador etc. O mestre pode segurar cada instrumento e dizer o nome ou o aprendiz pode segurar cada instrumento e perguntar o nome.

Mais palavras de ação: o mestre pode dar algumas ordens para que o aprendiz saiba o que fazer: “Coloque a mandioca de molho!”, “Descasque a mandioca!”, “Rale a mandioca!”, “Coloque a massa no tipiti!”, “Tire a massa do tipiti!”, e assim por diante.

Atividade 16: o que estou fazendo?

Até aqui, as atividades abordaram as palavras de ação apenas na forma de uma ordem. Nesta atividade você vai começar a aprender a utilizar outras formas das palavras de ação. O aprendiz deve pegar uma lista de alguns dos comandos que aprendeu e fazer as atividades indicadas, perguntando ao mestre “O que estou fazendo?”. Assim, se uma das ordens foi “Pule!”, o aprendiz deve pular e perguntar “O que estou fazendo?”. Primeiro, é claro, será preciso aprender a fazer esta pergunta. Depois, aprenda a dizer “O que você está fazendo?” e “O que ele/a está fazendo?”.

Capítulo 6

Seguindo em frente com a aprendizagem

As aulas que detalhamos anteriormente são apenas uma amostra das muitas coisas que vocês podem fazer durante seu trabalho conjunto com a língua. Com o desenvolvimento do trabalho, vocês podem querer revisar essas aulas de tempos em tempos. Mantenham o diário atualizado, isso os ajudará a lembrar do que foi estudado e a planejar as aulas de revisão. Abaixo são apresentadas algumas ideias de como prosseguir com o trabalho nas próximas aulas.

Atividades estruturadas para trabalhar em conjunto

Vocês os dois, muitas vezes, irão apenas se sentar e conversar. Para variar essa rotina, vocês podem usar quaisquer atividades como aula de língua. Aqui vão algumas ideias de atividades dirigidas desenvolvidas por Matt e Agnes Vera durante o tempo em que formaram uma equipe do Programa Mestre e Aprendiz.

Atividade 1: relações de parentesco

Peguem um álbum de fotos de família para que o mestre explique quem são as pessoas nas fotos. Por exemplo, “Este é meu primo”, “Esta é minha amiga Jane”, “Este é seu irmão mais velho”.

Como sempre, o aprendiz deve lembrar-se de que a língua que está aprendendo é radicalmente diferente do português. Os termos de parentesco podem ser diferentes dependendo se são parentes por parte de mãe ou de pai, ou se são parentes mais velhos ou mais novos que você. Você pode ter de usar termos diferentes para seu irmão ou irmã, dependendo se você for homem ou mulher. O termo de parentesco pode também variar se o parente for vivo ou já falecido.

Yowlumni apresenta muitas dessas variações:

<i>Kih nim cumits.</i>	‘Esta é a mãe da minha mãe’
<i>Kih nim puhpuh.</i>	‘Este é a mãe de meu pai’
<i>nehpits nim</i>	‘meu irmão mais velho’
<i>nehesh nim</i>	‘meu irmão mais novo’

Se o parente já tiver falecido, acrescenta-se o sufixo “-*mum*”:

<i>nehpitsmum</i>	‘irmão mais velho falecido’
<i>neheshmum</i>	‘irmão mais novo falecido’

Atividade 2: palavras direcionais

O aprendiz pode dirigir o carro do mestre para um determinado lugar, seguindo as instruções do mestre. Palavras como “pare”, “vire à direita”, “dobre à esquerda”, “siga em frente”, “faça o retorno”, “siga em direção norte”, entre outras, podem ser ensinadas. Algumas línguas não têm palavras para “direita” e “esquerda”; outras não têm “norte”, “sul”, “leste” e “oeste”. Algumas línguas, como o Yurok¹³, utilizam expressões direcionais como “rio acima” e “rio abaixo” no lugar dos pontos cardeais.

Atividade 3: aprender fazendo

O aprendiz pode fazer qualquer atividade e perguntar ao mestre “O que eu estou fazendo?”. Quanto mais adiantado for o aprendiz, mais condições terá de fazer perguntas muito detalhadas. Por exemplo, se vocês estiverem cozinhando batatas, o aprendiz pode aprender os seguintes verbos: “lavar”, “descascar”, “fatiar”, “cortar”, “fritar”, “virar” e “cozinhar”.

O aprendiz também pode acompanhar as atividades do mestre, fazendo perguntas a cada passo, como “O que você está fazendo?”. Ou mestre e aprendiz podem observar juntos alguém fazendo alguma coisa, ou assistir a um filme de ação da televisão, e o aprendiz perguntar “O que ele/a está fazendo?” ou “O que eles estão fazendo?”. Desta maneira, o aprendiz pode aprender como os verbos se modificam, dependendo da pessoa que está fazendo a atividade, “eu”, “você”, “ele/a” ou “eles”.

Mestre e aprendiz também podem fazer uma lista de tarefas caseiras, como arrumar a cama, lavar a louça, tirar o pó ou varrer o chão. Também podem fazer uma lista de coisas que gostem de fazer. Essas tarefas e atividades podem se tornar uma parte importante do trabalho conjunto com a língua. Consultem a lista para escolher uma tarefa ou uma atividade divertida e construam uma aula de língua entorno dela como nos exemplos acima.

Atividade 4: aprender nomes por meio de atividades

O mestre pode andar pela casa dizendo os nomes das coisas. Por exemplo, o mestre pode começar com a cozinha, dizendo “Isto é um garfo”, “Isto é

¹³ Yurok é uma língua Álgica, falada na Califórnia, aparentada das línguas Algonquinas da região nordeste dos Estados Unidos. Apesar de haver apenas alguns poucos falantes idosos, existe um programa ativo de revitalização que inclui o componente mestre-aprendiz, programas escolares e cursos de verão, além do desenvolvimento de material escrito, sob a orientação de um comitê composto de falantes nativos e aprendizes como segunda língua que ocupam papel de liderança.

uma colher”. O mesmo pode ser feito em cada peça da casa, “Esta é a minha cama”, “Esta é minha rede”. Conforme o aprendiz for aprendendo mais a língua, frases mais longas e descritivas podem ser utilizadas: “Esta é minha rede. Ela é muito macia. Foi sua irmã mais velha que me deu”.

Outra atividade que pode ser aproveitada é ir às compras. Matt e Agnes Vera foram para o setor de utensílios domésticos de uma loja para que Matt pudesse aprender a formar novas palavras para coisas que não tinham nome em Yowlumni. Em Yowlumni, pode-se formar novas palavras dizendo para que serve o objeto:

<i>uhchuhlih</i>	‘abridor de lata’	(lit. “coisa que abre”)
<i>kuhpuhthih</i>	‘ferro de passar’	(lit. “coisa que é quente”)
<i>kuhpuhthihu</i>	‘tábua de passar’	(lit. “coisa que se usa para a coisa que é quente”)

Você pode fazer um passeio pela mata com seu mestre, se ele for bom conhecedor das plantas da região. O mestre pode dizer ao aprendiz, na sua língua, qual é a planta, qual a estação que deve ser colhida, como ela é usada e o que é feito dela: “Esta é a envira-amarela. Colhe-se o fruto entre abril e junho. Ele é usado para dor no estômago.”

Atividade 5: o jogo do monstro

Este é um jogo maravilhoso que aprendemos numa oficina do Programa Mestre e Aprendiz. O objetivo do jogo é o mestre tentar descrever com palavras e gestos (sem usar o português) o desenho de um monstro feito pelo aprendiz. Por exemplo, se eu quiser dizer “O monstro tem três olhos no peito”, eu poderia apontar para meus olhos, mostrar três dedos e então apontar para meu peito. Inclui uma página com desenhos de monstros como exemplo (ver Apêndice C), mas a melhor coisa a fazer é pedir a uma terceira pessoa que faça os desenhos, assim você não poderá vê-los antes do jogo. Se você tem pendor artístico, então faça você mesmo os desenhos. Mas depois que o aprendiz aprender as partes do corpo, os números e talvez algumas peças de roupa, ele poderá descrever um monstro para seu professor.

Outras atividades que podem ser transformadas em aulas

Atividade 6: visitar outro falante

O aprendiz pode escutar enquanto os dois falantes conversam. Assim, ele aprenderá muita coisa sobre o som da língua e os padrões de entonação e terá um modelo de fala fluente que pode servir de objetivo pessoal.

Atividade 7: cozinhar juntos

O mestre pode dizer ao aprendiz o que fazer, usando gestos e demonstrações também. O aprendiz pode aprender o vocabulário relativo à comida e à cozinha. E no final vocês ainda terão uma ótima refeição para compartilhar.

Atividade 8: planejar uma aula de língua para crianças

Frequentemente, o aprendiz e/ou o mestre ensinam a língua às crianças ou pensam em fazê-lo no futuro. Planejar aulas de língua juntos é uma boa maneira de o aprendiz expandir e praticar seu conhecimento de vocabulário e de frases.

Atividade 9: passear de carro

Dirijam para um lugar de que vocês gostem ou apenas deem uma volta de carro explorando as ruas. O mestre pode falar sobre os lugares por onde vocês passam e sobre o que ele vê ou contar a história desses lugares. O aprendiz pode fazer perguntas ao mestre sobre vocabulário ou sobre a área por onde passeiam.

Atividade 10: fazer um arranjo de flores

Consigam algumas flores e façam um buquê juntos. O mestre pode dizer ao aprendiz o que fazer, como “Coloque a flor vermelha no centro”. E o aprendiz pode fazer perguntas, como “O que eu faço agora?”.

Atividade 11: assistir a uma cerimônia

Cerimônias tradicionais são um ótimo ambiente para usar e aprender a língua. O mestre pode falar sobre a cerimônia na língua ou pode tomar parte na cerimônia. O aprendiz pode aprender não apenas vocabulário, mas também todo um novo estilo de discurso, o tipo que se escuta em rezas e outros discursos formais.

Atividade 12: assistir TV sem som

Vocês sabiam que, nos Estados Unidos, o campeonato de futebol americano é transmitido em Navajo¹⁴ todos os anos? Assistam a um programa

¹⁴ Navajo é uma língua Atabasca falada na região chamada de “Os Quatro Cantos” – Arizona, Novo México, Colorado e Utah. É a língua nativa dos Estados Unidos com a maior quantidade de falantes, e as crianças ainda a aprendem em casa. Porém, até mesmo Navajo

de esportes e sejam vocês mesmos os comentaristas. Assistam à novela e inventem os diálogos em sua própria língua, fingindo serem os atores. Assistam a qualquer programa de TV e comentem na língua.

Atividade 13: construir ou fazer algo juntos

Você gosta de carpintaria? Há algo que precisa ser consertado na casa? Você é um artista? Você gosta de pescaria? Seja qual for a atividade, transformem-na em aula de língua, desenvolvendo a atividade juntos. O aprendiz pode perguntar “O que estou fazendo?” ou “O que você está fazendo?” e aprender muitas palavras e frases novas. E o mestre pode dar instruções na língua.

Atividade 14: olhar figuras e conversar sobre elas

Esta é uma boa maneira de o mestre ensinar vocabulário novo ao aprendiz. E é também um bom exercício para o aprendiz, que pode ter que descrever uma figura em uma avaliação (ver Apêndice A e os desenhos no Apêndice C).

Atividade 15: contar histórias

O mestre pode contar histórias ao aprendiz, usando gestos e figuras para passar o significado. O aprendiz pode querer gravar a narração e escutá-la diversas vezes, com o objetivo de aprendê-la para contar a outras pessoas (Ver Capítulo 10).

Atividade 16: aprender uma música

A música deve, logicamente, ser na sua língua.

Atividade 17: encenar um esquete ou uma peça teatral

Sejam criativos e divirtam-se com esta atividade! Ou apenas façam encenações com marionetes ou outros materiais.

Atividade 18: jogos

Jogos de mesa e jogos de carta podem ser ótimas experiências de aprendizagem. Em um jogo de cartas, você pode ensinar/aprender os termos

tem problemas: pesquisas com crianças em idade escolar mostram que apenas metade delas são fluentes em Navajo.

que se referem às cartas. O aprendiz pode embaralhar, cortar, dar as cartas e perguntar “O que estou fazendo?”. Jogos de palavras podem estimular novo vocabulário – algumas equipes jogam jogos como Palavras Cruzadas, em que eles podem dizer as palavras em português, mas não podem escrevê-las a não ser que possam dizê-las na sua língua. Inventem suas próprias regras para o uso da língua nos jogos.

Atividade 19: fazer enfeites de Natal

Tentem fazer enfeites de Natal ou decorar a árvore de Natal juntos, ou escrever um cartão de Dia dos Namorados ou pintar ovos de Páscoa. O mestre pode falar sobre essas coisas, suas cores e texturas e sobre o que estão fazendo ou pode dizer ao aprendiz o que fazer. O aprendiz iniciante pode eliciar palavras usando as perguntas que já aprendeu a fazer ou, se avançado, pode descrever o que está fazendo: “Vou colocar essa bola vermelha na árvore” etc.

Mais atividades:

Acampar;

Organizar um acampamento;

Nadar;

Ir a um jogo de futebol;

Ir a um museu;

Plantar flores;

Arrumar o jardim;

Pintar a casa;

Cuidar de criança (tente ensinar à criança alguma coisa que você aprendeu);

Escutar sons (tente descrever os sons de um pneu cantando, de passos, da água correndo, de um pássaro cantando);

Rezar.

Capítulo 7

Desenvolvendo vocabulário

O aprendiz deve ter em mente algumas das categorias gerais de vocabulário que deve aprender. Lembre-se, o mestre deve sempre falar usando frases. Não ensine “sentar”, mas ensine ao aprendiz alguns comandos como “Sente-se” ou “Vamos nos sentar”, ou utilize frases descritivas como “Maria está sentada”.

Por outro lado, o aprendiz não deve ficar decepcionado ao perceber que a palavra “sentar” muda em cada contexto. Em muitas línguas, as palavras apresentam **prefixos** ou **suffixos**; pequenos acréscimos no início ou no fim da palavra que carregam parte do significado, como quem está fazendo a ação ou se a ação ocorre no passado, no presente ou no futuro. Muitas vezes, a parte central da palavra também se modifica.

Em relação aos substantivos, a palavra pode mudar em contextos diferentes. Em Yowlumni, em uma frase como “A casa é vermelha”, casa é “*chi’i*”, mas se você estiver fazendo alguma coisa em relação à casa, como “Ele está construindo uma casa para mim”, então a palavra para casa aparece como “*cheeni*” (o som de “ee” é aberto como em “eco”). O aprendiz gostaria que a palavra permanecesse a mesma, mas infelizmente isso não acontece! E não se preocupe em perguntar ao mestre por que isso acontece – ele apenas poderá responder “É assim”.

Estruturas frasais

O aprendiz precisa aprender como dizer frases completas de vários tipos. Uma forma de fazer isso é aprender o que chamamos de “estruturas frasais”, estruturas em que você pode colocar diferentes itens de vocabulário. Exemplos de estruturas frasais seriam:

Isto é um _____.

Eu quero _____.

Você quer _____?

Amanhã nós vamos _____.

As estruturas frasais que você aprender na sua língua serão “construídas” de forma diferente do que seriam em português, é claro (Ver Capítulo 8).

Outras estruturas envolveriam diversas posições em que você pode colocar palavras diferentes. Em português, por exemplo, você pode contar uma história com frases como as que seguem:

O cachorro latiu.

A menina chorou.

A mãe gritou.

O cachorro correu.

A menina riu.

Nessas frases, a estrutura seria: A/O (substantivo) (verbo)-u. Algumas frases possuem dois ou mais substantivos:

A menina achou um cachorro.

A mãe atirou uma pedra.

Nesse caso, a estrutura em português seria: A/O (subst.) (verbo) um/a (subst.). Mais uma vez, na sua língua, a estrutura seria diferente. Sua língua provavelmente não tem palavras para “o/a” ou “um/a”, por exemplo – o português é bem estranho nisso. A estrutura na sua língua será aquilo que for natural na língua.

Algumas coisas que você precisará aprender para poder conversar

Ações e coisas

Eu, você, ele/a faz alguma coisa

Como falar no plural (eu e você, todos nós ou eles fazem alguma coisa)

Passado, presente, futuro e outras considerações sobre tempo

Colocar as coisas em algum lugar (“sobre a mesa”, “na caixa”, “debaixo da casa”)

Mudar de lugar (“para cima”, “para baixo”)

Ir a lugares (“subir o rio”, “descer o morro”)

Descrever coisas (“duro”, “macio”, “bonito”, “feio”, “grande”, “pequeno”)

O que é aquela coisa no final da palavra? – como analisar palavras com sufixos (e prefixos)

Frases mais e mais longas (“e”, “mas”)

Palavras para preencher o vazio (“hum”, “bem”, “talvez”, “oh”)

Substantivos: falar sobre coisas

É sempre importante lembrar-se de que a melhor maneira de aprender uma língua é por meio da ação e de atividades. Abaixo apresento alguns conjuntos de substantivos com sugestões para atividades e ações associadas. Alguns desses conjuntos podem ser muito desenvolvidos na sua língua, outros nem tanto (línguas de regiões desérticas podem não ter tantos nomes para peixes, por exemplo). Você também pode pensar em outros conjuntos de nomes e atividades relacionadas.

Partes do corpo: tocar, lavar

Coisas da cozinha: cozinhar, lavar a louça, guardar a louça

Coisas do quarto: arrumar a cama, limpar o quarto, guardar as coisas

Móveis: tirar o pó, mover os móveis, sentar-se neles, colocar coisas sobre eles

Utensílios de cozinha: arrumar a mesa, comer, lavar a louça, cozinhar

Palavras para artesanato tradicional: (para cestaria: tipos de cestas, fibras utilizadas, gestos; para cerâmica: tipos de argilas, formatos e funções dos potes, técnicas de confecção, processo de queima; para carpintaria; trabalho com couro; com sementes e miçangas): coletar material para confecção das peças artesanais, confeccionar as peças, assistir a outros trabalhando, ir a museus, examinar peças artesanais

Termos de parentesco: olhar álbum de família, montar uma genealogia

Nomes de clãs/metades: montar a genealogia, descobrir quem pertence a cada clã/metade

Vestuário: vestir, lavar, pendurar para secar, guardar, comprar

Aparato cerimonial: confeccionar peças e vestimentas cerimoniais, usar peças e vestimentas cerimoniais, examinar peças e vestimentas cerimoniais

Árvores: dar um passeio, subir nas árvores, plantar, podar

Plantas: (tipos de plantas, plantas comestíveis, plantas medicinais, plantas usadas para confecção de cestaria): coletar, preparar e comer plantas comestíveis, fazer cestas

Flores: colher ou comprar flores, fazer arranjos, ir a feiras de flores, olhar livros e flores

Nomes de comidas: comprar, cozinhar, comer

Animais selvagens: ir ao zoológico, dar um passeio pela mata, olhar livros de animais

Animais domésticos: criar animais, visitar fazenda ou sítio ou feira de animais

Pássaros: observar os pássaros, olhar livros de pássaros

Peixes: pescar, olhar os peixes em supermercados, cozinhar e comer

Rios, igarapés e lagos: dar uma caminhada até o rio ou lago, pescar, passear de barco

Estrelas, constelações, planetas, lua, sol: sair à noite para olhar as estrelas, contar histórias sobre as estrelas e planetas, olhar cartas e figuras de estrelas, constelações, planetas

Clima (céu, nuvens, chuva): sair com climas diferentes, falar sobre a previsão do tempo, expressar como se sente com diferentes climas, o que você faz e o que você usa com diferentes climas

Palavras relativas à terra (terra, areia, rocha, morros, montanhas): dar um passeio pelo campo ou mata, coletar areia e rochas, fazer um jardim de pedras, olhar pinturas de paisagens

Nomes de lugares: olhar mapas, fazer um mapa com nomes de lugares tradicionais, contar histórias que se passem nesses lugares

Períodos do dia: conversar sobre o que faz em cada período do dia, as horas, formas tradicionais de marcar a hora ou os períodos do dia (manhã, pôr do sol), perguntar as horas

Períodos do ano: conversar sobre as estações, fazer coisas associadas às estações ou aos meses do ano, fazer um calendário

Tipos de pessoas (menino, menina, homem, mulher, velho, velha, desconhecido, cantor, xamã): olhar álbum de foto, olhar livros de fotos de pessoas e conversar sobre as fotografias, contar histórias, sentar-se em algum lugar para olhar os passantes e conversar sobre eles

Tipos de casas e outras construções (casas tradicionais, casas modernas, lojas): dar uma volta de carro ou a pé e conversar sobre as casas e edifícios, olhar figuras de casas, desenhar casas, construir uma casa tradicional

Direção (norte, sul, leste, oeste, para cima, para baixo, rio acima, rio abaixo, do outro lado do rio, morro acima, morro abaixo): dar uma volta de carro ou a pé com o mestre indicando a direção, jogar jogos em que têm que se mover em diversas direções, contar histórias usando esse vocabulário, olhar mapas

Números: jogar jogos com números (bingo, cartas), contar objetos, olhar fotografias e contar pessoas ou coisas

Muitas línguas ameaçadas não estão sendo utilizadas há muito tempo como a principal língua de comunicação, por isso elas podem não ter palavras para os elementos da vida moderna. Algumas das categorias que podem faltar na sua língua são:

Partes de carro (em Navajo, as partes dos carros têm os mesmos nomes que as partes do corpo; o farol são os “olhos”, a bateria é o “coração” etc.)

Aparelhos eletrodomésticos (máquina de lavar, televisão, torradeira, grill)

Coisas que se pode comprar em supermercados

Coisas que se pode encontrar na escola (livros, papel, lápis)

O mestre pode ensinar ao aprendiz como criar termos descritivos para coisas que não tenham nome na língua. Em Havasupai, esses termos descritivos tornaram-se parte do vocabulário regular:

<i>Gwe ñaav jba`ij</i>	‘lanterna’	(lit. “coisa da qual sai luz”)
<i>Gwe ñaa tultul</i>	‘carro’	(lit. “coisa preta que anda”)
<i>Gwe ñaatultul ñoña</i>	‘estrada, rua’	(lit. “caminho da coisa preta que anda”)
<i>Gwe vlebleb`ij</i>	‘helicóptero’	(lit. “coisa que faz um som ‘leb leb”)

Aprender como criar esses termos descritivos será útil para poder conversar sobre coisas para as quais a língua não oferece vocabulário.

Verbos: falar de ações

Os verbos tomarão a forma de:

Comandos

Respostas a perguntas como:

O que você está fazendo?

O que eu estou fazendo?

O que Clara está fazendo?

O que ele/a está fazendo?

Passado, presente, futuro (O que ele fez ontem?)

Em muitas línguas, os verbos são bastante complicados e dão muitas informações. Os verbos podem ser específicos de uma pessoa – isto é, ele pode conter um prefixo ou um sufixo que especifica quem está fazendo a ação, “eu”, “você” ou “eles”. Eles também podem ter afixos mostrando quando a ação aconteceu (passado, presente ou futuro). Repetindo ainda mais uma vez (porque é muito importante!): nada será como em português. Na sua língua, “matar” e “morrer” podem ser expressos pela mesma raiz verbal, mas “matar” pode ter um afixo que signifique “fazer (alguma coisa)”, de forma que o verbo literalmente signifique “fazer morrer”. Além disso, o verbo também pode mudar se o sujeito for plural ou singular; se o falante está contando algo que ele viu ou que alguém contou para ele. Os iniciantes não devem esperar entender **por que** um verbo aparece diferente a cada vez; tenha fé, um dia você vai entender.

Abaixo apresento uma lista de verbos comuns que você pode querer aprender. Alguns deles podem não ser traduzíveis para a sua língua, ou eles podem ter várias traduções possíveis dependendo do significado exato. Também há muitos verbos na sua língua que não poderão ser traduzidos para o português. Para cada um dos verbos abaixo, pense como o professor pode explicar o significado na sua língua sem dizer o verbo em português – por exemplo, fazendo uma encenação ou incluindo o verbo em alguma atividade.

abraçar	abrir	acender	acordar
agarrar	ajudar	alimentar	amarrar
andar	apagar	apertar	aprender
apressar-se	assobiar	atravessar	baixar
balançar	banhar-se	bater	bater
brincar	caçar	caminhar	cantar
carregar	casar-se	cavar	cheirar
cobrir	coçar	colocar	comer
conhecer	construir	contar	crescer
corar	chover	chupar	chutar
cuidar	cuspir	deitar	deixar
desamarrar	desaparecer	descer	descobrir
desmaiar	discutir	dizer	dormir
emprestar	empurrar	encher	encontrar
engasgar	engravidar	ensinar	entrar
entristecer	escalar	escapar	esconder

escutar	espalhar	esquecer	falar
fazer	fechar	ferver	festejar
ficar	fingir	fugir	furar
girar	gostar	implorar	ir
jogar	juntar	lavar	ler
levantar	mandar	mastigar	matar
mentir	molhar	morder	morrer
mover	murmurar	nascer	nomear
ouvir	parir	partir	passar (por)
palmas	beber	beijar	brigar
pedir	pegar	pendurar	pensar
perder	perguntar	permitir	plantar
procurar	pular	puxar	quebrar
queimar	rastejar	reconhecer	recusar
resgatar	respirar	rir	roncar
roubar	saber	saltar	segurar
soprar	suar	tapar	tirar
tossir	tropeçar	ver	vestir
visitar	vir	vomitar	

Adjetivos: falar sobre qualidades

Há muitos tipos de palavras para aprender além de verbos e nomes. Outra grande classe de palavras envolve o vocabulário que descreve as qualidades dos objetos, como “macio” e “vermelho”. Em português, essas qualidades são expressas por meio dos adjetivos. Conforme o aprendiz for progredindo no estudo da língua, pode começar a pensar em como falar sobre essas qualidades. Em vez de dizer “Dê-me aquela xícara”, diga “Dê-me aquela xícara grande”, ou “Dê-me aquela xícara decorada com uma rosa”.

Mas não aprenda o vocabulário descritivo como uma lista, aprenda-o no contexto das atividades. Quando for falar sobre “grande” e “pequeno”, compare objetos ou figuras de objetos e diga qual dos dois é pequeno e qual é grande. Aprenda as cores falando das cores das coisas ao seu redor. Ou pegue um conjunto de lápis de cor e peça ao professor que lhe diga que cores usar para pintar um desenho que você mesmo fez.

Vocabulário relacionado com situações determinadas

Outra maneira de pensar sobre vocabulário é pensar sobre os tipos de frases que cabem em determinadas situações. Aqui apresento alguns exemplos: coisas associadas ao acordar pela manhã, coisas que você pode dizer a uma criança no caminho da escola, coisas que você pode dizer no jantar.

Conversa matinal

Bom dia.	Acorde!
Levante-se!	Vou lavar meu rosto.
Tome banho.	Mude de roupa.
Arrume sua cama.	Sente-se e coma.
Você dormiu bem?	Você sonhou?
O que você sonhou?	

Ir à escola

Escove seus dentes.	Coloque seu casaco.
Penteie seu cabelo.	Pegue seus livros.
Pegue suas roupas.	Apure!
Pegue seus sapatos.	O ônibus chegou.
Mude a camiseta.	Vá para a escola.
Vista isso.	

Conversa no jantar

O jantar está pronto.	Você quer mais?
Passa o ____.	Isto está muito bom.
Coma!	O que você fez hoje?
Você quer um pouco de ____?	Quem vai lavar a louça?

Faça o exercício da Atividade 3 no Capítulo 5, organizando listas de coisas que você faz e fala durante o dia para tentar encontrar situações e tópicos que possam ser utilizados como aula de língua. Você também pode encontrar alguma sugestão interessante para essa atividade nos desenhos apresentados no Apêndice C.

Capítulo 8

A estrutura da língua: aprendendo gramática

Muitas pessoas têm medo da palavra “gramática” e dizem que não entendem nada de gramática (e não querem aprender!). Apesar disso, todos nós conhecemos a gramática da língua que falamos. Saber gramática **não** é conhecer palavras como “pretérito perfeito” ou “oração relativa”. Essas são palavras que falam **sobre** gramática. Se você fala português, você não precisa pensar duas vezes antes de dizer uma frase como “Eu já tomei meu café da manhã” (que tem um pretérito perfeito) ou “Eu gostaria de encontrar o garoto que jogou uma pedra na minha janela” (que tem uma oração relativa). Não é preciso dar **nome** às estruturas gramaticais para saber utilizá-las.

Como é que nós aprendemos toda essa gramática? Ela veio naturalmente – quando éramos crianças adquirindo nossa(s) primeira(s) língua(s). Como adultos, nossa habilidade para aprender a gramática de uma nova língua é ao mesmo tempo prejudicada e facilitada por nossas experiências com nossas primeiras línguas. Uma das maneiras pelas quais podemos ser prejudicados por ela é tendo expectativas erradas com relação à gramática. Como falantes de português, nós podemos pensar que se aprendemos a palavra para “casa” e a palavra para “azul”, basta colocá-las lado a lado para fazer a frase “casa azul” – quando, na verdade, na nova língua as palavras podem ser colocadas na ordem contrária (“azul casa”). Esta é apenas uma em um milhão de maneiras que as estruturas das línguas podem ser diferentes umas das outras.

Por outro lado, os adultos são capazes de usar a inteligência conscientemente, e as crianças pequenas não o são. Se existe alguma coisa na língua que estamos aprendendo que nós não entendemos, nós podemos **estudar** essa coisa até entendê-la, pedindo ao falante mais explicações e exemplos.

O que a gramática pode fazer por você? Se você entende a gramática de sua língua, a cada vez que você aprender uma palavra você estará, na verdade, aprendendo uma centena de palavras e milhares de frases possíveis. Grande parte do capítulo anterior (sobre como desenvolver vocabulário) é sobre gramática. As “estruturas frasais” de que falamos descrevem a gramática da língua. Abaixo apresento alguns exemplos de Kumeyaay para mostrar o que estou querendo dizer.

Perguntas

Como você faria uma pergunta na sua língua? Os verbos têm alguma terminação especial? Há alguma palavra especial que se deve acrescentar? Em Kumeyaay, é preciso acrescentar “-a” no final de uma palavra para transformá-la em pergunta.

Anmak. ‘Ele terminou.’

Anmaka? ‘Ele terminou?’

Aqui temos outra palavra Kumeyaay:

Wesaaw. ‘Ele comeu.’

Como você perguntaria “Ele comeu?” em Kumeyaay?

Viu só? Ao aprender a palavra para “comer”, o seu novo conhecimento da gramática do Kumeyaay permite que você forme novas palavras que ninguém nunca ensinou a você – neste caso, fazer uma pergunta acrescentando uma terminação à palavra.

Comandos

Para dar uma ordem em Kumeyaay você acrescenta um “k-” no início da palavra. Assim, usando os mesmos dois verbos que vimos acima, podemos passar “terminar” para a forma de comando da seguinte maneira:

Kanmak! ‘Termine!’

Como você diria “Coma!” em Kumeyaay?

Dizer não

Se você sabe como dizer a alguém para fazer alguma coisa, como você diz a alguém para **não** o fazer? Em Kumeyaay é assim:

May kanmak maw! ‘Não termine!’

Você pega a forma de comando do verbo, coloca “*may*” na frente e “*maw*” atrás. Agora diga “Não coma!”

Você entendeu. Você pegou uma palavra nova e foi capaz de usar seu conhecimento da gramática de Kumeyaay para dar uma ordem, fazer uma pergunta e dizer para alguém não fazer uma coisa. A gramática é o que realmente permite que você diga coisas na língua. É o que você precisa para transformar palavras em comunicação real.

Descobrimo sozinho

Agora você sabe que aprender a estrutura – a gramática – de uma língua é essencial para a comunicação. Nos últimos parágrafos, eu expliquei a você alguma coisa de gramática. Para a sua própria língua, você provavelmente

terá de descobrir sozinho. Como você vai fazer isso? Em grande parte, você vai fazer isso apenas observando os padrões. Vamos fazer mais um exercício com comandos, mas com uma língua diferente. E desta vez você irá descobrir o que está acontecendo.

Suponha que você é um aluno iniciante de Yowlumni e que sua professora começa a ensinar comandos:

<i>Xatk'a!</i>	‘Coma!’
<i>Hulushrk'a!</i>	‘Sente-se!’
<i>Woyk'a!</i>	‘Durma!’
<i>Hatimk'a!</i>	‘Dance!’
<i>Ilik'a!</i>	‘Cantel!’

Não é como em Kumeyaay; não há um padrão no início das palavras. Você consegue ver alguma parte da palavra que parecem ser iguais em todas as palavras? (Em vez de **parecer** igual, essa parte **soaria** igual se você estivesse ouvindo as palavras.)

Talvez você já tenha descoberto qual é o padrão, ou talvez ainda não. Se você estivesse aprendendo Yowlumni, logo logo você começaria a escutar esses mesmos verbos em outras formas. Por exemplo, você poderia escutar estas formas para “comer”:

<i>Xatan'na.</i>	‘Eu estou comendo.’
<i>Xatan'ma.</i>	‘Você está comendo.’
<i>Xatan'tra.</i>	‘Ele (ou ela) está comendo.’

Agora responda estas perguntas: que palavras nas frases acima significam “eu”, “você” e “ele/ela”? Que parte da palavra para “comer” é diferente nessas frases e nos comandos para “comer”? Agora, se você conseguiu responder essas perguntas, então você tem condições de dizer (ou, neste caso, de escrever) as seguintes frases em Yowlumni:

Eu estou sentado.
Você está dormindo.
Ele está dançando.

Agora, passe a frase abaixo para a forma de comando:

Hiwet'an na. ‘Eu estou caminhando.’

Como você diria “Caminhe!”?

Eu estou escrevendo isto como se você aprendesse gramática descobrindo-a conscientemente, e você pode ter experiências do tipo “Eureca!” nesse caminho. Mas você aprende a maior parte da gramática sem estar consciente disso. Depois de um tempo, simplesmente vai soar correto se você disser uma coisa de uma determinada maneira. **Isso** é saber gramática.

É difícil escrever uma explicação de gramática sem usar palavras como “substantivo”, “verbo” e outros termos “técnicos”. Você pode ficar feliz ao usar essas palavras e até fascinado ao analisar o que está acontecendo na gramática da sua língua. Mas também é possível aprender e usar padrões gramaticais sem nunca aprender a explicá-los.

Atenção

As línguas são muito complexas. Nem tudo que diz respeito à gramática é simples e consistente. Por exemplo, eu selecionei cuidadosamente aqueles comandos em Yowlumni que apresentam a mesma terminação. Mas, apesar de você ter visto apenas aqueles que terminam em “-k’a”, alguns terminam em “-k”, como os que seguem:

<i>Len 'tsak'!</i>	‘Fale!’
<i>Kusineelok'!</i>	‘Cozinhe!’
<i>Taxak'!</i>	‘Traga-o!’
<i>Tan 'nak'!</i>	‘Pegue-o!’
<i>Hot'oonik'!</i>	‘Faça fogo!’

Também há um padrão aqui, mas pode levar um tempo para um aprendiz descobri-lo. Mais uma vez, você pode nem ser capaz de **explicar** por que às vezes é com “-k” e outras vezes é com “-k’a”, mas no final você saberá que simplesmente soa correto de uma forma ou de outra.

Assim, os padrões podem, por vezes, ser demorados de aprender. Ou pior ainda, todas as línguas têm exceções aos padrões, e vez por outra não há padrão algum! Por exemplo, Yowlumni tem substantivos plurais, mas você tem de aprender a forma plural para cada substantivo.

Lembre-se, o domínio total da gramática de uma língua só ocorre quando você não tem mais que pensar sobre ela. E você nunca tem de descobrir a gramática conscientemente, a não ser que você tenha uma grande curiosidade intelectual. Se você escutar a língua o suficiente (pelo menos dez horas por semana por vários anos), isso tudo virá naturalmente.

Capítulo 9

Aprendizagem em níveis intermediário e avançado

Neste capítulo, daremos algumas ideias sobre como aumentar sua competência linguística, voltando a atividades apresentadas anteriormente e incorporando outras (Ver Capítulo 12 para mais ideias para aprendizagem em nível avançado).

Mais algumas questões sobre a língua

Depois que você estiver trabalhando com seu mestre por um tempo, você deve ter condições de fazer pedidos em sua língua, como os que seguem:

Diga novamente.

Diga na nossa língua.

Diga mais devagar.

(O mestre deve ensinar as formas educadas e apropriadas desses pedidos.)

Nunca é demais repetir que as frases podem não ter exatamente o mesmo significado na sua língua e no português e não há problema algum nisso. Algumas podem ser difíceis de dizer em sua língua; se esse for o caso, você pode encontrar outra pergunta que a substitua. Por exemplo, “Que cor é essa?” pode não ser fácil de dizer; algumas línguas não têm palavra que signifique exatamente “cor”. Você pode perguntar, em vez disso, alguma coisa como “É parecido com o quê? Vermelho? Azul?” ou então “Isso não é vermelho, então o que é?” ou “Descreva sua superfície”.

Conforme mestre e aprendiz forem se acostumando a conversar um com o outro, o mestre provavelmente usará palavras que o aprendiz não conhece. Se o aprendiz escutar uma palavra que não conhece, deve perguntar qual é seu significado. O mestre não deve apenas traduzir a palavra para o português, mas tentar descrever ou definir na sua língua o que ela significa. Será bom para o aprendiz saber algumas perguntas deste tipo na sua língua:

O que (palavra nova) significa? Coloque essa palavra em uma frase.

Cumprimentos

Pode haver muitos cumprimentos diferentes, dependendo destas (e ainda outras condições!):

Hora do dia: as pessoas se cumprimentam de forma diferente dependendo da hora do dia? Por exemplo, em português se diz “Bom dia”, “Boa tarde” ou “Boa noite”.

Formalidade: as pessoas se cumprimentam de forma diferente dependendo do grau de formalidade da situação? Por exemplo, ocasiões cerimoniais podem exigir determinados tipos de cumprimentos. Em português, “Aí”, “Oi” e “Boa tarde” têm graus diferentes de formalidade.

Gênero: em algumas línguas, usam-se cumprimentos diferentes dependendo se quem fala é homem ou mulher, ou se a pessoa com quem se fala é homem ou mulher.

Público: os cumprimentos podem variar se você está dirigindo-se a uma, duas ou mais pessoas.

Idade: os cumprimentos podem ser diferentes dependendo se a pessoa com quem você fala é mais velho do que você; uma criança pode ser cumprimentada de forma diferente de um adulto.

Status social: em algumas línguas, uma pessoa de status social alto cumprimenta ou é cumprimentada de forma diferente de outras pessoas.

Ações: em algumas línguas, os cumprimentos variam dependendo do que as pessoas estão fazendo. Em Kumeyaay, por exemplo, cumprimenta-se dizendo “Como você vai?”, porém há uma terminação diferente na frase dependendo se a pessoa com quem se fala está sentada, de pé ou deitada. A tradução literal do cumprimento é “Como você vai, estando de pé?”, “Como você vai, estando sentado?” e “Como você vai, estando deitado?”.

Atividade 1: contextos dos cumprimentos

O aluno de nível intermediário deve saber pelo menos duas formas diferentes de cumprimentar alguém, dependendo de algum dos fatores apresentados acima (ou outros). Se você já sabe dois, aprenda mais alguns.

Perguntar como dizer alguma coisa: intermediário

Como foi dito no capítulo para iniciantes, há muitas maneiras diferentes de perguntar como se diz alguma coisa. Agora você deve aprender formas novas de perguntar por palavras. Se você ainda não sabe perguntar algo que em português seria mais ou menos como “O que é isso?” ou “O que é aquilo?”, então trabalhe nisso com seu mestre.

Isso pode ficar complicado! Por exemplo, em Havasupai, existem muitas maneiras diferentes de fazer esse tipo de pergunta, dependendo da distância que você está do objeto. “*Viya gwevju?*” significa ‘O que é isso?’, quando o falante está falando de algo que está segurando em sua própria mão ou que é parte de seu corpo. Se o objeto estiver próximo do falante,

mas não o tocando, então a pergunta é “*Nyiva gwevju?*”. Se estiver perto da outra pessoa, a pergunta será “*Nyinyu gwevju?*”. Se não estiver perto de nenhum dos dois, mas em outro lugar próximo, a pergunta será “*Nyitha gwevju?*”. Se o objeto estiver sendo visto, mas muito longe, a pergunta será “*Nyiwa gwevju?*”. Se houver várias coisas próximas umas das outras e o falante estiver se referindo a apenas uma das coisas, a pergunta será “*Nyiwi gwevju?*”. E, finalmente, se ele tiver visto o objeto, mas no momento da pergunta o objeto já tiver desaparecido – por exemplo, se passou pelo objeto de carro – a pergunta será “*Nyivu gwevju?*”.

A sua língua pode não ter esse tipo de complicação, mas perguntar “O que é isso?” pode complicar-se por outras razões. Por exemplo, você pode ter de perguntar de diversas maneiras dependendo se o objeto é redondo ou longo, duro ou flexível.

Atividade 2: isso e aquilo

Revise a Atividade 3 do Capítulo 5. Você já sabe pelo menos uma maneira de perguntar como se diz alguma coisa na sua língua; agora trabalhe com seu mestre para descobrir outras maneiras de perguntar qual a palavra para designar alguma coisa. Em especial, trabalhe com frases que tenham “isso” ou “aquilo”. Descubra como perguntar “O que é isso?” e o “O que é aquilo?”. A pergunta é diferente dependendo do formato do objeto ou da distância que ele está de você?

Perguntar como dizer alguma coisa: avançado

Como aluno de nível avançado, você deve falar na sua língua o máximo possível, aprendendo a utilizar palavras e frases mais complexas. Você nunca deve tentar usar o português para perguntar por algum objeto; em vez disso, você deve **descrever** o objeto. Se você quer saber a palavra para “panela”, pergunte na sua língua “Como se chama aquela coisa que a gente usa para cozinhar?”. Se você quer saber a palavra para “médico”, pergunte na sua língua “Como se chama a pessoa que a gente visita quando está doente?”.

Atividade 3a: perguntas descritivas

Com seu mestre, trabalhe com algumas frases como as apresentadas acima. Você deve conhecer o vocabulário que vai utilizar nas frases; o que você está querendo aprender aqui é a gramática – isto é, a forma pela qual se constrói a frase. Tente primeiro com alguns objetos, perguntando ao seu mestre como se diz:

Como se chama a coisa dentro da qual a gente cozinha?

Como se chama a coisa com a qual eu escrevo?

Como se chama o lugar sobre o qual eu durmo?

Essas perguntas podem não ser ditas dessa forma na sua língua. “Qual o nome da coisa em que se cozinha?” ou “O que é a coisa em que se cozinha?” podem ser mais parecidas com a sua língua.

Quando seu professor tiver mostrado como fazer perguntas desse tipo, tente fazer sozinho, perguntando por vários tipos de objetos e veja se você entendeu a gramática. Seu professor o corrigirá se for necessário.

Danny Ammon, aprendiz de Hupa, desenvolveu formas de perguntar o nome de coisas descrevendo o significado em Hupa. Muitas vezes, ele já sabe a palavra pela qual está perguntando – o exercício aqui é descrever o objeto. Por exemplo, ele pode perguntar em Hupa:

O que eu uso para ir para a aldeia? (Resposta: o carro.)

O que é a coisa que se usa para cruzar o rio? (Resposta: o barco.)

Nas danças rituais, quais são as coisas que se usa para dançar? (A resposta envolve uma série de objetos religiosos que não têm tradução para o português.)

Alternativamente, o mestre pode fazer essas perguntas para o aprendiz.

Atividade 3b: perguntas avançadas

Volte diversas vezes para esse exercício, pratique novas formas de perguntar o nome de objetos. Passe para perguntas mais complexas, como: “Qual o nome daquele animal que cava buracos no jardim?” ou “Como se chama o homem que prepara o fogo para a casa da sauna?”. Da mesma forma que anteriormente, primeiro, peça a seu professor que diga algumas frases desse tipo, então comece a fazer suas próprias frases quando você tiver entendido a estrutura.

Nomes das coisas: intermediário e avançado

Você já conhece muito vocabulário e já praticou bastante como perguntar o nome dos objetos. Para aprender mais e praticar ainda mais, aproveite a oportunidade de aprender uma nova palavra como ponto de partida para fazer mais perguntas. Por exemplo, suponhamos que você tenha uma cesta diante de você. Se você não conhece a palavra para “cesta”, você pode perguntar na

sua língua “O que é isso?” e, depois, você poderia perguntar, na sua língua, outras coisas como:

Como ela é feita?

Do que ela é feita?

Como se usa?

Quem a fez?

Qual a sua cor?

Mesmo que você conheça os fatos, você pode não saber como dizer essas coisas na sua língua e esse é o motivo real pelo qual você está perguntando – para que você possa escutar seu mestre falar na sua língua e assim aprender mais vocabulário.

Atividade 4: aprender mais perguntas

Se você não sabe como fazer as perguntas apresentadas acima, peça ao seu mestre que o ensine. Depois as utilize para fazer perguntas ao mestre sobre os objetos a sua volta.

Comunicação real

O mais importante para alunos avançados é comunicar-se apenas na sua língua com o mestre e com outros falantes e aprendizes. Nunca fale com eles em português, quando souber falar na sua língua. Insista que eles falem com você na sua língua também. Se você se deparar com alguma coisa que não sabe dizer, pergunte ao mestre.

Além da comunicação diária, pense em eventos especiais na sua vida ou na comunidade que você e outras pessoas possam utilizar a sua língua. Há cerimônias ou outros eventos tradicionais na sua comunidade? O português já penetrou nessas atividades? O que você pode fazer para trazer sua língua de volta para essas atividades?

Um bom exemplo de uso da língua em evento especial aconteceu recentemente quando Quirina Luna pediu a Linda Yamane para fazer seu casamento com Jimmy Costillas, usando na cerimônia a língua Rumsien . Em Oahu, há um programa que prevê a inclusão de esportes no processo de revitalização da língua Havaiana. Agora já há ali um time de futebol que só joga em Havaiano! Talvez você possa iniciar um time para jogar bola ou um grupo para fazer cestas ou para fazer redes que só utilize a sua língua.

Há formas de você trazer a sua língua de volta ao uso na comunidade? Há alguma loja local administrada pela comunidade na qual as compras poderiam ser realizadas todas na língua? As reuniões da comunidade poderiam ser inteira ou parcialmente realizadas na língua? Os Cochitis do Novo México organizaram aulas obrigatórias de 30 minutos todas as manhãs para os trabalhadores da tribo que não falam a língua Cochiti.

O mais importante de tudo é levar sua língua para dentro de sua casa. Se você tem filhos ou outros membros de sua família que tenham interesse, ensine a eles tudo o que você sabe, usando as técnicas do Programa Mestre e Aprendiz. Você pode ensiná-los informalmente, incorporando a língua à rotina diária (por exemplo, acordando-os pela manhã na sua língua), e você também pode desenvolver atividades estruturadas e jogos com a língua (ver Apêndice B). E lembre-se: se seus filhos falam português, não é porque você os **ensinou** conscientemente – é simplesmente porque vocês **usam** o português na sua comunicação diária. Faça a mesma coisa com a sua língua. Não é tarde demais.

Expandir a sua rede

Aqui vai uma dica que não está diretamente relacionada à aprendizagem da língua, mas é também importante: frequente reuniões e encontros, onde você possa encontrar pessoas que se preocupam com a revitalização de línguas.

Capítulo 10

Aprendendo histórias

Peça a seu professor para lhe contar histórias. Mesmo quando o aprendiz não sabe nada ou quase nada da língua, é maravilhoso escutar a língua sendo falada continuamente e não apenas escutar palavras soltas. Depois, você começará a entender mais e mais as histórias e, com o tempo, poderá contá-las você mesmo.

O seu mentor pode contar-lhe histórias tradicionais, que são maravilhosas de aprender. Pode ser que haja algum tipo de restrição para narrar histórias, que deverão ser obedecidas. Em muitas culturas, só se pode contar narrativas tradicionais no inverno. Assim, se for verão, você terá de esperar até o inverno para escutá-las.

Mas existem outros tipos de histórias. Se houver restrições, ou se seu professor não conhecer narrativas tradicionais, peça-lhe que conte alguma história de sua vida ou de sua família. Pergunte-lhe sobre alguma aventura ou viagem que ele possa ter feito. Pergunte-lhe como era a vida quando ele era menino e como era sua família. Pergunte se ele tem alguma lembrança engraçada ou divertida. Pergunte pela escola e seus amigos de infância. Cada família e cada pessoa tem uma vida inteira de histórias para contar.

Outra possibilidade é que seu mentor adapte histórias em português para sua língua (como o conto “As Reinações de Narizinho”). Você pode não querer adaptar uma história que não seja de sua cultura, mas isso sempre foi feito – narrativas europeias, como o mito da sereia, entraram para as línguas e tradições indígenas, nas quais é chamada de Iara, via Língua Geral. A mesma coisa acontece no português; muitos contos de fadas eram originalmente da Alemanha (como o “O Pequeno Polegar” e “Chapeuzinho Vermelho”), a lenda baiana do Quibungo é de origem africana e o famoso Saci-Pererê surgiu na tradição indígena e transformou-se em personagem típico da cultura africana.

Mestre e aprendiz juntos devem encontrar a forma mais agradável para contar histórias. Em cursos de língua que utilizam técnicas de imersão, os professores por vezes encenam as histórias que narram. Mas para isso é preciso ter algum treinamento e ser extrovertido. Algumas pessoas idosas podem e efetivamente narram histórias dessa forma, mas outros podem se sentir pouco à vontade ou mesmo completamente inapto a fazê-lo. Há livros de histórias infantis que podem ser utilizados; pegue um livro infantil com muitas figuras e peça a seu professor que lhe conte as histórias acompanhando as imagens (alguns livros infantis têm apenas imagens – esses poderiam ser bons de trabalhar).

Histórias tradicionais de sua própria cultura, que provavelmente nunca foram publicadas em livros, deverão ser narradas simplesmente, sem o auxílio das figuras ou das encenações. A história poderia ser contada primeiro em

português e depois na sua língua – ou ao contrário. Já que falamos repetidas vezes nesse manual para não utilizar o português e não traduzir, agora pode parecer estranho a sugestão de traduzir a história. No entanto, se você estiver gravando essas narrativas (ver Capítulo 5, Atividade 13), seria bom incluir pelo menos um resumo da história em português, para que possa ser utilizado agora ou no futuro por outros membros da comunidade que não falam a língua e podem não ter acesso a um falante. Para os seus próprios objetivos de aprendizagem, uma tradução palavra por palavra não é necessária. Mas pode ser uma boa ideia ter uma noção do conteúdo da história, assim peça ao falante que faça um resumo da história em português.

Aprender a entender e a contar uma história

Então, você tem uma história gravada numa fita e você sabe qual o assunto da história, ainda que você não entenda a história toda (ou, se você é iniciante, não entenda nada da história). O que você faz com isso? Você tem aqui dois objetivos: entender a história e aprender a contar a história. Você pode trabalhar nos dois objetivos ao mesmo tempo. Não tente memorizar a história toda, palavra por palavra. Isso é muito difícil e toma muito tempo e, de qualquer forma, literatura oral não é isso. Uma história tradicional ou uma narrativa autobiográfica informal será contada de maneira um pouco diferente a cada vez. O aprendiz deve começar aprendendo como dizer algumas frases simples que descrevem o conteúdo da história.

Por exemplo, vejamos o conto europeu da “Cinderela”. Para aprender a contar “Cinderela”, o aprendiz pode começar tentando dizer algumas frases simples, como:

Cinderela trabalhava. Suas irmãs eram más. Ela se casou.

A questão aqui é que, seja qual for a sua capacidade de fazer frases e utilizar vocabulário na língua, use seu conhecimento para contar uma versão da história. Com o passar das semanas, o aprendiz pode voltar à história várias vezes – peça ao mestre que conte a história repetidas vezes, ou escute a gravação – e tente fazer frases gradativamente mais elaboradas a cada vez que você contar a história. Talvez depois de um tempo, a versão do aprendiz de “Cinderela” seja assim:

Cinderela trabalhava. Ela varria o chão. Lavava o chão. Cozinhas. Lavava a louça. Ela não reclamava. Suas irmãs eram más e feias e preguiçosas. Elas foram a uma grande festa. Cinderela também foi à festa. Elas não viram Cinderela. Cinderela usava um vestido lindo. Ela conheceu um homem bonito. E eles se casaram.

A cada vez que você (o aprendiz) contar a história, tente dizer alguma coisa mais. Pergunte ao seu mentor algumas palavras novas e aprenda frases em que você possa utilizar as palavras aprendidas. Escute partes da história que não entraram na sua versão e estude-as. Grave você mesmo contando a história e escute a gravação. Você poderá escutar alguns erros e uma grande quantidade de “ahn”, dos quais você pode tentar se livrar. Depois de um tempo, você poderá contar toda a história.

Não será exatamente a mesma, palavra por palavra, e talvez não seja tão sofisticada gramaticalmente quanto a história que seu professor contou, mas, de qualquer forma, você está se tornando um contador de histórias na sua língua!

Dublagem

Outra coisa que você pode fazer com as histórias gravadas pelo seu professor é o que se chama de “dublagem”. Depois de escutar a gravação algumas vezes, tente falar ao mesmo tempo, como se estivesse dublando, seu professor. (Se a história for longa, faça isso apenas por alguns minutos.) Nas primeiras tentativas de dublar a história, você poderá gaguejar e se atrasar e provavelmente só conseguirá dizer uma palavra aqui e outra acolá. Mas depois de algumas tentativas, você vai ficar cada vez melhor. Esse exercício lhe oferece a prática da língua em velocidade normal e o uso correto da entonação e da pronúncia (Nota: usar fones de ouvido ajuda bastante).

Criar sua própria história

Outra atividade que mestre e aprendiz podem fazer juntos é criar uma história própria ou fazer versões na sua língua de histórias em português. Talvez você encontre narrativas tradicionais de sua língua nas publicações de linguística ou antropologia ou em notas de trabalhos de campo. Se elas não estiverem escritas na sua língua, a equipe mestre-aprendiz pode traduzi-las. Também é possível traduzir histórias que foram escritas originalmente em português. No Havaí, por exemplo, as escolas de imersão em língua Havaiana Punana Leo traduziram livros infantis do inglês para o havaiano. Eles colavam etiquetas brancas sobre o texto em inglês e escreviam ali a tradução para o havaiano. O resultado foi um livro com as figuras originais, mas com o texto em língua havaiana. Outro exemplo foi um projeto de Quirina Luna-Costillas, no qual ela traduziu livros de literatura muito conhecidos nos Estados Unidos para sua língua, Mutsun Ohlone. Normalmente, as pessoas fazem esse tipo de trabalho de tradução para ajudar as crianças a aprenderem

a língua – mas para os adultos que fazem a tradução, essa é uma excelente forma de aprender.

Os exemplos acima são de histórias escritas e não contadas oralmente. Mas você pode certamente aprender a contar as histórias oralmente. Duas grandes contadoras de histórias da Califórnia, Nancy Steele e Linda Yamane, contavam histórias de seus povos (Karuk e Rumsien, respectivamente) em inglês em eventos públicos, muito tempo antes de aprenderem a falar suas próprias línguas. Agora, elas estão contando algumas dessas histórias nas suas línguas.

Capítulo 11

Mais sobre a escrita

Usar a escrita de forma efetiva

Neste livro, criticamos o uso da escrita para ensinar línguas ameaçadas de extinção e sugerimos que você aprenda a ouvir e a falar como ferramentas principais. Mas se sua língua tem um sistema de escrita, seria um desperdício não o utilizar.

Digamos que sua língua tem um sistema de escrita. Como você pode usar a escrita como ferramenta efetiva na aprendizagem da língua? Antes de mais nada, você deve definitivamente aprender a usar o sistema de escrita de sua comunidade, se é que você ainda não sabe, já que a adoção pela comunidade significa que esse sistema já é parte da língua. Para muitas comunidades indígenas, a alfabetização na língua local não está disseminada (todos utilizam o português na escrita), assim os membros da equipe podem não saber escrever na língua. Mas o aprendiz deve aprender a escrever, mesmo que o mestre não saiba. Não deixe, porém, que isso tome o lugar da aprendizagem da língua oral.

Aprenda o sistema de escrita, leia tudo o que você puder encontrar na sua língua – é mais fácil aprender a escrever numa língua se você aprender a ler antes. Pode ser que existam histórias escritas na sua língua; se houver, aprenda a ler essas histórias em voz alta e leia para seu professor. Talvez exista apenas um dicionário – então leia o dicionário. Pode existir uma cartilha que o ajudará a aprender a usar o sistema de escrita, ou um dicionário ou gramática com explicações básicas. Mesmo que não exista cartilha da sua língua, você deve passar algum tempo com alguém que saiba escrever na sua língua e aprender com essa pessoa. Pode ser um falante, um professor, uma criança que aprendeu a ler e a escrever na escola ou um linguista que trabalha com a sua língua.

À primeira vista, as pessoas tendem a ter medo dos símbolos que são diferentes dos utilizados no português, pensando que são difíceis de aprender. Mas eles não serão a parte mais difícil da aprendizagem. Mesmo que todos os símbolos sejam os mesmos do alfabeto do português, será preciso estudar bastante para aprender a dominar o sistema de escrita, especialmente porque as regras de ortografia são diferentes. Prepare-se para passar um bom tempo aprendendo a usar o sistema de escrita.

Digamos que o aprendiz já sabe escrever. Como ele vai utilizar o sistema de escrita para aprender a língua? Como já foi sugerido, leia muito – tudo o que tiver sido escrito na sua língua.

Linguistas estudam as línguas perguntando aos falantes como se diz várias coisas e tomando notas para analisar e estudar mais tarde. Mas os linguistas não aprendem a falar as línguas que eles estudam; assim, como

aprendiz da sua língua, você não quer copiar essa técnica. Deixe a escrita para **depois** da sua aula diária de língua. Escrever é uma boa maneira de **registrar** o que você está aprendendo; mas não deixe isso tomar o lugar da aprendizagem. Quando você escreve alguma coisa, ela fica no papel e não na sua cabeça. Uma forma de escrever as coisas sem interromper suas aulas é gravar o vocabulário (ver Capítulo 5, Atividade 13) e depois escutar e transcrever a gravação. Não há **necessidade** de fazer isso, mas essa é uma maneira de escutar as palavras mais uma vez.

Algumas equipes mestre-aprendiz decidem dedicar-se a projetos que envolvem a escrita, como fazer um dicionário ou um livro de frases. No desenvolvimento desse projeto, você pode escrever palavras e frases em fichas (ou em programas de bancos de dados no computador), ao lado da tradução para o português ou de descrições. Organize tudo em ordem alfabética, seja na sua língua ou no português, ou organize por categorias semânticas (nomes de pássaros, cores etc.).

A escrita é especialmente útil para professores de escola que tem de preparar aula. Você pode fazer planos de aula e incluir o vocabulário e as frases que você vai precisar utilizar para desenvolver a lição.

Mas lembre-se, não substitua a aprendizagem oral pela escrita. Não escreva uma história palavra por palavra para memorizar depois (Ver Capítulo 10 para ver como aprender a contar uma história). Não estude por meio da palavra escrita, quando você pode escutar uma gravação ou falar diretamente com um falante. Pense na escrita como uma ferramenta complementar à aprendizagem da língua, não como um substituto para as aulas de imersão.

Uso de material linguístico

A sua língua pode ter documentos escritos por linguistas, antropólogos, missionários, professores e membros da comunidade. Aprender a partir de material linguístico não é como aprender com um falante nativo, e este livro não pretende abordar esse método. Entretanto, os materiais linguísticos podem ser úteis como complemento ao trabalho da equipe mestre-aprendiz. Pode haver dicionário ou outro tipo de livro em que se pode encontrar as palavras que seu professor não consegue lembrar ou nunca aprendeu. Por exemplo, talvez o uso tradicional de alguma planta silvestre não seja mais praticado na sua comunidade e seu professor nunca tenha aprendido o nome da planta. Ou talvez algumas palavras de um ritual que não é praticado há muito tempo tenham sido registradas nos materiais etnográficos.

Nesse momento, os Yurok estão planejando a primeira *White Deerskin Dance* ('Dança da Pele do Veado Branco') que a comunidade vai celebrar depois de mais de cem anos. Um membro da comunidade veio a esta Universidade algumas vezes durante esse processo para pesquisar as notas de campo do antropólogo Alfred Kroeber e estudar algumas fórmulas de rezas tradicionais que ninguém mais lembrava. Ele espera utilizar essas rezas no ritual.

Há inúmeros problemas no estudo de material linguístico. As pessoas utilizaram diferentes sistemas de escrita ao longo do tempo; se sua língua foi estudada por muitas pessoas, você terá muitos sistemas de escrita para decifrar. Além disso, dialetos diferentes da língua podem ter sido registrados por pessoas diferentes, e é possível que nenhum deles coincida com a variedade falada por seu professor.

Ler uma gramática linguística é frustrante para muitas pessoas. As gramáticas linguísticas são raramente escritas com o objetivo de ensinar uma língua. Não apenas elas não são apresentadas na ordem que seria adequada para estudar uma língua, mas elas também utilizam um jargão linguístico. E esse jargão muda tanto que, às vezes, os próprios linguistas não conseguem entender se a gramática tiver mais de 30 anos.

Para utilizar uma gramática linguística para aprender uma língua, eu aconselho o seguinte:

Ignore a maior parte das explicações e dos rótulos, em vez disso, preste atenção nos exemplos. Pode haver uma seção de "orações hortativas", por exemplo, e você pode não ter a mínima ideia do que se trata. Mas se você olhar os exemplos, eles serão traduzidos como "vamos à cidade" ou "vamos comer". Assim, "orações hortativas" são aquelas frases que podem ser traduzidas como "vamos fazer alguma coisa" – um tipo muito útil de frase para conhecer. Os exemplos podem ensinar algumas coisas importantes.

Não leia a gramática de ponta a ponta, em vez disso, procure no índice as seções que lhe permitirão aprender a fazer frases simples. Comece com a seção de verbos e pule para as partes que tratam dos afixos verbais (terminações verbais etc.). Procure pelos comandos (eles serão chamados de "imperativo"), pelas formas de falar do passado, do presente e do futuro (são os marcadores de "tempo" e "aspecto"), e pelas formas que indicam quem está fazendo a ação – eu, você, ele – (são os "marcadores de pessoa"). Depois identifique como os substantivos são colocados junto com os verbos para formar frases.

Finalmente, dirija-se a seu falante com qualquer exemplo que você tiver tirado da gramática. O falante pode dizer as coisas de forma diferente

do que está escrito no livro, por muitas boas razões. O falante deve ser sua fonte principal, não o livro.

Então, por que se preocupar com esse material linguístico afinal? Apresentei alguns motivos acima. Além desses, também pode haver o registro de histórias antigas que já tenham sido esquecidas. Pode haver alguma informação cultural importante. Ademais, a leitura desse material pode fornecer ideias sobre temas que devem ser trabalhados nas aulas. Ler sobre “orações hortativas” pode levar a querer praticar frases com o padrão “Vamos ___”. Podem surgir muitas ideias da leitura de material linguístico.

Muitas pessoas quando encaram com mais seriedade a revitalização da língua, fazem esforço para descobrir materiais disponíveis e copiá-los. Pode haver publicações na sua língua e pode haver material inédito, incluindo notas de campo originais, arquivadas em museus universitários. Também pode haver registros de áudio gravados na sua língua e, talvez mesmo, antigas fotografias de pessoas de sua comunidade.

Recentemente, dois Chukchansi amigos meus vieram à Universidade da Califórnia em Berkeley, onde trabalho. Eles telefonaram antes, de forma que a bibliotecária já tinha separado parte do material para eles. Uma grande descoberta foi o caderno de campo de Robert Spier, que fez sua dissertação sobre os Chukchansi há muitos anos. Descobrimos que ele havia trabalhado com a avó dos meus amigos, e eles se lembravam dele de quando eram pequenos. As notas de campo estavam cheias de detalhes sobre a vida dos Chukchansi naquele tempo e tinha milhares de palavras anotadas relacionadas às coisas de que a avó de meus amigos falara. Esse caderno de campo tinha um significado pessoal enorme para eles, além de ser uma excelente ferramenta linguística, fornecendo a eles todo tipo de palavras que eles já haviam esquecido ou nunca haviam aprendido.

Essa história mostra também outro benefício do uso de material linguístico e antropológico da sua língua. Eles podem conter informações que têm tremendo apelo emocional: material genealógico, notas sobre parentes já falecidos e informações sobre o local onde você vive.

A cada dois anos, organizamos um encontro aqui na Universidade de Berkeley, para grupos indígenas da Califórnia cujas línguas já não tenham mais nenhum falante vivo. Nesses encontros, os ensinamos a pesquisar materiais sobre suas línguas e como usá-los. Os arquivos da universidade contêm os melhores registros sobre a Califórnia, de forma que há muito material para os povos que vêm aos encontros. Porém, além de encontrar materiais linguísticos, os encontros tornam-se emocionalmente intensos, em parte porque as notas de campo e as gravações são muitas vezes de parentes dos participantes.

Como os meus amigos Chukchansi, um participante do encontro pôde encontrar notas de campo sobre um de seus ancestrais ou escutar a voz de seu trisavô gravada em um cilindro há décadas. Muitas vezes, os idosos do passado tinham muita vontade de falar com os pesquisadores porque eles estavam vendo sua língua e sua cultura desaparecer e queriam que seus descendentes tivessem um registro. Alguns povos hoje se ressentem de que os pesquisadores foram até lá, coletaram seus materiais e foram embora sem deixar nada para seus descendentes. Mas isso está lá, nos arquivos, esperando que os descendentes venham e encontrem. Pode ser preciso passar por alguns processos burocráticos para ter acesso a esse material, mas feito isso, as vozes de seus ancestrais virão até você.

Capítulo 12

Problemas e estabilização da aprendizagem

Dificuldades da imersão

O problema mais comum na aprendizagem e no ensino de língua é a dificuldade de manter a imersão na língua. Inicialmente, a dificuldade é enorme tanto para o mestre, quanto para o aprendiz – é muito difícil falar com uma pessoa que não entende absolutamente nada do que você diz e, obviamente, é impossível falar se você não sabe nada da língua.

Se vocês estiverem tendo problemas, revisem o Capítulo 4 para ver se há alguma coisa que podem mudar para manter a imersão. Além disso, revisem as dez dicas para aprender língua (Capítulo 2) e outras partes deste livro para encontrar mais ideias. Por exemplo, vocês estão lembrando um ao outro de continuar falando na língua toda vez que resvalam para o português? Vocês estão utilizando gestos e ações para se comunicar e evitar as traduções? O aprendiz deve lembrar-se de que mesmo um falante fluente pode não ter o hábito de usar a sua língua para a comunicação diária. O aluno deve usar sua língua em todas as oportunidades que tiver para, assim, lembrar ao mestre de utilizar a sua língua também.

Problemas de tempo

Outra dificuldade que as equipes apresentam com frequência é encontrar tempo suficiente para ficarem juntos. Esse é um grande desafio que cada equipe tem de superar. Mas se vocês não podem passar pelo menos 10 horas por semana juntos (de preferência 20 horas), então vocês precisam pensar por que vocês estão enfrentando esse problema e tentar encontrar uma solução para isso (ver Capítulo 2, Dica 7).

Alguns de vocês precisa levar a roupa para lavar? Façam isso juntos e transformem essa atividade em aula de língua. Você quer assistir a um jogo de futebol na televisão? Façam isso juntos, tirem o som da televisão e transformem isso numa aula de língua. Vocês simplesmente estão cansados? Esse provavelmente é o principal problema nos dias de hoje com nossas vidas atarefadas – trabalho, escola, família, tanto o que fazer em um dia – e depois disso tudo ainda aprender uma língua? Bem, deve haver maneiras de trazer sua língua e seu companheiro de equipe para o restante de sua vida. A maior parte das coisas que você tem de fazer podem ser feitas na sua língua. Ou talvez o tempo que vocês passam juntos pode ser aquele tempo que você normalmente usaria para relaxar, para descansar. O trabalho com a língua não tem de ser intenso todo o tempo.

Estabilização da aprendizagem

A estabilização da aprendizagem se dá quando, após um período de desenvolvimento da aprendizagem você atinge um nível confortável – também denominado platô de aprendizagem –, em que você parece não estar aprendendo coisa alguma. Por que isso acontece? Exatamente por causa desse nível de conforto. Como iniciante, você não possui conhecimento algum para se apoiar – você **precisa** mover-se para frente, você **precisa** aprender. Você se sente desconfortável porque não consegue comunicar-se e é difícil lembrar-se das coisas.

Porém, depois de um tempo, você já **sabe** algumas coisas. Você sabe como cumprimentar e cumprir algumas obrigações sociais mínimas; você conhece algum vocabulário e pode fazer-se entender em conversas básicas. Você pode relaxar e sentir-se bem com você mesmo com o nível de conhecimento que possui.

Conscientemente ou não, nós faremos praticamente qualquer coisa para evitar sentir aquele velho desconforto outra vez!

A melhor maneira de ultrapassar a estabilização da aprendizagem é **fazer alguma coisa completamente nova**, algo que exija nível maior de desempenho. Há três maneiras de trazer coisas novas para seu programa:

Criar novos projetos e atividades.

Determinar novos objetivos e trabalhar por eles.

Aprender novos tipos de comunicação.

Novos projetos e atividades

Há muitos projetos e atividades espalhados ao longo deste manual e muitos outros ainda que vocês podem desenvolver juntos. Aqui vão apenas mais alguns exemplos:

Atividade 1: tópicos para conversação

Leia as manchetes de artigos de jornais e revistas e escolha um deles como tema de conversação.

Anote tópicos para conversação em pedaços de papel, coloque-os em uma bolsa e sorteie um. A equipe mestre-aprendiz pode dedicar 10 ou 15 minutos para conversar sobre o tópico sorteado. Alguns exemplos de tópicos podem ser:

Nível intermediário:

Conversem sobre suas casas (aparência, forma de construção...).

Conversem sobre o que vocês diriam um ao outro pela manhã se vivessem na mesma casa.

Conversem sobre comentários que vocês podem fazer na hora do jantar.

Planejem uma atividade conjunta para o próximo dia.

Conversem sobre o tempo, o clima.

Nível avançado:

Comparem suas vidas na infância.

Comparem suas experiências escolares.

Conversem sobre familiares, amigos ou conhecidos.

Conversem sobre algum fato político importante.

Atividade 2: discursos

Peça ao mestre para gravar um discurso sobre um tema específico; o aprendiz pode então usar a gravação para aprender como falar sobre esse tema.

Mestre e aprendiz podem desenvolver juntos um discurso que o aprendiz possa praticar e apresentar em alguma ocasião, como um encontro de falantes da língua.

Coloque alguns tópicos para discurso em uma bolsa. O aprendiz sorteia um tópico e faz um discurso de improviso para o mestre ou trabalha junto com o mestre para desenvolver um discurso. Alguns tópicos para discurso:

Diga uma prece.

Dê um discurso de boas-vindas.

Fale sobre a região onde está sua casa.

Conte uma aventura que você viveu.

Faça um discurso político sobre algum tema relevante.

Faça um discurso como candidato concorrendo a algum cargo.

Faça um discurso informativo sobre como fazer alguma coisa (fazer rede de pescar, utilizar ervas medicinais, arrumar o carro).

Atividade 3: inventar uma história

O aprendiz pode inventar uma história, trabalhar na história com o mestre e praticar para, depois, contar sua história em alguma ocasião.

Atividade 4: organizar um encontro

Planeje um encontro, como um jantar, e convide pessoas que falam a sua língua. O aprendiz pode aprender com o mestre como fazer um convite na sua língua, para fazer os convites pessoalmente. Discuta toda a preparação para o encontro na sua língua.

Atividade 5: fazer um vídeo

Se for preciso, peça uma câmera de vídeo emprestada e filme uma aula de língua. Ou faça uma filmagem de seu mestre falando sobre sua vida, contando histórias, descrevendo algum ritual ou narrando a história de sua tribo. Mais tarde, assistam ao vídeo juntos e conversem sobre ele.

Determine novos objetivos e trabalhe para alcançá-los

Escolha um domínio de vocabulário – como culinária, ou algum ritual – e aprenda como dizer coisas sobre esse assunto.

Se o domínio for culinária, por exemplo, determine como seu objetivo falar sobre tudo o que você faz enquanto cozinha algum prato específico, como beiju ou um bolo. Se você escolher um ritual, aprenda dez frases que uma pessoa poderia dizer durante esse ritual.

Quando você não está trabalhando com seu mestre, pense como seria na sua língua tudo aquilo que você disser ou pensar em português. Se você não souber alguma coisa, anote e pergunte ao mestre como se diz na próxima vez que estiverem juntos.

Sente com seu professor e discuta um objetivo de longo prazo, como algo que você quer fazer ou aprender. Deve ser um objetivo que envolve a língua – talvez um objetivo pessoal, como aprender a contar sua história favorita, ou um objetivo comunitário, como um encontro dos anciãos ou um clube de língua para as crianças após a escola. Então trabalhem juntos para alcançar esse objetivo.

Novos tipos de comunicação

Apresento a seguir alguns tipos de comunicação – chamados “atos de fala” em linguística. Você sabe pelo menos uma maneira de se comunicar em cada um desses atos de fala? Se você já sabe uma forma de se expressar em cada um desses tipos de comunicação, aprenda outros.

Pedir desculpas (ou fazer uma reparação)

Elogiar alguém

Insultar alguém

Criticar alguém

Parabenizar alguém

Desculpar-se por não ter podido fazer alguma coisa

Expressar um desejo

Dizer algo engraçado

Expressar raiva

Expressar alegria

Expressar esperança

Expressar medo

A última palavra

Chegue novamente ao ponto em que você se sente desconfortável. Seja bem-vindo ao desconforto. Entenda isso como sinal de que você está sendo desafiado – e de que está se aventurando em território novo.

Apêndice A

Como desenvolver um programa em sua comunidade

Este livro descreveu como dois indivíduos – um falante e um aprendiz – podem trabalhar juntos para que o aprendiz se torne um falante de sua língua. Isso pode ser feito sem dinheiro e sem o apoio da comunidade.

Entretanto, o processo de ensino e aprendizagem se fortalece enormemente, quando há o apoio da comunidade e quando há outras equipes com as quais se pode trabalhar. Neste apêndice vamos discutir como o Programa Mestre e Aprendiz pode ser organizado e administrado dentro da comunidade. Nós também vamos discutir programas intergrupais, existentes na Califórnia, que podem ser organizados por organismo intergrupar ou fundação sem fins lucrativos. O Programa Mestre e Aprendiz pode também ser organizado por uma faculdade ou universidade.

Programas Mestre e Aprendiz comunitários

O projeto específico de um Programa Mestre e Aprendiz comunitário vai depender das especificidades da sua comunidade. Quantos falantes existem? Quantos adultos querem aprender a língua? O Programa Mestre e Aprendiz é um componente de um programa mais amplo de revitalização linguística ou é independente? Os aprendizes irão ensinar a língua, talvez em uma escola? Os membros da comunidade moram a que distância uns dos outros? Existe uma universidade comunitária ou algum outro organismo que possa administrar o programa? Há necessidade e possibilidade de obtenção de crédito educativo para os aprendizes? (Ver abaixo Programas Mestre e Aprendiz universitários.) As lideranças do grupo apoiam o programa? Há pessoas envolvidas no programa que tenham tempo e sejam qualificadas para solicitar financiamento? A língua possui sistema de escrita estabelecido? Todos esses fatores – e outros – irão determinar a organização de um programa comunitário. Vamos avaliar os possíveis componentes de um Programa Mestre e Aprendiz e oferecer algumas opções de como organizá-lo, mas a organização final será decorrente das circunstâncias da sua comunidade.

Um bom começo para as pessoas interessadas em dar início ao seu próprio programa é o manual de Darrell Kipp *Encouragement, Guidance, Insights, and Lessons Learned for Native Language Activists Developing Their Own Tribal Language Programs* (Ver referências completas em “Leituras Complementares”). Esse livro é orientado para o desenvolvimento de uma escola de imersão, mas também é boa leitura para o Programa Mestre e Aprendiz. Explica como organizar e administrar um programa de imersão e inclui excelente descrição de como proceder no ensino e na aprendizagem por meio da imersão. O livro começa com quatro regras:

1. Nunca peça permissão; nunca implore para salvar sua língua.
2. Não debata as questões.
3. Seja sempre orientado para as ações; aja.
4. Mostre, não fale.

Essas regras se referem ao orgulho e à autoconfiança no trabalho com sua língua, bem como à manutenção da energia e da inspiração face às inevitáveis críticas. Uma frase importante que eu costumava atribuir a Kipp, mas que ele mesmo atribui a um dos fundadores do sistema escolar de imersão Punana Leo, no Havaí, é “Vá em frente!”

Quem administra?

Um Programa Mestre e Aprendiz administrado pela comunidade pode ser parte de um projeto maior, como um programa de treinamento de professores, por exemplo, para preparar pessoas para ensinar a língua nas escolas ou em acampamentos de verão. Por isso, um comitê escolar ou uma unidade administrativa pode encarregar-se de buscar financiamento e de administrar o programa. Ou pode ser administrado por um comitê linguístico comunitário. Pode ficar sob o patrocínio de um conselho grupal.

Em alguns casos, as pessoas interessadas em começar um programa de língua podem não encontrar apoio em um conselho grupal por várias razões; nesses casos os membros da comunidade interessados na revitalização da língua podem organizar sua própria fundação sem fins lucrativos ou podem procurar uma fundação que possa encampar seu programa.

Financiamento do programa

Ainda que formado por apenas uma equipe, um Programa Mestre e Aprendiz independente pode funcionar sem dinheiro; um programa maior pode necessitar de algum tipo de financiamento. O programa da Califórnia, que dá apoio a várias equipes todos os anos, tem funcionários contratados. Também pode ser bastante útil pagar aos membros da equipe. Isso é meio controvertido, porque há pessoas que podem unir-se ao programa sem ter realmente nenhum compromisso com a revitalização da língua, apenas pelo dinheiro. E, por vezes, até mesmo pessoas muito motivadas param de trabalhar quando o dinheiro acaba. Porém, mais frequentemente, o dinheiro faz a diferença entre participar ou não do programa. Um membro de uma

equipe do programa que tenha de trabalhar para se sustentar pode não ter o tempo necessário para participar do programa, a não ser que receba algum tipo de salário que lhe permita diminuir suas horas de trabalho. Os falantes raramente entram no programa por dinheiro – eles costumam dedicar-se realmente e desejam trabalhar a qualquer hora – no entanto, parece-nos correto pagá-los pelo enorme serviço que estão oferecendo à comunidade. De toda maneira, apesar dos possíveis problemas, é interessante oferecer algum salário ou bolsa aos participantes.

Devido à necessidade de funcionários, salário para a equipe e outros gastos, pode ser necessário buscar financiamento para um Programa Mestre e Aprendiz comunitário. Nos Estados Unidos, a *Administration for Native Americans* (Administração para Indígenas Americanos, instituição mais ou menos equivalente à FUNAI no Brasil) faz concursos anuais de bolsas de estudos para programas de línguas, e fundações privadas também já financiaram Programas Mestre e Aprendiz, além de outras agências que podem ajudar no financiamento de programas de ensino de línguas indígenas.

Contudo, também é possível administrar um programa apenas com voluntários. Quando dinheiro entra em questão, ciúmes e ganância também podem surgir e pessoas podem ser acusadas justa ou injustamente de favoritismo. Também é possível que as pessoas achem que é necessário dinheiro para ensinar e aprender a língua e se recusem a levar o programa adiante sem financiamento. Ter dinheiro pode ser tão bom para o programa como não ter.

Equipe

É necessário ter um coordenador para administrar o Programa Mestre e Aprendiz. Esse coordenador será responsável por organizar treinamentos, reuniões, consultorias, pagamentos, avaliações etc. Isso também pode ser feito por um comitê, se preferirem, com várias pessoas assumindo as diversas tarefas. Na Califórnia, geralmente tem-se uma ou duas pessoas envolvidas com os trabalhos administrativos e outras pessoas (incluindo especialistas de fora) contratados como consultores para o treinamento e consultoria da equipe.

Seleção da equipe

Pode haver um bom número de pessoas querendo participar do Programa Mestre e Aprendiz. Um comitê pode selecionar as equipes com base no seu conhecimento das pessoas interessadas ou por meio de um processo de inscrição.

O processo de inscrição pode ser estruturado de duas maneiras: ou o mestre e o aprendiz inscrevem-se juntos, ou falantes e aprendizes inscrevem-se separadamente e uma comissão de seleção forma as equipes. Nosso programa intergrupal na Califórnia estrutura o processo de seleção da primeira forma; o programa Comanche, no estado de Oklahoma, utiliza a segunda maneira.

Para a seleção de equipes (ou de pessoas para participar das equipes), os critérios mais importantes para nós são os que seguem:

Qual a fluência do falante (mestre)?

Existem problemas que podem dificultar o trabalho com o falante? (surdez aguda, distância da casa do aprendiz)

O aprendiz não é efetivamente fluente na língua? (tivemos casos na Califórnia em que descobrimos que o aprendiz sabia tanto da língua quanto o falante!)

Quanto tempo o aprendiz poderá dispensar para estar com o mestre?

Qual a real capacidade de dedicação do aprendiz para a língua?

O aprendiz demonstra interesse ou planeja ensinar a língua? (para seus próprios filhos, em cursos)

Os inscritos sabem exatamente no que estão se inscrevendo?

É possível ter um processo de seleção todos os anos, e as equipes já formadas se reinscrevem se querem continuar funcionando. Para decidir se uma equipe deve continuar funcionando depois de um ano, os seguintes fatores devem ser considerados:

A equipe realmente utilizou a imersão (ou resvalou para outro tipo de processo de ensino e aprendizagem da língua)?

A equipe cumpriu as horas semanais a que se propuseram?

O aprendiz teve progresso satisfatório? (Ver a seção sobre avaliação abaixo)

Se uma equipe não parece ter feito muito progresso, talvez ela não deva continuar. Assim, seria possível formar outra equipe.

Você pode querer limitar o tempo disponível para cada equipe participar do Programa Mestre e Aprendiz. No programa da Califórnia, nós limitamos a presença das equipes no programa a no máximo três anos, para podermos dar chance a outras equipes. Mas estimulamos a continuação de um mestre indefinidamente, colocando-o com novos aprendizes.

Treinamento

Se sua comunidade está apenas começando com o Programa Mestre e Aprendiz, você pode contratar treinadores de outros programas Mestre e Aprendiz. Os treinadores do programa da Califórnia já viajaram por todo o país treinando outras pessoas no programa. As pessoas que participaram do programa terminam por se tornar bons treinadores também. Depois de alguns anos, os membros da comunidade podem ter condições de realizar seus próprios treinamentos sem ter de contratar alguém de fora; seus próprios especialistas podem trabalhar como consultores para outros grupos indígenas desenvolverem seus programas.

Na Califórnia, realizamos dois finais de semana de treinamento por ano para as equipes mestre-aprendiz. No primeiro fim de semana damos treinamento intensivo às equipes sobre como ensinar e aprender uma língua. Também oferecemos este manual para que usem em seu trabalho conjunto. O segundo final de semana ocorre seis meses depois do primeiro, e é quando as equipes discutem seus problemas e avanços, os aprendizes fazem apresentações em suas línguas e nós discutimos como eles podem ultrapassar as fases de estabilização da aprendizagem e se encaminhar para estágios avançados.

Este manual cobre praticamente tudo o que se trabalha na primeira sessão de treinamento. Damos uma visão geral do programa, revisamos as dez dicas para aprender uma língua e solicitamos às equipes que façam uma série de exercícios e atividades de iniciação. Também vemos como se comunicar por meio de atividades, de ações, de gestos e imagens de forma a evitar o uso do português. Os aprendizes aprendem com seus mestres como fazer perguntas básicas na língua, tais como “O que é isso?”, “Como se diz __?”, “O que eu estou fazendo?”, “O que você está fazendo?”, “Repita” e “Diga mais devagar”. Eles também aprendem a dizer nas suas línguas “Por favor, fale comigo na nossa língua”, de forma a poder lembrar o mestre de usar a língua. Conversamos sobre atividades diárias que as equipes podem realizar juntas e que domínios da língua eles podem querer abordar. Fazemos demonstrações de técnicas de imersão, nas quais um dos treinadores (geralmente um mestre ou um aprendiz experiente) trabalha com voluntários para ensiná-los algumas palavras e frases. Também mostramos como transformar atividades diárias em aulas de língua, tais como cozinhar, colocar a mesa e lavar roupas.

O final de semana também inclui sessões em que as equipes são divididas, os mestres fazem uma atividade e os aprendizes, outra. Nessas sessões, discutimos assuntos que os membros das equipes podem não se sentir à vontade para falar um diante do outro. Com os aprendizes falamos sobre as dificuldades que podem ocorrer com o mestre: o mestre pode ficar impaciente ou ser crítico, pode não utilizar muitos gestos e mímica, pode ter uma ideia totalmente diferente sobre os métodos de ensino etc. Discutimos a importância do respeito e da conformidade, como desenvolver barreiras para que as críticas não afetem tanto e como trabalhar com o mestre de forma a desenvolver um bom relacionamento. Encorajamos os aprendizes a falar sobre suas dúvidas e medos e fazemos um debate sobre esses temas.

Com os mestres, discutimos a importância da paciência, como corrigir sem ser crítico e a importância de elogiar o aprendiz em vez de criticá-lo ou rir dele. Discutimos os últimos estágios da perda linguística, em que não falantes param de falar sua língua porque foram criticados ou porque riram deles. Também encorajamos os mestres a falarem sobre suas dúvidas e preocupações e conversamos sobre elas.

Durante as sessões de trabalho separado das equipes, no segundo final de semana, os membros da equipe podem querer discutir problemas específicos que estejam vivenciando e o grupo pode tentar resolvê-los.

Essas sessões de treinamento oferecem duas coisas importantes que você não vai encontrar em um manual: a introdução real às atividades de grupo e aos jogos e a inspiração que decorre de escutar os aprendizes falarem em suas línguas e demonstrarem seus avanços no programa.

Registros e pagamentos

Depois da sessão de treinamento, as equipes trabalham por conta própria a maior parte do tempo, com exceção de momentos de consultoria e reuniões de grupo (ver abaixo). Elas irão desenvolver atividades como as que foram descritas neste manual e no treinamento, assim como outras atividades que elas mesmas vão inventar. As equipes devem manter um livro de registro (ou um diário) de quando se encontram, por quanto tempo permanecem juntos, o que fazem e o que aprendem (Ver Capítulo 5). Se houver pagamentos a serem feitos, esse livro de registro pode ser parte do processo. O sistema da Califórnia pede que o aprendiz seja responsável pelo livro de registro. Depois de registrar 40 horas de trabalho, o aprendiz deve enviar o livro de registro ao administrador, que o avalia, entra em contato para resolver eventuais dúvidas e, então, faz um cheque referente às quarenta horas de trabalho de cada um dos membros da equipe.

Consultoria

Uma equipe trabalhando sozinha pode ficar estagnada ou sentir-se incapaz de dar continuidade ao trabalho. Ela pode ficar frustrada ou os membros da equipe podem ter dúvidas e não ter a quem perguntar. Um programa comunitário resolve esse problema. Cada programa deve ter um ou mais funcionários ou consultores que se encontram regularmente com as equipes, observa o trabalho que desenvolvem e dá indicações de como melhorar o processo de ensino e aprendizagem. Se a equipe vive em uma comunidade pequena, o consultor pode encontrá-los uma vez ao mês ou mais. Encontros menos frequentes também são úteis e essa consultoria mensal também pode ser feita por telefone.

As equipes podem sentir-se nervosas de ter alguém observando seu trabalho, como se estivessem sendo testados de alguma forma. Talvez o consultor possa fazer como que se sintam à vontade, mas ainda que a equipe se sinta nervosa e desconfortável, a presença do consultor pode ajudar a fazer com que alcancem novo nível de competência em seu trabalho.

No primeiro ano em que Nancy Steele e eu demos consultoria às equipes, nossa primeira equipe foi a de Agnes e Matt Vera. Levamos uma câmera de vídeo e uma das coisas que pedimos que fizessem foi caminhar e conversar em Yowlumni por cerca de dez minutos. Eles terminaram falando sem interrupção por quase 45 minutos! Depois, Agnes me disse que nunca havia falado por tanto tempo antes e que havia sido muito importante para eles perceber que podiam conversar assim. Além do tempo, alguma coisa nova aconteceu: em determinado momento, Agnes e Matt estavam olhando uma montanha que é importante marco geográfico na reserva indígena; Matt gostava muito de fazer caminhadas e era reconhecido como naturalista e Agnes perguntou a ele, em Yowlumni, que tipos de animais viviam na montanha e ele respondeu. O que foi importante para Agnes, disse ela, era que ela realmente tinha vontade de saber que animais viviam naquela montanha. Assim, a aula de língua tinha se transformado em comunicação real, deixando de ser apenas um exercício.

Dessa forma, o consultor pode sugerir atividades novas ao mestre e ao aprendiz e pedir que façam alguma delas enquanto ele está junto com a equipe. No intuito de causar boa impressão, a equipe pode elevar seus esforços a outro nível e pode ser agradavelmente surpreendida pelo resultado. Depois que uma equipe desenvolve uma atividade em conjunto, o consultor pode discutir as coisas que a equipe fez bem, os problemas que surgiram e como esses problemas podem ser resolvidos.

Encontros de grupos

Outro tipo de consultoria pode ocorrer durante encontros de equipes. Em um programa comunitário, reunir os grupos todos os meses ou a cada dois meses para jantar e conversar ajuda a acelerar o progresso individual e renovar a energia. Nesses encontros as equipes devem falar na sua língua ou eles devem servir de sessões de imersão (ver Capítulo 4). Ao planejar uma reunião, peça aos membros das equipes que venham preparados para dizer o nome e descrever a comida que vão oferecer; durante o jantar cada um deve ensinar aos outros o nome do prato que trouxe. O jantar também pode incluir demonstrações de cada equipe de alguma atividade que estejam desenvolvendo na língua; ou se forem muitas equipes, cada uma faz uma demonstração em cada encontro.

Esses encontros podem também incluir uma dinâmica de grupo, que pode ser feita em português. As equipes podem trazer dúvidas e problemas e o grupo pode discutir possíveis soluções. Novas ideias de aprendizagem de língua podem surgir e ser desenvolvidas.

As reuniões também podem incluir atividades em grupo e jogos. Há muitas atividades e jogos que necessitam de mais de dois participantes e essas são boas para aprender uma língua. Apresento abaixo alguns exemplos:

“Meias brancas”: este jogo foi-nos ensinado durante um treinamento de professores realizado por membros do Projeto de Língua Estrangeira da Califórnia. Só é permitido falar na língua. O grupo de participantes forma um círculo sentados em suas cadeiras e, então, retira-se uma das cadeiras. A pessoa que está ensinando o jogo (se estão jogando pela primeira vez) fica de pé no centro do círculo e diz alguma coisa que faça referência às roupas ou aparência dos participantes, por exemplo, “Aqueles que estiverem de meias brancas devem trocar de cadeira” (se o trabalho com a língua não estiver tão avançado, pode dizer apenas “meias brancas”). Então, todos os que estão de meias brancas levantam-se e correm para sentar-se em outra cadeira, enquanto aquele que estava de pé no centro do círculo se senta rapidamente em alguma cadeira que ficou vaga. A pessoa que sobrar sem cadeira no centro do círculo assume, então, a liderança e diz “Aqueles que estão de chapéu devem trocar de cadeira”, e assim por diante. Esse jogo pode-se tornar bastante divertido e é uma boa maneira de praticar a língua.

Kay Inong, professor da língua Yurok que trabalha em escolas, joga outra versão deste jogo. Ele distribui figuras, por exemplo, de diferentes animais para todos os participantes e então especifica quantas palavras vai dizer. Fica mais ou menos assim, (só que tudo em Yurok!): “Três animais: porco, cachorro, sapo!” Aqueles que possuem as figuras desses animais devem

levantar-se e procurar outra cadeira para sentar-se, enquanto o que está de pé no meio corre para sentar-se em alguma cadeira vaga. A pessoa que sobrar sem cadeira fica no meio, entrega sua figura ao que estava antes em seu lugar, e o jogo continua.

Bingo: faça um bingo com números ou utilize figuras de animais ou objetos que tenham nome na sua língua. Jogue o bingo na sua língua! O líder canta as palavras na sua língua e os participantes marcam as figuras apropriadas. Por favor, não traduzam nada! Se alguém não reconhecer a palavra, perde a vez de marcar.

Tópicos de conversação: peça a todos que escrevam um tópico para conversação e coloque-os em uma bolsa. Os tópicos podem ser acontecimentos locais, cantores ou filmes favoritos, alguma festa ou ritual que irá acontecer ou qualquer coisa. Peça a um voluntário que sorteie um ponto de conversação. O voluntário deverá então começar a conversa, depois que ele disser alguma coisa sobre o tópico sorteado, ele pode fazer perguntas aos participantes para dar continuidade à conversação. Depois de um tempo, outra pessoa pode sortear um tópico. Mestres e aprendizes participam individualmente nesta atividade, mas o aprendiz pode pedir ajuda ao mestre se necessário.

Contar histórias: nós costumávamos jogar esse jogo em acampamentos da escola. Alguém começa a contar uma história na sua língua e os demais participantes continuam a história, um a um, acrescentando fatos novos. Os principiantes podem acrescentar apenas uma ou duas frases, os mais avançados contam um bom pedaço da história antes de passá-la adiante ao próximo falante. Esse jogo pode ficar mais ou menos assim (com a diferença de que será na sua língua):

Primeiro narrador: “Era uma vez um homem que gostava de viajar para muitos lugares diferentes. Um dia ele resolveu subir ao topo de uma grande montanha.”

Segundo narrador: “Ele caminhou e caminhou até que finalmente chegou à montanha e, então, ele foi subindo e subindo até chegar ao topo. Lá em cima ele viu...”

Terceiro narrador: “...uma cobra gigante. E a cobra falou, “o que você está fazendo aqui? Esta é a **minha** montanha.” E o homem disse...”

[e assim por diante]

Escutar os mestres: uma atividade muito agradável é ficar apenas escutando os mestres contarem histórias – sejam narrativas tradicionais ou histórias de suas próprias vidas. Eu sempre gostei de visitar os Comanche

durante as sessões de treinamento, porque para eles narrar histórias sobre eventos interessantes e engraçados das vidas das pessoas é uma tradição. Se os mestres se dispuserem a narrar suas histórias na língua, todos terão uma experiência linguística enriquecedora. Aprendizes avançados também podem participar e contar suas próprias histórias.

Avaliação

Em um Programa Mestre e Aprendiz, as equipes precisam ser avaliadas ocasionalmente para medir o progresso do aprendiz. Há várias justificativas para essas avaliações. Primeiro, a agência financiadora pode querer ter provas dos bons resultados do programa. Além disso, se as coisas não estão indo bem, será preciso encontrar novas formas de fazer a experiência da aprendizagem funcionar melhor para a equipe. E, finalmente, as próprias equipes precisam ver o caminho que percorreram.

Uma vez que as equipes enfatizam o desenvolvimento da competência conversacional e podem estar abordando tópicos diversos, a avaliação não deve ser um teste de vocabulário. Nós, por exemplo, não testamos especificamente se o aprendiz sabe contar até dez, ou se conhece os nomes dos animais, das cores e das partes do corpo. Tampouco fazemos prova escrita, uma vez que o programa é voltado para a comunicação oral. Aqui na Califórnia, onde desenvolvemos um programa multilíngue, os avaliadores não sabem realmente todas as línguas, assim tampouco podemos julgar o conhecimento de gramática.

Em nossa avaliação, fazemos dois testes simples que foram desenvolvidos em conjunto com Nancy Steele, que aprendeu um bocado sobre avaliação no Projeto de Línguas Estrangeiras da Califórnia. Uma parte do teste são perguntas que o mestre faz ao aprendiz, que deve respondê-las. Em primeiro lugar, pedimos ao aprendiz que saia da sala, damos um conjunto de perguntas escritas em português ao mestre e pedimos que ele as traduza oralmente e pergunte-as na sua língua ao aprendiz. O nível de dificuldade das perguntas vai aumentando gradativamente. Explicamos ao mestre que quando o aprendiz não mais estiver entendendo as perguntas, ele deve parar. As perguntas podem variar, mas são mais ou menos assim:

(Cumprimentos)

Qual o seu nome?

Onde você mora?

Fale-me de sua família.

Fale-me de sua casa.

O que você fez ontem?

O que você vai fazer amanhã?

Que tipo de coisas você gosta de fazer?

Por que você quer aprender a sua língua?

O que você gostaria de estar fazendo daqui a cinco anos?

Enquanto isso, o avaliador fica sentado a um canto, preenchendo um formulário. Para cada pergunta o avaliador escreve suas impressões das respostas, o que ele pode fazer mesmo que não tenha conhecimento da língua. Cada pergunta é avaliada em relação às seguintes considerações:

O aprendiz entendeu a pergunta?

O aprendiz conseguiu responder?

Qual o tamanho da resposta?

Numa escala de 1 a 5, qual a fluência da resposta – i.e., houve hesitação, pausas, falsos começos (o que daria uma nota baixa), ou a fala foi rápida e fluida (o que daria uma nota alta)?

A segunda parte da avaliação consiste em dar uma figura ao aprendiz e pedir a ele que faça comentários sobre ela. Geralmente, damos ao aprendiz uma pilha de figuras – temos um conjunto de 15 figuras – para que ele leve consigo quando pedimos que saia da sala na primeira parte da avaliação. Pedimos que ele escolha uma figura de que goste e essa é a figura sobre a qual ele irá falar. As figuras são fotografias de indígenas, de lugares ou pinturas – geralmente feitas por artistas indígenas – de cenas diversas. As figuras devem ser razoavelmente complexas. Por exemplo, dentre as fotografias que utilizamos, temos a fotografia de um velho Hupa em pé diante de uma cabana de palha vestindo um traje típico e colar, a de uma moça pegando água em uma fonte em um oásis de palmeiras em algum lugar perto de Palm Springs (no estado da Flórida). Dentre as pinturas, temos uma de duas mulheres das planícies num dia de sol, de vestidos longos, que estão abatendo uma vaca. Elas estão segurando facas e um cachorro está parado perto delas. Uma das mulheres está protegendo os olhos com a mão, tentando enxergar alguma coisa para além da pintura. Outro quadro é de uma cena de uma missão na antiga Califórnia, com muitos mexicanos e indígenas retratados fazendo atividades diversas. Em um canto, em primeiro plano, vê-se uma mulher utilizando um pilão diante de uma maloca indígena tradicional.

Seja qual for a fotografia que o aprendiz escolher, nós pedimos que ele fale o máximo possível sobre ela. Se o aprendiz for novato, ele pode não conseguir dizer mais do que algumas cores ou partes do corpo que aparecem na foto, ou usar palavras como “mulher” e “faca”. Se ele tiver um nível mais avançado, ele poderá usar frases completas, ainda que simples, como “Ela é uma mulher. Ela tem uma faca.” Um aprendiz muito avançado poderá fazer comentários mais longos sobre as figuras, mencionando pequenos mistérios ou adivinhando o que as pessoas estão fazendo ou pensando. Por exemplo, ele pode dizer “A mulher está procurando alguma coisa; talvez esteja procurando os homens para levarem a carne para casa; ou talvez essa vaca pertença a um fazendeiro e ela está espreitando na esperança de que ele não apareça. Elas deveriam estar abatendo um búfalo e não uma vaca, mas os homens brancos mataram todos os búfalos e agora elas têm de matar uma vaca para poder sobreviver.”

Assim como na primeira parte da avaliação, o avaliador anota o tempo que o aprendiz fala sobre a fotografia, se ele dá o nome das coisas, se usa frases simples ou complexas, e se a fala é hesitante ou fluida.

O avaliador também observa a equipe antes da avaliação, entre os testes e no final dos testes para ver se eles utilizam a língua quando não estão sendo testados efetivamente.

Depois da avaliação, o avaliador faz perguntas ao mestre e ao aprendiz em português. Ele pergunta ao mestre (ou às vezes ao aprendiz) o que o aprendiz disse em resposta às perguntas ou na descrição da fotografia. Ele também pergunta ao mestre se o aprendiz fez erros de gramática. O avaliador pode apurar sua avaliação com base nessa conversa. Entretanto, se o avaliador conhece a língua realmente, essa conversa é desnecessária e o avaliador pode fazer uma avaliação mais apurada sobre o uso da língua pelo aprendiz. Em qualquer dos dois casos, o avaliador pode discutir com o aprendiz suas impressões quanto ao seu nível de conhecimento e apontar áreas que o mestre e o aprendiz precisam trabalhar mais. Nós anotamos, sobretudo, os desvios para o português.

Geralmente, filmamos as avaliações. Primeiro avaliamos as equipes durante a primeira sessão de treinamento e estabelecemos um ponto de partida a partir do qual se pode medir o progresso. Então, as avaliamos novamente na segunda sessão de treinamento (cerca de seis meses mais tarde). A partir daí, as avaliações são feitas uma vez ao ano. Em algum momento é bom mostrar à equipe a gravação da avaliação que determinou o ponto de partida para ajudá-los a perceber o progresso que fizeram.

Programas diferentes fazem avaliações de maneiras diferentes. O Programa Mestre e Aprendiz Comanche pede vídeos de sessões de imersão,

assim como livros de registro. Eles também utilizam testes de vocabulário, mostrando figuras de objetos de casa, cores, animais etc., e perguntando ao aprendiz o nome de cada coisa. Alunos de terceiro ano devem fazer uma apresentação de 15 minutos na língua.

Extensões e variações

Os Comanche vêm desenvolvendo um Programa Mestre e Aprendiz há três anos. Eles estão agora dando início a outro programa – que também envolve princípios de imersão, mas que tem orientação totalmente diferente. Eles agora possuem falantes fluentes (alguns dos quais são mestres do outro programa), que estão trabalhando cada um com cinco mulheres jovens (geralmente parentes) que têm filhos. Essas mães são treinadas para utilizar linguagem usual que podem usar em casa; elas são solicitadas a ensinar tudo o que elas aprendem a seus filhos e a utilizar o Comanche em casa o máximo possível. Este programa tem grande potencial, porque visa a trazer a língua de volta ao uso dentro da casa. A sua comunidade pode ter ideias próprias a respeito de programas que sejam positivos.

Programa Mestre e Aprendiz intergruppal

O programa da Califórnia é um programa intergruppal desenvolvido pelos *Advocates for Indigenous California Language Survival* (AICLS). Isso significa que as equipes falam línguas diferentes. Ele pode se desenvolver como o programa comunitário descrito acima, mas tem algumas diferenças, porque envolve mais de uma língua.

A principal razão para ter um Programa Mestre e Aprendiz intergruppal é que alguns grupos são muito pequenos para ter um programa comunitário ou não possuem pessoas capacitadas para escrever os pedidos de financiamento e para administrar o programa. Muitos grupos indígenas da Califórnia não são reconhecidos em âmbito federal e não têm estrutura administrativa, ainda que tenham pessoas talentosas e motivadas que queiram ensinar e aprender suas línguas. Em outros casos, os grupos não estão interessados em trabalhar com a língua, e o programa dos AICLS oferece às pessoas interessadas meios simples de alcançar seus objetivos linguísticos sem a difícil (ou impossível) tarefa de organizar todo um grupo para trabalhar em conjunto. Esperamos que esses grupos se organizem no futuro, e isso muitas vezes acontece. Enquanto isso, pessoas altamente motivadas, que podem vir a ser as futuras lideranças desses grupos, estão sendo treinadas.

Mesmo para os grupos que possuem condições para desenvolver um Programa Mestre e Aprendiz próprio, começar como parte do Programa dos AICLS é um passo importante para sua própria organização. Os Yurok e os Karuk agora têm seus próprios programas Mestre e Aprendiz, porém a maioria dos administradores e dos mestres foram treinados no programa do AICLS, seja como funcionários, seja como participantes.

Há também algumas desvantagens de se ter um programa intergruppal. Uma delas é que as equipes vivem muito longe umas das outras, de forma que se reunir mais do que duas vezes por ano é quase impossível. Os consultores, também, têm de viajar milhares de quilômetros para visitar todas as equipes e até mesmo uma visita anual pode ser extremamente difícil. No futuro, esperamos poder contratar pessoas que tenham sido aprendizes no programa dos AICLS para atuarem como consultores regionais, de forma que as equipes de cada região terão alguém que poderá visitá-los com mais frequência. Na parte dedicada a programas Mestre e Aprendiz comunitários, vimos que durante os encontros das equipes há uma série de atividades que podem ser desenvolvidas na língua. Reunir todas as equipes do programa dos AICLS é divertido, educativo e inspirador – mas não é possível fazer atividades em grupo que requeiram que se fale apenas uma língua. E em um programa específico de uma língua, os avaliadores podem ser falantes da língua, tornando a avaliação algo muito mais enriquecedor.

Apesar das desvantagens, o programa dos AICLS teve muito sucesso e foi possível ajudar pessoas que não teriam tido condições de aprender suas línguas de outra maneira.

Programas Mestre e Aprendiz universitários

Algumas universidades podem oferecer cursos de língua indígena, mas se houver inscritos de diversas etnias, elas não podem oferecer cursos em todas as línguas que interessem a seus estudantes. Uma modificação do programa dos AICLS poderia ajudar estudantes nessa situação. Poderia ser um programa de estudo individual, realizado durante o ano escolar, se o estudante tiver acesso a um falante nativo, ou como um programa de férias, se o falante nativo viver em local distante. Mesmo em universidades que ficam em regiões que tenham apenas uma língua indígena (como é o caso da Escola Comunitária Navajo, nos Estados Unidos), as vantagens do sistema de ensino Mestre e Aprendiz não podem ser repetidas em sala de aula.

Este é um formato possível para um curso de língua independente.

Como curso durante o ano letivo

Este curso seria administrado por um instrutor na escola. Os estudantes inscritos no curso precisam dedicar de quatro a cinco horas por semana de trabalho intensivo com alguma pessoa do local que seja falante fluente da língua. Como grupo, os estudantes também podem ter duas horas por semana de aula com o instrutor do curso. Se possível, os falantes devem assistir uma hora por semana dessa aula com o instrutor. Durante essa hora, os estudantes e o falante vão trabalhar para melhorar suas técnicas de ensino e aprendizagem e a prática da imersão. A outra hora (somente com os estudantes) pode ser utilizada para aprender técnicas ativas de aprendizagem (i.e., como os estudantes podem orientar o professor da língua de forma que eles aprendam com mais eficiência) e para o estudo da gramática e da escrita, se a língua possuir materiais escritos. (Este é um curso primordialmente de língua oral, assim a escrita não precisa ser enfatizada; vai depender se a escrita é parte importante da língua ou não.) Os estudantes aprenderão a usar o gravador no processo de aprendizagem para que não dependam da escrita.

Idealmente, este curso começa com um seminário intensivo de um dia (talvez realizado num domingo ou durante a semana antes do início das aulas) do qual todos os estudantes e professores participam. Esse seminário começa com cada um se apresentando, falando sobre suas línguas e seus objetivos com relação às línguas. O instrutor do curso passa o dia ensinando metodologias especiais de ensino e aprendizagem para o curso, possivelmente utilizando este livro como leitura recomendada.

Durante o semestre, os estudantes irão trabalhar com seus professores de língua por pelo menos quatro horas por semana. Eles irão manter um livro de registro – a ser preenchido pelo estudante e assinado pelo professor – que será entregue a cada duas semanas ao instrutor do curso. Os estudantes irão aprender tópicos para conversação e possivelmente outros gêneros de discurso (rezas, canções, histórias). A equipe (professor de língua e estudante) deve tentar ficar imersa na língua o máximo de tempo possível das quatro horas que passam juntos. Serão enfatizados o uso de frases completas e o desenvolvimento da competência comunicativa. Ao final de cada aula (ou durante a aula), o estudante irá gravar frases e vocabulário que foi ensinado e deverá praticar com a gravação de quatro a seis horas por semana.

Muitas semanas antes do final do período, o instrutor do curso deve fazer algumas perguntas ao estudante – por exemplo, “Como você vai?”, “Qual o seu nome?”, “Onde você mora?” e “Fale-me sobre sua família”. O estudante pode levar as perguntas para seu professor e trabalhar as respostas em conjunto. Ao final do semestre, os estudantes e os professores

devem vir juntos à aula; os professores sortearão várias perguntas que os alunos deverão responder (na sua língua). Os estudantes também deverão preparar uma apresentação oral na língua. Nos próximos semestres, quando os estudantes estiverem mais adiantados, poderão fazer apresentações mais longas e deverão responder perguntas mais complexas, tais como “Conte-me algo que lhe aconteceu quando você era pequeno.” ou “Que tipo de trabalho você gostaria de ter e por quê?”.

Como curso de férias, com estudantes de fora

A maior parte dos mecanismos do curso de férias será igual ao do curso regular, exceto que os estudantes e os falantes não estarão fisicamente presentes na universidade. Assim, não será possível ter aulas semanais com o instrutor do curso. Idealmente, um curso de férias começa com todos os estudantes e todos os professores presentes em um local central (a própria universidade ou talvez um local retirado) para um fim-de-semana de treinamento. Se não for possível trazer os falantes, uma aula de treinamento pode ser dada exclusivamente para os estudantes. A partir daí, as equipes estarão sozinhas, mas podem consultar por telefone o administrador do curso. Os estudantes também podem ter de enviar seus livros de registro a cada duas semanas. Idealmente, ao final das férias, as equipes poderão reunir-se mais uma vez e os estudantes poderão fazer suas apresentações. Se essa reunião não for possível, os estudantes farão suas apresentações em suas línguas para o administrador do curso e outros estudantes.

Ensino de adultos indígenas do Alaska, Universidade do Alaska, Fairbanks

Existe um Programa Mestre e Aprendiz universitário na Universidade do Alaska, em Fairbanks. O estudante recebe crédito educativo para o curso e a equipe utiliza um manual baseado neste livro, mas orientado para um curso universitário. As atividades específicas incluem:

Estudante e falante participam de uma oficina de orientação (10 horas).

Estudante e falante encontram-se regularmente (10 horas por semana) para aulas de língua.

Estudante e falante mantêm contato regular independente (30 minutos por semana) com o instrutor.

Estudante e falante participam de todas as oficinas locais de língua organizadas para a sua língua.

Os estudantes são avaliados por meio de uma combinação de registros escritos e orais, observação continuada, entrevistas com o falante e um exame final oral. O exame oral final inclui uma pequena entrevista de perguntas e respostas, uma encenação, a narração de uma história (em que o aprendiz escuta e depois reconta a história) e a descrição de uma fotografia.

O desenvolvimento de cursos universitários deste tipo pode ajudar a solucionar o problema de como ensinar uma grande variedade de línguas em áreas linguisticamente complexas. Não há como ter um curso para cada uma das línguas do Alaska (ou qualquer outro estado que tenha várias línguas). Mas um curso Mestre e Aprendiz como esse do Alaska pode permitir que estudantes universitários aprendam suas línguas de herança e recebam crédito educativo para isso. Idealmente, um curso desses também deveria preencher os requisitos universitários do chamado curso de língua estrangeira.

Apêndice B

Aplicando os princípios Mestre e Aprendiz à sala de aula

Muitos aprendizes estão tentando aprender suas línguas porque planejam ensiná-la a crianças em situações de sala de aula. Se você é um aprendiz do Programa Mestre e Aprendiz, você também está aprendendo técnicas de ensino. E muitas dessas técnicas podem ser aplicadas à sala de aula.

Devo repetir, porém, que a maior parte dos métodos de ensino apresentados neste livro não são novos. E muitos dos aspectos inovadores desses métodos, como a ênfase no relacionamento professor-aluno, não vão funcionar em sala de aula. No entanto, muitas coisas apresentadas neste manual podem ser adaptadas à sala de aula. Vamos revisar as dez dicas para aprender língua, só que desta vez, aplicando esses princípios ao ensino em sala de aula.

Deixar o português de lado

O ensino moderno de línguas geralmente deixa o português de lado. O professor fala apenas na língua que está ensinando e se faz entender pelo uso de mímica, gestos, ações, expressões faciais, objetos ou figuras, contexto e dizendo as coisas com outras palavras. Como um aprendiz treinado, você deve ser proficiente nesse tipo de comunicação, assim deve ser fácil utilizá-la em sala de aula. A sua língua não é apenas uma tradução do português, então não a ensine assim; ela tem seus próprios significados, conotações e valores e é isso o que você quer que seus alunos aprendam.

Perguntas básicas: da mesma forma que seu mestre ensinou você, ensine seus alunos a perguntar “O que é isso?”, “O que estou fazendo?” etc. A maneira de ensiná-los a fazer essas perguntas é fazendo-as você mesmo. Por exemplo, quando você mostrar a eles um conjunto de objetos novos e for dizer o nome de cada um, pergunte “O que é isso?” e aponte para um objeto. Faça com que eles respondam. Mais tarde, você pode pedir a eles que façam o papel do professor, perguntando ao grupo “O que é isso?” e respondendo. Se eles esqueceram os nomes das coisas ou ainda não aprenderam, encoraje-os a perguntar a você “O que é isso?” na sua língua.

Lembrando um ao outro: neste manual sugerimos que o aprendiz aprenda desde cedo a dizer “Agora diga isso na nossa língua”, como forma de lembrar o mestre de não falar português. Você pode usar frases semelhantes para lembrar seus alunos de não falar português; você também pode ensiná-los frases para que eles lembrem uns aos outros e a você mesmo de não utilizar o português. Em uma demonstração interessante de um grupo de crianças Cochiti que participaram de um programa de imersão de verão, de vez em quando (como parte da encenação) a professora dizia alguma coisa em inglês e as crianças gritavam em Cochiti alguma coisa que pode ser traduzida por “Não fale comigo em inglês, eu não sou branco, sou Cochiti. Fale comigo

em Cochiti.” Esse tipo de exercício não apenas reforça o uso da língua em sala de aula, mas também faz com que as crianças se sintam responsáveis por sua própria aprendizagem, o que é muito importante para que progridam.

Utilizar comunicação não verbal

Ações e atividades. O método da resposta física total (ver pág. 16 como usar este manual), ou TPR, é baseado na ideia de que se aprende uma língua com todo o corpo, não apenas com os ouvidos e a boca. O TPR começa com comandos e os alunos agem conforme as ordens que escutam: “Levante”, “Estique os braços”, “Balance a cabeça”. O professor dá a ordem e pratica a ação ao mesmo tempo, de forma que as crianças sabem o que significa; depois, as crianças repetem os gestos do professor. Ao escutar e repetir as palavras ao mesmo tempo em que fazem a ação, as crianças aprendem com todo o corpo. Da mesma forma, tocar e brincar com um objeto enquanto se aprende seu nome torna a aprendizagem muito mais completa. As crianças aprendem que uma palavra na língua se refere a um objeto ou uma ação ou uma ideia – e **não** a uma outra palavra em português.

Gestos e expressões faciais. Ensine as crianças como perguntar e responder a “Como vai você?”. Utilizando gestos e expressões faciais, você pode ensinar possíveis respostas, como “bem”, “triste”, “doente”, “cansado” ou “com fome”. (Depois que eles aprenderem as frases, não é mais preciso exagerar nos gestos e nas expressões faciais.)

Figuras e objetos. Traga para a sala de aula objetos cujos nomes você está ensinando; peça aos alunos que tragam os objetos também. Peça às crianças que tragam para a aula figuras sobre as quais eles possam conversar. Ou então, quando você for falar sobre parentesco, peça aos alunos que tragam fotos dos parentes e converse com eles sobre as formas de chamar os parentes na língua. Conte histórias na sua língua, usando figuras que mostrem a eles sobre o que você está falando. Há livros infantis cujas histórias são apenas imagens, sem texto; esses livros podem ser ferramentas de ensino muito úteis.

Sarah e Terry Supahan ensinam língua a seus alunos enfatizando as histórias tradicionais. Primeiro, eles ensinam os personagens e os objetos que vão aparecer na história. Por exemplo, há uma história sobre um pássaro que está procurando uma esposa, então mulheres de todos os tipos vêm visitá-lo, usando roupas especiais feitas de sementes, de conchas, de grama, de frutos. Terry e Sarah fazem bonecos de papel do pássaro e das diversas mulheres e levam para a aula sementes e outros materiais dos quais os vestidos são feitos. Os alunos brincam com os bonecos e os objetos. Depois, Terry e Sarah

contam a história, usando o material que levaram para a aula e ela se torna bastante compreensível para as crianças.

Ensinar com frases completas

Ao ensinar com frases completas você não apenas ensina palavras, mas também gramática. Em Kumeyaay, por exemplo, quando você quer ensinar a palavra “*hmu*” (pilão), você dirá frases como:

<i>Peyaa hmu.</i>	‘Isto é um pilão.
<i>Hmu kshnyaa!</i>	‘Toque no pilão!
<i>Hmu kiyow!</i>	‘Pegue o pilão!
<i>Joyce hmu kiny!</i>	‘Dê o pilão para a Joyce!

Assim, os alunos aprendem a palavra para pilão, mas eles também aprendem que um comando começa com “k” e que a ordem das palavras em Kumeyaay é diferente – o objeto vem na frente. Eles podem não estar aprendendo isso de forma consciente, e você não precisa explicar essas coisas a eles; eles simplesmente **saberão** essas coisas depois de terem sido expostos a elas o suficiente.

Ter como objetivo a comunicação real na língua de herança

Uma vez que o objetivo na sala de aula é o mesmo do Programa Mestre e Aprendiz – aprender a língua para usá-la – tenha como objetivo fazer tudo na sua língua. Diga olá e adeus na sua língua. Da mesma forma que você desenvolve rituais no Programa Mestre e Aprendiz, desenvolva rituais na sala de aula. Todo dia peça a um aluno para olhar pela janela e dizer como está o tempo. Peça a outro aluno que traga algumas notícias de jornal para a sala de aula e converse sobre as notícias na sua língua. Mesmo quando você encontrar com as crianças fora da sala de aula, fale com elas na sua língua.

Língua também é cultura

A sala de aula tem uma cultura própria e pode ser difícil introduzir uma cultura diferente. Traga objetos tradicionais e imagens de atividades tradicionais. Desenvolva alguma atividade tradicional na sala de aula ou traga comidas tradicionais para o lanche. Peça a alguém da comunidade que venha

contar uma história. Tire as crianças da sala de aula o máximo possível – leve-as a rituais ou viagens de campo para colher frutas ou material para fazer cestaria.

Enfatizar a audição e a fala

Como na sala de aula, a escrita e a leitura são centrais no processo educacional, pode-se facilmente ser levado a pensar que o ensino de língua na sala de aula deva enfatizar a leitura e a escrita. No entanto, se o objetivo é ser proficiente em conversação, ensine principalmente a falar, não a escrever.

Aprender e ensinar a língua por meio de atividades

Muitas das atividades sugeridas neste manual podem ser adaptadas para uso em sala de aula. Atividades como brincar com marionetes, desenvolver uma encenação, desenhar e pintar, brincar com uma casa de bonecas ou com bonecas de papel são ótimas atividades para crianças e são também aulas de língua.

Uma atividade infantil que aprendemos em um seminário de treinamento de professores foi a “corrida de palavras”. Na frente da sala, coloque um cartaz com figuras de diversos objetos e atividades representando algumas das palavras que as crianças aprenderam. As crianças fazem duas fileiras, mantendo-se a certa distância do cartaz. O professor diz uma palavra e as duas primeiras crianças das filas correm para ver quem consegue tocar na figura correta primeiro. O lado vencedor recebe um ponto. Essas duas crianças vão para o final da fila e as próximas duas se preparam para a corrida.

Você também pode fazer alguma aula superespecial em que as famílias das crianças são convidadas para assistir a uma apresentação dos alunos. Pode ser uma peça que eles ensaiaram na língua, ou canções ou talvez eles possam preparar e servir a seus familiares uma comida tradicional (tudo na língua).

Registrar em áudio e vídeo

Gravar vídeos e arquivos de áudio podem ser ótimas atividades em sala de aula, se sua comunidade permitir o registro (algumas comunidades não permitem). Você pode gravar algumas pessoas mais velhas e mandar as cópias dos registros para suas casas com as crianças para que elas escutem (se for o caso). Peça a uma pessoa mais velha da comunidade que venha à sala de aula participar de um projeto de registro de áudio ou vídeo. Antes de

receber a visita, converse com as crianças e descubra o que elas gostariam de aprender de um ancião de sua comunidade. Depois pratique com elas para que elas possam fazer as perguntas na língua.

Você pode ensinar crianças maiores a utilizar o equipamento de gravação e elas mesmas podem documentar a língua e o conhecimento de pessoas mais velhas de suas famílias. Você pode ensiná-las como cuidar dos registros, como etiquetar os CDs com precisão e como fazer um índice. Converse com seus alunos e explique como esses registros podem, um dia, ser as únicas fontes do conhecimento dos mais velhos e como isso pode ser importante para a comunidade. Você também deve falar sobre quaisquer restrições culturais que possam existir. A forma e o local de escutar os registros devem levar em consideração o respeito pelos mais velhos e pelos parentes. Por exemplo, se o ancião morrer, seus parentes podem não querer escutar os áudios na comunidade. Em alguns casos, a tradição pode até determinar que os registros sejam destruídos, quando morre o ancião. Talvez seja possível chegar a um entendimento, como guardar o registro por uma década ou mais, mantendo-o em bom estado para que possa ser utilizado no futuro.

Ser um aprendiz ativo

Você pode encorajar as crianças a serem aprendizes ativos ao estimulá-las a decidir o que querem aprender na próxima aula ou que atividades elas querem fazer em relação a uma unidade ou lição específica. Passe a elas o exercício que você fez na Primeira Semana: peça que elas escrevam tudo o que fizerem durante um dia. Isso pode ser feito em grupo, perguntando a elas como elas se levantaram pela manhã (provavelmente em português), o que elas fazem em primeiro lugar quando acordam, o que elas dizem aos pais, o que elas tomam de café da manhã etc. Depois, peça à classe que escolha dessa lista o que elas gostariam de fazer na língua e não em português. Suas famílias gostariam de aprender a dizer algumas coisas na língua se as crianças ensinarem? Por exemplo, elas gostariam de ensinar suas mães a dizer “Acorde!” na língua? Elas gostariam de aprender os nomes das peças de vestuário que vestem? Elas gostariam de aprender um jogo tradicional que envolva o uso da língua? Como resultado dessa discussão, o professor pode planejar aulas que envolvam as coisas que as crianças querem aprender. Os alunos também podem discutir que tipo de passeios eles gostariam de fazer. Talvez a turma possa planejar um acampamento de imersão na língua no verão com a família, em que os alunos podem até assumir alguma responsabilidade de ensinar certas coisas às suas famílias.

Ser sensível às necessidades do outro; ser paciente e ter orgulho de si mesmo e uns dos outros

Certamente, tudo o que dissemos sobre fazer correções sem criticar e sobre criar um ambiente em que o aprendiz se sinta seguro ao usar a língua serve tanto para as crianças quanto para qualquer um. Como professor, você provavelmente sabe como mostrar seu orgulho pelas conquistas de seus alunos e como recompensá-los por um trabalho bem feito. Uma coisa que você pode transmitir a seus alunos é a importância de aprender a língua. A maior parte das pessoas que utiliza este manual está aprendendo línguas que seus filhos não aprendem em casa, o que significa que são os seus alunos que irão levar a língua para o futuro. Eles também podem fazer algo pela língua agora, utilizando-a fora da sala de aula, pedindo aos mais velhos que os ajudem a aprender a língua, e ensinando-a a seus irmãos. Essa língua pertence à comunidade da qual eles fazem parte e a comunidade precisa que seus alunos ajudem a manter sua língua viva. Você merece ter orgulho. Você está assumindo um compromisso heroico por uma causa maravilhosa ao trabalhar para trazer sua língua de volta ao lugar que pertence.

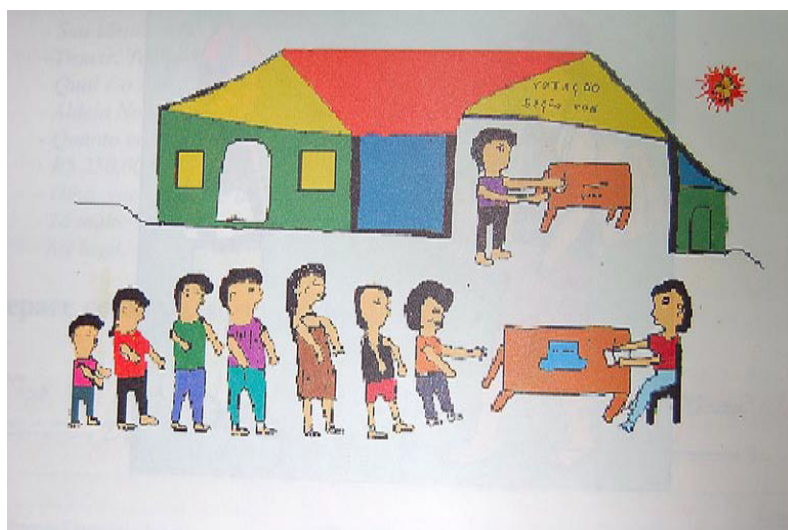
Apêndice C

Desenhos

Os desenhos nas páginas seguintes mostram sequências de atividades diárias. Elas podem ser usadas de várias formas para ensinar e aprender a língua. Mestre e aprendiz podem conversar sobre os desenhos. O mestre pode apontar para cada sequência de desenho e descrever o que cada pessoa está fazendo (tudo na língua que está sendo aprendida). O aprendiz pode estimular o mestre, se necessário, perguntando “O que está acontecendo?”. Conforme o aprendiz for tornando-se avançado, o mestre pode pedir que ele descreva os desenhos.

Outra possibilidade é usar as figuras como modelo enquanto o mestre diz ao aprendiz o que ele deve fazer. Por exemplo, usando a primeira sequência, o mestre diz “Abra a porta.” (ou “Vá ao banheiro”); “Abra a torneira”, “Lave as mãos”; “Desligue a torneira”; “Pegue a toalha”; “Seque as mãos”; “Saia do banheiro”. O mais importante em relação a esses desenhos é que eles podem ser usados no lugar de uma tradução para o português para ajudar o aprendiz a entender.



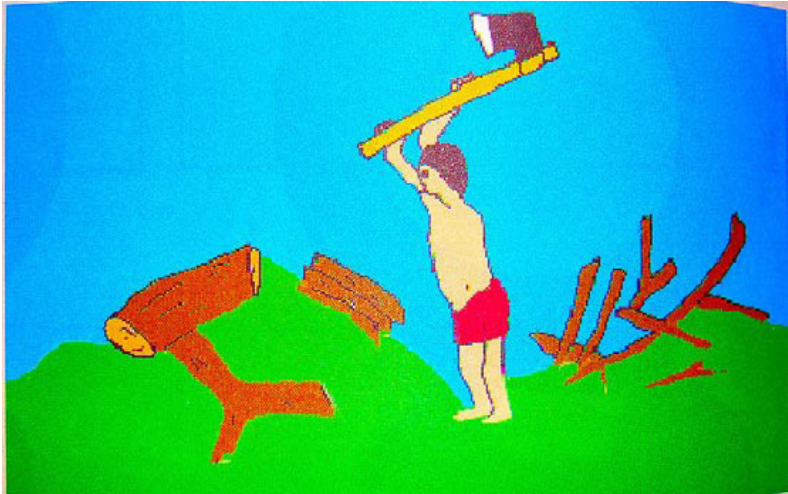
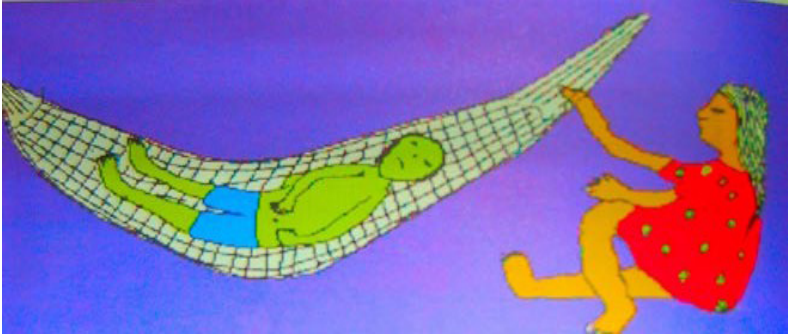






□







Leituras complementares

Dentre os livros que tratam da aprendizagem de idioma sem curso formal, podemos citar *Language Acquisition Made Practical* (Aquisição de Língua na Prática, em tradução livre), de E. Thomas Brewster e Elizabeth S. Brewster (Colorado Springs, CO: Lingua House, 1976). Esse livro traz, passo a passo, diversas lições úteis para o aprendizado de idiomas, mas pressupõe que a imersão em uma comunidade em que o idioma que você está tentando aprender seja falado ativamente. Embora aqueles que pretendem aprender um idioma ameaçado não possam fazer algumas tarefas – como dizer a um motorista de ônibus para onde você quer ir – o livro está repleto de ideias úteis. Nós o recomendamos fortemente como leitura suplementar.

Para a Resposta Física Total (TPR, na sigla em inglês), sugerimos a leitura do importante livro de J. Asher, *Learning Another Language Through Actions: The complete Teacher's Guidebook* (Aprender uma Nova Língua por Meio da Ação: guia completo do professor), publicado em Los Gatos, Califórnia, pela Sky Oaks Productions, em 1982.

Outros livros interessantes sobre ensino de línguas seriam: *Making Communicative Language Teaching Happen* (Fazendo o Ensino Comunicativo da Língua Acontecer), de James F. Lee e Bill Van Patten (New York: McGraw Hill, 1995); *Teaching Language in Context* (Ensino de Língua em Contexto), de Alice Omaggio Hadley (Boston: Heinle & Heinle, 1993); e *Teacher's Handbook: Contextualized Language Instruction* (Manual do Professor: ensino de língua contextualizado), de Judith L. Shrum e Eileen W. Glisan (Boston: Heinle & Heinle, 1994).

Para mais informações sobre revitalização de línguas, existem pelo menos três livros importantes: *Stabilizing Indigenous Languages* (Estabilização de Línguas Indígenas), de 1988, *Teaching Indigenous Languages* (Ensino de Línguas Indígenas), de 1997, e *Revitalizing Indigenous Languages* (Revitalização de Línguas Indígenas), de 2000. Todos os três foram publicados pela Northern Arizona University Press e estão disponíveis online, no site <http://jan.ucc.edu/~jar/TIL.html>.

Também recomendamos o excelente manual de Darrel R. Kipp, *Encouragement, Guidance, Insights, and Lessons Learned for Native*

Languages Activists Developing Their Own Tribal Language Programs (Encorajamento, Orientação, Ideias e Lições Aprendidas para Ativistas de Idiomas que Desenvolvem seus Próprios Programas de Línguas Indígenas) (St. Paul: Grotton Foundation, 2000). É possível encomendar cópias pelo Instituto Piegan (PO Box 909, 308 Popimi St., Browning, Mt 59417). Kipp é um dos fundadores da Escola de Imersão em Idiomas Cut-Bank da Nação Blackfeet. Esse relatório é o resultado de longas discussões com doze ativistas de línguas indígenas e possui muitos conselhos importantes para as pessoas que desejam montar seus próprios programas de idiomas.

O *The Green Book of Language Revitalization in Practice* (Livro Verde da Revitalização de Idiomas na Prática) – título que faz alusão a outra publicação, *The Red Book of Endangered Languages* (Livro Vermelho de Línguas Ameaçadas) –, editado por Ken Hale e Leanne Hinton (San Diego: Academic Press, 2001), é uma grande coleção de artigos escritos por povos indígenas e linguistas sobre o que está sendo feito em suas comunidades para revitalizar suas línguas. Há um capítulo sobre o Programa Mestre e Aprendiz e uma seção sobre metodologia de ensino, além de muitas narrativas interessantes e inspiradoras sobre projetos de revitalização de idiomas em todo o mundo.

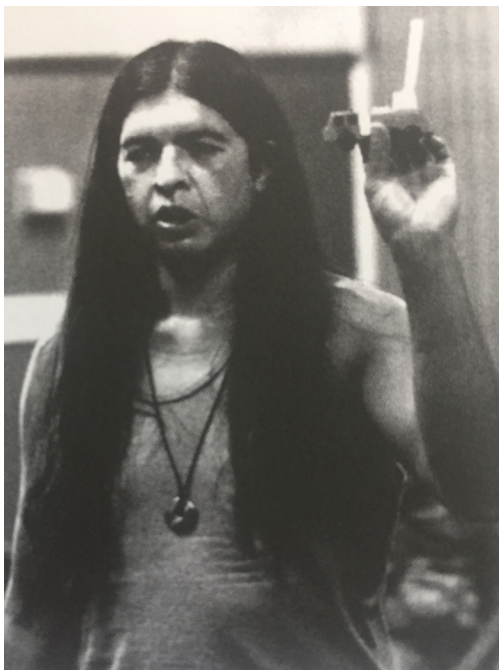
Sobre os autores

Leanne Hinton



Leanne Hinton, professora de linguística da Universidade de Berkeley na Califórnia, tem desempenhado papel importante na revitalização das línguas indígenas da Califórnia e é uma das fundadoras dos *Advocates for Indigenous California Language Survival* (Defensores da Sobrevivência das Línguas Indígenas da Califórnia). Dentre os livros que escreveu, destacam-se *Flutes of Fire: Essays on California Indian Languages* (Flautas de fogo: ensaios sobre línguas indígenas da Califórnia – Heyday Books), *Havasupai Songs: a Linguistic Perspective* (Canções Havasupai: uma Perspectiva Linguística – Tübingen), *Ishi's Tale of Lizard* (Conto Ishi do Lagarto – Farrar, Straus, Giroux, distribuído pela Heyday Books); é também coeditora, junto com Ken Hale, do *The Green Book of Language Revitalization and Practice* (O Livro Verde da Revitalização e da Prática de Línguas – Academic Press).

Matt Vera



Matt Vera, indígena Yolumne Yokuts, foi um dos primeiros aprendizes do Programa de Aprendizagem de Idiomas e suas ideias e sugestões foram fundamentais para o enriquecimento dos métodos do Programa Mestre e Aprendiz. Atuou como professor em uma pré-escola de imersão até o seu falecimento, ocorrido prematuramente antes da publicação do livro que ajudou a construir.

Nancy Steele



Nancy Steele, indígena Karuk, é membro fundadora da organização Advocates for Indigenous California Language Survival e cocriadora do Programa de Aprendizagem de Línguas Mestre e Aprendiz.

Beatriz Carretta Corrêa da Silva



Beatriz Carretta Corrêa da Silva é tradutora formada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Doutora em Linguística pela Universidade de Brasília, onde desenvolveu pesquisa em linguística antropológica e histórica. Trabalhou como tradutora residente em órgãos de governo e organismos internacionais; como tradutora independente já teve publicados livros sobre educação, alfabetização e letramento e prevenção de maus-tratos na infância e adolescência.

Diretrizes para submissão de trabalhos

1. **Política editorial.** A Revista Brasileira de Linguística Antropológica- RBLA, periódico aberto, de publicação contínua e publicação de números especiais, aceita trabalhos de autoria de professores, pesquisadores, alunos de doutorado ou mestrado, sendo os trabalhos desses últimos, preferencialmente em coautoria com seus orientadores ou pesquisadores a eles associados.

2. **Avaliação.** A RBLA adota o sistema duplo-cego de revisão por pares. Autores permanecem anônimos durante a análise dos trabalhos, e os consultores durante e após a avaliação. **Havendo dois pareceres díspares, um terceiro avaliador participa do processo de avaliação.** Após a emissão dos pareceres, cópias das avaliações são encaminhados ao(s) autor(es), juntamente com as recomendações de ajustes indicadas pelos pareceristas.

3. **A natureza dos trabalhos publicados.** A RBLA publica artigos, vocabulários, diários de campo, relatórios de viagem, resenhas, traduções e estudos antigos de valor inestimável para o conhecimento de línguas e culturas dos povos da América do Sul. Excepcionalmente são aceitos estudos de línguas indígenas das Américas, em geral. Nenhum dos trabalhos submetidos deve ser simultaneamente submetido a outros periódicos.

4. **Submissão.** Os artigos devem ser submetidos unicamente por meio da Plataforma SEER: <https://periodicos.unb.br/index.php/ling/about/submissions> O(s) autor(es) deve(m) fazer o cadastro (Login/Senha) na seção Submissões. No preenchimento dos dados, é necessária a concordância com as condições estabelecidas pela revista.

4.1 **Metadados:** Preencher adequadamente os metadados durante a submissão de originais, pois eles são considerados nas etapas de edição. Quanto à afiliação, o nome da Instituição deve ser informado em sua forma extensa. Após a submissão, o(s) autor(es) recebem e-mail do editor e, a partir de então, pode(m) acompanhar a evolução do processo de avaliação e edição do trabalho submetido.

4.2 **Artigos.** Os artigos devem ser originais e inéditos.

4.3 **Resenhas.** As resenhas são exclusivamente referentes a obras publicadas nos últimos dois anos.

4.4 **Entrevistas.** Entrevistas podem ser realizadas junto a pesquisadores no Brasil ou do exterior, ou junto a pessoas de notório saber – lideranças indígenas, ativistas em prol de povos minorizados, especialistas em indigenismo, entre outros).

4.5 **Vocabulários, Relatórios de viagem, Diários de Campo.** Vocabulários, relatórios de viagem e diários de campo devem ser contribuições de relevância para o conhecimento linguístico, cultural, zoobotânico, histórico e arqueológico dos povos indígenas.

4.6 **Relembrando.** Esta seção é destinada à publicação de estudos escritos no passado, de importância fundamental para o conhecimento de línguas e culturas dos povos indígenas.

4.7 **Traduções.** As traduções devem considerar significância dos estudos para o conhecimento de línguas e culturas indígenas, métodos e teorias que contribuam para os estudos e pesquisas de línguas e culturas indígenas.

4.8 **Línguas.** Os trabalhos podem ser redigidos em português (seguir as regras do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, de 2016), francês, inglês, espanhol ou em línguas indígenas.

5. **Apresentação de trabalhos:** Todas as modalidades de trabalhos devem ser submetidas com uma cópia em *Word for Windows* e uma cópia em formato pdf.

5.1 **Formato dos manuscritos:** Tamanho do papel: 21 x 29,7cm ou A4

5.1 **Artigos**

5.1.1 **Texto principal**

- fonte: Times New Roman
- tamanho da fonte: 12
- espaço entre linhas: 1,5

5.1.2 **Citações e notas de rodapé.**

- fonte: Times New Roman
- tamanho da fonte: 10
- espaço entre linhas: simples

5.1.3 **Quadros, mapas e figuras.** Quadros, mapas e figuras devem ser enviados em alta resolução.

5.1.4 **Título do artigo e nomes dos autores**

A página zero do manuscrito deve conter o **título do trabalho, nome(s) do(s) autor(es), filiação institucional, respectivos ORCID(s)**, assim como o **endereço postal, o endereço eletrônico e o número de telefone de um dos autores.**

5.1.4.1 **Título do artigo:** o título do artigo deve aparecer com a letra da primeira palavra em caixa alta, podendo outras palavras do seguirem esse mesmo formato, quando relevante. O título deve estar em negrito, centralizado no alto da primeira página, em espaçamento simples, com tradução para o português – duas linhas abaixo – se escrito em inglês, e com tradução para o inglês, se escrito em outra língua.

5.1.4.2 **Nome do(s) autor(es):** o(s) nome(s) do(s) autor(es) deve(m) vir à direita da página, na terceira linha abaixo do título, com asterisco remetendo à nota de rodapé para apresentação dos metadados do(s) autor(es). Esses metadados correspondem às seguintes informações, na seguinte ordem: nome por extenso da instituição a que o(s) autor(es) está ou estão vinculados(s) e sigla, unidade, faculdade ou instituto, estado, país; vínculo departamental; e-mail.

5.1.5 **Resumos.** Cada artigo deverá conter, no alto da página 1, três linhas após o título e sua tradução, dois resumos com no máximo 150 palavras. Se o texto for escrito em português, um dos resumos deve ser em inglês. Se for escrito em outra língua, um dos resumos deve estar em português.

5.1.6 **Palavras-chave.** Cada resumo deverá ser seguido de cinco palavras-chave separadas por pontos, seguido de um espaço.

5.1.7 **Normas de edição.** A RBLA segue as normas do Chicago Manual of Style.

5.1.8 **Citações.** As referências no texto devem ser indicadas entre parênteses. Quando o nome de um autor for mencionado no texto, datas e páginas seguem imediatamente o nome deste, por exemplo, Thomason and Kaufman (1988:40-45).

Citações de autores e de seus respectivos trabalhos devem figurar entre parênteses, por exemplo: (Thomason and Kaufman 1988:87).

5.1.9 **Notas de rodapé.** Notas explicativas devem ser feitas em notas de rodapé numeradas em sequência única.

5.1.10 **Referências.** Todas as referências feitas deverão figurar na seção **Referências bibliográficas**, ao final do trabalho, e devem seguir The Chicago Manual of Style.

Exemplos:

Livros

Bloomfield, Leonard. 1914. *An Introduction to the Study of Language*. New York: Holt, Rinehart, and Winston. [Repr. intro. Joseph F. Kess, Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 1983.]

Bloomfield, Leonard. 1933. *Language*. New York: Holt, Rinehart, and Winston. [Repr. Chicago: Chicago University Press, 1984. Chapters on historical linguistics issued separately as *Language History*, New York: Holt, Rinehart, and Winston, 1965.]

Lathrap, D. W. 1970. *The Upper Amazon*. New York and Washington: Praeger Publishers.

Sapir, Edward, and Morris Swadesh. 1939. *Nootka Texts: Tales and Ethnological Narratives with Grammatical Notes and Lexical Materials*. Philadelphia: Linguistic Society of America and University of Pennsylvania.

Thomason, Sarah G., and Terrence Kaufman. 1988. *Language Contact, Creolization, and Genetic Linguistics*. Berkeley-Los Angeles: University of California Press.

Capítulos de livros

Benveniste, Émile. 1966. “Être” et “avoir” dans leur fonctions linguistiques. In Émile Benveniste (ed.), *Problèmes de linguistique générale* (vol. 1, pp. 187–207). Paris: Gallimard.

Harrison, C. (1986). Verb Prominence, Verb Initialness, Ergativity and Typological Disharmony in Guajajara. In D. Derbyshire & G. K. Pullum (Eds.), *Handbook of Amazonian languages*. (Vol. 1, pp. 407–439). Berlin: Mouton de Gruyter.

Kaufman, T. 1990. Language history in South America: What we know and how to know more. In D. L. Payne (Ed.), *Amazonian linguistics: studies in lowland South American languages*, (pp. 13-67). Austin: University of Texas Press. Keenan, E. (1976). Towards a Universal Definition of “Subject”. In L.

Artigos em revistas

Campbell, Lyle. 1973. Distant genetic relationships and the Maya–Chipaya hypothesis. *Anthropological Linguistics* 15(3), 113-35.

Faust, Norma. 1963. El lenguaje de los hombres y mujeres en cocama. *Perú Indígena* 10:115-17.

Teses e Dissertações

Rodrigues, A. (1958). *Phonologie der Tupinambá Sprache*. PhD thesis, University of Hamburg.

Correa-da-Silva, Bratriz, C.. 1997. *Urubu-Ka'apor - da Gramática à História: a trajetória de um povo*, Universidade de Brasília.

Noelli, Francisco S. 1993. *Sem Tekohá não há Tekó (em busca de um modelo etnoarqueológico da subsistência e da aldeia Guarani aplicado a uma área de domínio no delta do Jacuí-RS)*. Mestrado em História, Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul.

Trabalhos publicados em Anais de Congressos

Payne, D. L. 1986. Inflection and Derivation: Is there any difference?. *Proceedings from the First Pacific Linguistics Conference*. Eugene, Oregon.

Consultar também: <https://feup.libguides.com/chicago/estruturabasica>

5.1.12 **Símbolos fonéticos.** Recomenda-se o uso do UNICODE.

5.2 **Recensões.** Recensões não devem exceder sete páginas. A referência completa da obra resenhada deve seguir as normas para artigos, com o(s) nome(s) do(s) autor(es) da resenha, na terceira linha abaixo da referência da obra, precedido(s) por: Resenhado por nome(s) do(s) autor(es), com asterisco(s) remetendo à nota de rodapé que contém as informações indicadas no item autores.(nome(s) do(s) autor(es) (5.1.4.1).

5.3 **Traduções.** Cada volume da RBLA publicar até duas traduções, exceto em eventuais volumes especiais.

5.4 **Entrevistas.** As entrevistas devem ser organizadas obedecendo as mesmas normas indicadas para título e autores de artigos, mas com o título acrescido de “Entrevista com...”, com asterisco remetendo a uma nota de rodapé em que é oferecida uma breve biografia do entrevistado. Segue o(s) nome(s) do(s) autor(es) da entrevista, seguindo as mesmas recomendações para “autores” de artigos.

5.5 **Diários de Campo e Relatórios de viagem.** Seguem as mesmas normas para artigos.

5.6 **Vocabulários.** Seguem as mesmas normas para artigos, quanto a títulos e autores. Dem ser usadas tabulações e não tabelas na apresentação dos dados do vocabulário.

6. **Agradecimentos:** quando houver, devem ser inseridos em uma nota de rodapé.

7. **Anexos e/ou Apêndices**

Anexos e apêndices são aceitos quando fundamentais complementos do texto, obedecendo o limite de 30 páginas e inseridos no final do texto, após as referências bibliográficas.

8. **Outras instruções.** Os trabalhos que não se enquadrarem nas normas da revista são devolvidos aos autores, ou são solicitadas adaptações, indicadas em carta pessoal. Dados e conceitos emitidos nos trabalhos, bem como a exatidão das referências bibliográficas, são de inteira responsabilidade do(s) autor(es).

9. **Direitos autorais - Autorização para publicação.** Com a aprovação para a publicação do artigo submetido, fica acordada a anuência do(s) autor(es) à reprodução e publicação pela RBLA, de acordo com os termos “reprodução” e “publicação” conforme definição respectivamente dos incisos VI e I do artigo 5º da Lei 9610/98.

10. **Política de Privacidade.** A RBLA faz uso de nomes e endereços dos autores exclusivamente para fins de publicação, não os disponibilizando para outros fins.

Guidelines for Submission

1. **Editorial policy.** The Revista Brasileira de Linguística Antropológica – RBLA (Brazilian Journal of Anthropological Linguistics) is a Brazilian open access journal operating on a continuous publication basis and also publishing special issues. It welcomes articles authored by professors, researchers, PhD or MA students, the latter's contribution preferably co-authored with their advisors or associated researchers.

2. **Review system.** RBLA adopts the double-blind peer review system. Authors remain anonymous throughout the analysis process of their articles, as well as reviewers during and after the evaluation. **In case a manuscript receives disagreeing reviews, a third evaluator will take part in the evaluation process.** Once reviews are available, copies of the evaluations are sent to the author(s), together with recommendations for adjustments indicated by the reviewers.

3. **The nature of the published work.** RBLA publishes articles, vocabularies, field diaries, travel reports, book reviews, translations, and ancient studies of inestimable value for the knowledge of languages and cultures of South American Indigenous people. Exceptionally, studies on indigenous languages of the Americas in general are accepted. None of the submitted manuscripts can be simultaneously submitted to other journals.

4. **Submission.** Articles must be submitted through the UNB SEER Platform: <https://periodicos.unb.br/index.php/ling/about/submissions>. The author(s) must register (Login/Password) in the Submissions section. When filling in the data, authors must agree with the conditions established by the journal.

4.1 **Metadata:** Authors must fill out the metadata properly when submitting a manuscript as they are considered in the editing process. As for affiliation, the name of the Institution must be informed in full. After submission, the author(s) receive an e-mail from the editor and, from then on, can follow the evaluation and editing process of the submitted work.

4.2 **Articles.** Articles must be original and unpublished.

4.3 **Book reviews.** Reviews are exclusively for work published in the last two years.

4.4 **Interviews.** Interviews can be carried out with researchers in Brazil or abroad, or other experts — indigenous leaders, activists recognized by their contributions in favor of indigenous peoples, indigenism experts, among others.

4.5 **Vocabularies, Travel reports, Field diaries.** Vocabularies, travel reports and field diaries should make a relevant contribution to the linguistic, cultural, zoological/botanical, and archaeological knowledge of indigenous peoples.

4.6 **Remembrance.** This section is dedicated to publish past studies of fundamental importance for the knowledge of languages and cultures of indigenous peoples.

4.7 **Translations.** Translations should consider the relevance of the work, its methods and theoretical contributions to the study and research of indigenous languages and cultures. Translations should prioritize social inclusion.

4.8 **Languages.** Articles can be written in Portuguese (in accordance with the New Portuguese Language Orthographic Agreement (2016)), French, English, Spanish or in indigenous languages.

5. **Presentation:** All article types should be submitted both in .doc (Word for Windows) format and PDF format.

5.1 **Manuscript format:** Paper size: 8.5 x 11 or A4.

5.2 **Articles**

5.2.1 **Main text :**

- font: Times New Roman
- font size: 12
- line spacing: 1.5

5.2.2 **Citations and footnotes:**

- font: Times New Roman

- font size: 10
- line spacing: single

5.2.3 **Tables, maps, and figures.** Tables, maps, and figures should be sent in high resolution.

5.2.4 **Article Title and Authorship**

Page zero of the manuscript should contain the **title of the work, the author(s) name(s), institutional affiliation, the ORCID of the author(s)**, as well as a **postal address, e-mail address, and telephone number of (one of) the author(s)**.

5.2.4.1 **Title:** the title should appear with the first letter capitalized. Other words may follow the same format, when relevant. The title should be in bold, centered at the top of the first page, single spaced, followed by a Portuguese translation (placed two lines after the title), if the manuscript is written in English. The title should be translated into English if the manuscript is written in any other language.

5.2.4.2 **The name(s) of the author(s):** the name(s) of the author(s) should appear right-aligned on the page, in the third line below the title, with an asterisk indicating a footnote for including the author(s) metadata. These metadata correspond to the following information, in this order: name of the institution to which the author(s) is/are affiliated in full, followed by and acronym, unit, faculty or institute, state, country; department affiliation; e-mail address.

5.2.5 **Abstracts.** Each article should contain, at the top of page 1, two versions of the abstract with a maximum of 150 words each, to be placed three lines after the title and its correspondent translation. If the manuscript is written in Portuguese, one of the abstracts should be in English. If it is written in a different language, one of the abstracts should be in Portuguese.

5.2.6 **Keywords.** Each abstract should be followed by five keywords separated by a period, followed by a space.

5.2.7 **Editing rules.** RBLA follows the rules of the Chicago Manual of Style.

5.2.8 **Citations.** References in the text must be enclosed in parentheses. When an author's name is mentioned in the text, dates and pages should immediately follow his/her name, for example, Thomason

and Kaufman (1988: 40-45). Citations of authors and their respective work should be enclosed in parentheses, for example, (Thomason and Kaufman 1988: 87).

5.2.9 Footnotes. Explanatory notes should be made in footnotes numbered consecutively.

5.2.10 References. A list of references including works that are cited in the manuscript should appear at the end of the manuscript, under the title **References**, following The Chicago Manual of Style.

Examples:

Books

- Bloomfield, Leonard. 1914. *An Introduction to the Study of Language*. New York: Holt, Rinehart, and Winston. [Repr. intro. Joseph F. Kess, Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 1983.]
- Bloomfield, Leonard. 1933. *Language*. New York: Holt, Rinehart, and Winston. [Repr. Chicago: Chicago University Press, 1984. Chapters on historical linguistics issued separately as *Language History*, New York: Holt, Rinehart, and Winston, 1965.]
- Lathrap, D. W. 1970. *The Upper Amazon*. New York and Washington: Praeger Publishers.
- Sapir, Edward, and Morris Swadesh. 1939. *Nootka Texts: Tales and Ethnological Narratives with Grammatical Notes and Lexical Materials*. Philadelphia: Linguistic Society of America and University of Pennsylvania.
- Thomason, Sarah G., and Terrence Kaufman. 1988. *Language Contact, Creolization, and Genetic Linguistics*. Berkeley-Los Angeles: University of California Press.

Book chapters

- Benveniste, Émile. 1966. “Être” et “avoir” dans leur fonctions linguistiques. In Émile Benveniste (ed.), *Problèmes de linguistique générale* (vol. 1, pp. 187–207). Paris: Gallimard.
- Harrison, C. (1986). Verb Prominence, Verb Initialness, Ergativity and Typological Disharmony in Guajajara. In D. Derbyshire & G. K. Pullum (Eds.), *Handbook of Amazonian languages*. (Vol. 1, pp. 407–439). Berlin: Mouton de Gruyter.
- Kaufman, T. 1990. Language history in South America: What we know and how to know more. In D. L. Payne (Ed.), *Amazonian linguistics: studies in lowland South American languages*, (pp. 13-67). Austin: University of Texas Press. Keenan, E. (1976). Towards a Universal Definition of “Subject”. In L.

Journal articles

Campbell, Lyle. 1973. Distant genetic relationships and the Maya–Chipaya hypothesis. *Anthropological Linguistics* 15(3), 113-35.

Faust, Norma. 1963. El lenguaje de los hombres y mujeres en cocama. *Perú Indígena* 10:115-17.

Dissertation and thesis

Rodrigues, A. 1958. *Phonologie der Tupinambá Sprache*. PhD thesis, University of Hamburg.

Correa-da-Silva, Bratriz, C.. 1997. *Urubu-Ka'apor - da Gramática à História: a trajetória de um povo*, Universidade de Brasília.

Noelli, Francisco S. 1993. *Sem Tekohá não há Tekó (em busca de um modelo etnoarqueológico da subsistência e da aldeia Guarani aplicado a uma área de domínio no delta do Jacuí-RS)*. Mestrado em História, Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul.

Conference proceedings

Payne, D. L. 1986. Inflection and Derivation: Is there any difference?. *Proceedings from the First Pacific Linguistics Conference*. Eugene, Oregon.

See also: <https://feup.libguides.com/chicago/estruturabasica>

5.2.11 **Phonetic symbols.** The use of UNICODE is recommended.

5.3 **Reviews.** Reviews should not exceed seven pages. The complete reference of the work under review should follow the rules for articles, with the name(s) of the author(s) of the review appearing in the third line below the details of the reference, preceded by: Reviewed by “the name(s) of the author(s), with an asterisk (or asterisks) indicating a footnote that includes the information mentioned in (5.1.4)”.

5.4 **Translations.** Each RBLA volume publishes up to two translations, except for occasional special volumes.

5.5 **Interviews.** Interviews should be formatted according to the same rules for the title and the author(s) of articles, but the title should be introduced by: “Interview with ...”, followed by an asterisk indicating a footnote with a brief biography of the interviewee. The name(s) of the author(s) of the interview should follow the same recommendations for “authors” of articles (5.1.4).

5.6 **Field Diaries and Travel Reports.** Should follow the same rules for articles.

5.7 **Vocabularies.** Should follow the same rules for articles. Tabs (and not tables) should be used to present vocabulary data.

6. **Acknowledgments:** When applicable, acknowledgments should be located in a footnote.

7. **Supplemental material and/or Appendices.** Supplemental material and appendices are accepted when they are of vital importance to complement the text. They should be inserted at the end of the text, after the list of references, obeying a maximum length of 30 pages.

8. **Further instructions.** Articles that do not meet the journal's guidelines will be returned to the authors. Or revisions will be requested, indicated in a personal letter. Data and theoretical concepts presented in the manuscript, as well as an accurate list of bibliographic references, are the sole responsibility of the author(s).

9. **Copyright - Permission for publication.** Upon acceptance of the submitted article for publication, the authors grant RBLA reproduction and publication rights, according to the definitions of "reproduction" and "publication" on items I and VI, Article 5 of the 9610/98 Law.

10. **Privacy Policy.** RBLA uses authors' names and addresses exclusively for the purposes of the journal and will not be making them available for any other purposes.



Universidade de Brasília

A Revista Brasileira de Linguística Antropológica é um instrumento periódico de promoção e divulgação de estudos científicos nas áreas de interface da linguística sincrônica e diacrônica com as pesquisas sobre as culturas no presente e no passado dos povos das Américas, com as pesquisas sobre as afinidades genéticas entre esses povos e os estudos sobre o meio ambiente em que se desenvolvem. Assim, a revista estimula a colaboração não só de linguistas, mas também de antropólogos, arqueólogos, biólogos e outros pesquisadores que tragam contribuições para melhor compreender a multiplicidade de línguas que caracteriza o nosso continente.



Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas
Aryon Dall'Igna Rodrigues – IL / UnB

ISSN 2176-834X

